



JEANETTE ROZSAS

EDGAR ALLAN POE
O MAGO DO TERROR
ROMANCE BIOGRÁFICO


MELHORAMENTOS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

JEANETTE ROZSAS

EDGAR ALLAN POE

O MAGO DO TERROR

ROMANCE BIOGRÁFICO


MELHORAMENTOS



Retrato do artista.

Para Miguel, Guilherme, Victoria, Marcelo e JOÃO VICTOR, que inaugura a terceira geração.

Agradecimentos

A Lyslei Nascimento, doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e pós-doutora pela Universidade de Buenos Aires, Argentina, organizadora do Congresso Internacional “Para sempre Poe”, pela paciente leitura dos originais e incentivo constante.

A Steve Medeiros, da “Edgar Allan Poe House”, em Filadélfia, que, com seu conhecimento e simpatia, proporcionou informações preciosas sobre a vida de Poe.

A Jeff Jerome, curador da “Poe’s House and Museum”, em Baltimore, que, com seu profundo conhecimento sobre a vida e obra do autor, forneceu elucidativos esclarecimentos.

Agradecimento especial a Regina Maria Pimentel, a maior entusiasta de Poe que conheço, fundadora do site [Poe-Eureka](#), que tanto me ajudou desde o início deste livro. E também aos demais colaboradores do site: Juan Lartigue (México), René van Slooten (Holanda) e Hal Poe (Estados Unidos).

“ *Aos poucos que me amam e os
quais amo; aos que sentem, mais
do que pensam; aos sonhadores
e àqueles que confiam nos sonhos
como as únicas realidades. ”*

Edgar Allan Poe, *Eureka*, 1848.

“Profeta!”, exclamo. “Ó ser do Mal. Profeta sempre, ave infernal!

*Pelo alto céu, por esse Deus que adoram todos os mortais,
fala se esta alma, sob o guante atroz da dor, no Éden distante,
verá a deusa fulgurante a quem nos céus chamam Lenora,
– essa, mais bela do que a aurora, a quem nos céus chamam Lenora!”
E o corvo disse: “Nunca mais!” „*

“O corvo”, tradução de Oscar Mendes e Milton Amado.

Sumário

O autor pela autora

Cronologia

Capítulo 1 RICHMOND: UM MENINO SEGUE SEU DESTINO

Capítulo 2 TERRA FIRME: INGLATERRA, ESCÓCIA, INGLATERRA

Capítulo 3 LONDRES E IRVINE: OS TRISTES DIAS NUMA ESCOLA INGLESA

Capítulo 4 DE VOLTA A LONDRES E AOS ESTADOS UNIDOS

Capítulo 5 TRINTA E SEIS DIAS NO MAR: DE VOLTA A RICHMOND

Capítulo 6 ADOLESCÊNCIA, AMIGOS E POESIA

Capítulo 7 PRIMEIRO AMOR, PRIMEIRA DOR

Capítulo 8 UM CARÁTER EM FORMAÇÃO E UM NOVO AMOR

Capítulo 9 UM ANO DE VIDA UNIVERSITÁRIA: OS DESMANDOS DA JUVENTUDE E NOVAS DECEPÇÕES

Capítulo 10 IDADE ADULTA: O COMEÇO DA BATALHA SEM FIM

Capítulo 11 A RÁPIDA CARREIRA DE UM CADETE DE WEST POINT E UM NOVO LIVRO

Capítulo 12 AS PRIMEIRAS PUBLICAÇÕES. UM PRÊMIO LITERÁRIO E O RECONHECIMENTO DE UM TALENTO ENORME. O COMEÇO DE UMA GRANDE AMIZADE E O FIM DE UM VELHO INIMIGO

Capítulo 13 EDDIE, SISSY E MUDDY: UMA FAMÍLIA DE VERDADE

Capítulo 14 O SUCESSO BATE À PORTA, MAS NÃO FAZ MORADA

Capítulo 15 NOVA ETAPA: FILADÉLFIA. UMA PRODUÇÃO LITERÁRIA EXTENSA, UM INIMIGO FERRENHO E SEMPRE O DESESPERO

Capítulo 16 A PLENITUDE LITERÁRIA. O VÍCIO LEVA A MELHOR

Capítulo 17 FAMA E DESGRAÇA, AS PARCEIRAS CONSTANTES

Capítulo 18 FIM DAS ESPERANÇAS: A DERROCADA FINAL

Capítulo 19 *EUREKA: EM BUSCA DO RENASCIMENTO LITERÁRIO E SENTIMENTAL*

Capítulo 20 O CORVO POUSA NO OMBRO DO GÊNIO

Capítulo 21 A FAMA CHEGA A PARTIR DO VELHO MUNDO – UMA CARTA EMOCIONADA PARA MUDDY

Capítulo 22 BIZARRICES NA VIDA E NA MORTE: DOIS ENTERROS E O VISITANTE NOTURNO

Capítulo 23 A GRANDE BRINCADEIRA FINAL – O DESAFETO SE TORNA TESTAMENTEIRO LITERÁRIO. O TIRO SAI PELA CULATRA

Capítulo 24 POR QUE LER POE?

Capítulo 25 OS FILHOS DE DUPIN

Capítulo 26 DIZEM, MAS NÃO PROVAM

Capítulo 27 UMA CHARADA PARA DUPIN

Aperitivos (PARA ABRIR O APETITE DO LEITOR)

Bibliografia

Biografia da autora

Edgar Allan POE

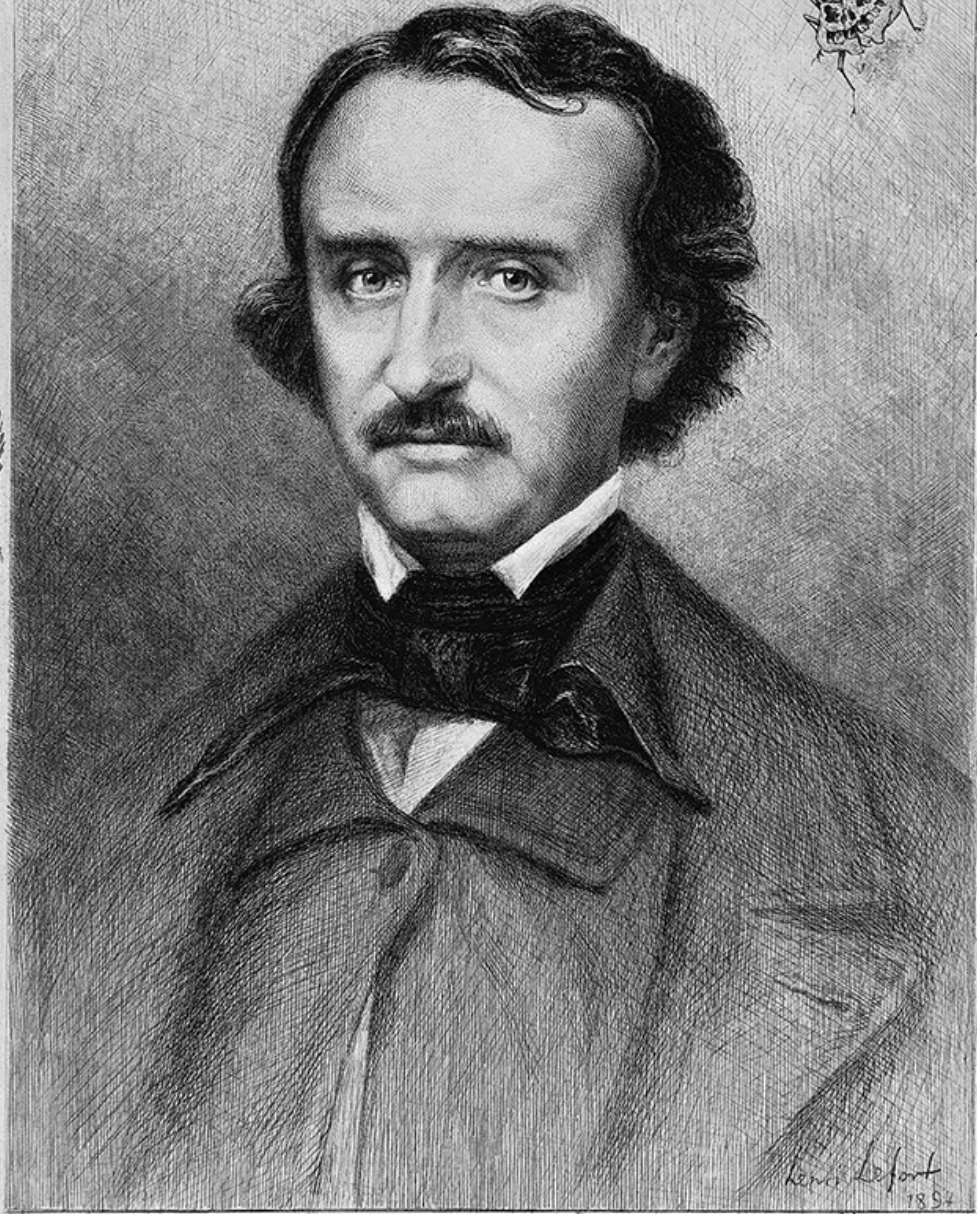


Ilustração de Edgar Allan Poe.

O autor pela autora

Gênio, louco, bêbado, drogado, inconsequente, superlativo, um dos maiores escritores que a América já produziu: assim vem sendo definido Edgar Allan Poe desde a publicação de seus primeiros textos.

Afinal, quem foi esse homem que encanta leitores e intriga biógrafos e críticos há tanto tempo?

Não é à toa que o mais misterioso dos escritores seja o criador do conto de mistério e de detetive, com seu famoso Auguste Dupin, para não falar das narrativas criptográficas e de ficção científica, gêneros nos quais ele incursionou antes de qualquer outro.

Poe definiu as regras a serem observadas na narrativa curta; foi autor não só de ficção em prosa e verso, como também ensaísta e crítico literário, o que lhe valeu grande animosidade de seus pares, já que não costumava ser leniente nem medir palavras ao emitir seu juízo. Com vasta obra, apesar de só ter vivido quarenta anos, deixou marca profunda na literatura universal.

Em 2009 foram festejados os duzentos anos de seu nascimento nas cidades onde morou: Boston, Richmond, Baltimore, Filadélfia e Nova York. Além disso, sites, sociedades literárias e fã-clubes o cultuam pelo mundo afora.

Muitos mistérios rondam sua vida e sua morte. Ele foi enterrado duas vezes, em locais diferentes, e desde 1949, ao soar a meia-noite anunciando o dia 19 de janeiro, data de seu aniversário, um personagem encapuzado deposita três rosas vermelhas e meia garrafa de conhaque em seu túmulo. Seria homem ou mulher? Deste mundo ou do outro? Quem sabe uma de

suas ninfas esquálidas e soturnas, ou então um dos monstros pavorosos que habitam a sua obra e a imaginação de cada um de nós? Ninguém sabe responder. A última vez que a cerimônia secreta se realizou foi no ano seguinte aos festejos do bicentenário. Uma boa data para encerrar um ciclo.

Na forma de romance, mas com absoluta fidelidade aos fatos tirados do vasto material bibliográfico consultado, convido todos – estudiosos e leitores comuns – a acompanhar a trajetória, narrada sob um viés diferente, daquele que é sem dúvida um dos grandes escritores da literatura universal.

A handwritten signature in black ink, reading "Edgar A. Poe." The signature is written in a cursive, calligraphic style with elaborate flourishes and a horizontal line underlining the text.

Cronologia

Edgar Allan Poe (1809-1849), escritor americano.

1809 Nasce Edgar Poe, em Boston, em 19 de janeiro, filho do casal de atores David Poe Jr. e Elizabeth Poe.

1811 Morre Elizabeth Poe, em Richmond, Virgínia, deixando órfãos William Henry, Edgar e Rosalie. Edgar é acolhido por Frances e John Allan, a quem chama de “Ma” e “Pa”, ainda que nunca tenha sido adotado oficialmente.

1815 A família Allan se muda para Londres. Edgar passa a estudar num internato em Irvine e depois em Londres.

1820 A família Allan regressa aos Estados Unidos. Edgar é matriculado em ótimas escolas, como sempre.

1823 Apaixona-se por Jane Stanard, mãe de seu amigo Robert. Inspirado nela, escreve o poema “Para Helena”.

1824 Organiza seu primeiro livro de poesias. Morre Jane Stanard, seu primeiro amor.

1825 John Allan recebe uma grande herança, e a família se muda para uma mansão. Edgar apaixonou-se pela vizinha, Elmira Royster.

1826 Ingressa na Universidade da Virgínia, em Charlottesville, e passa a viver uma vida boêmia. Contraindo dívidas de jogo, pagas pelo pai adotivo, que, no entanto, se nega a matriculá-lo no ano seguinte.

1827 Volta para casa, revoltado contra John Allan. Descobre que suas cartas a Elmira foram interceptadas e ela está casada com outro. O

convívio com John torna-se insuportável, e Edgar parte para Boston, à época a capital literária dos Estados Unidos. Publica a suas expensas o livro *Tamerlão e Outros Poemas*, assinado por “Um Bostoniano”, que não faz sucesso algum. No mesmo ano, alista-se no Exército sob o nome de Edgar A. Perry e é mandado para a Carolina do Sul.

1829 Rescinde o contrato com o Exército. Morre Frances Allan, sua mãe adotiva. Edgar tenta ingressar em West Point. Vai para Baltimore, onde passa a morar na casa de sua tia Maria Clemm, irmã mais nova de David Poe Jr., que, além da filha Virgínia e do filho Henry, também abriga a mãe idosa, viúva de David Poe, avó de Edgar, e o irmão deste, William Henry Leonard, alcoólatra e tuberculoso.

1830 É aceito na Academia Militar de West Point. Seu tutor, John Allan, casa-se novamente.

1831 É expulso de West Point e rompe definitivamente com John Allan. Publica *Poemas*, uma versão ampliada dos livros anteriores. Começa a escrever contos para jornais. Morre seu irmão William Henry.

1833 Recebe a primeira láurea literária, com o conto “Manuscrito encontrado numa garrafa”. Torna-se amigo e protegido de John P. Kennedy, que o encaminha na carreira de escritor.

1834 Tenta reconciliação com Allan, porém é malsucedido. Este morre no mesmo ano, sem incluir Poe no testamento.

1835 Deixa Baltimore para trabalhar como redator na *Southern Literary Messenger*, em Richmond. Consegue multiplicar as assinaturas da revista, mas é mandado embora por causa da bebida. Retorna à casa de Maria Clemm. Aos vinte e seis anos, casa-se secretamente com a prima Virgínia, de treze.

1835 É reconduzido a seu posto na *Southern Literary Messenger*. Muda-se com a família para Richmond, onde celebra novamente o casamento. Permanece no emprego até janeiro de 1837 quando rompe com o editor.

1837 Transfere-se para Nova York, que atravessa grave crise financeira. Não consegue emprego.

1838 Nova mudança, dessa vez para a Filadélfia. Lá escreve *O Relato de Arthur Gordon Pym*, publicado em capítulos na *Southern Literary Messenger*, mesmo depois de cortadas as relações editoriais.

1839 Passa a trabalhar na *Burton's Gentleman's Magazine*. Edita em dois volumes os *Contos do Grotesco e do Arabesco* (mais tarde, traduzido por Charles Baudelaire para *Histórias Extraordinárias*, título que passou a nomear a obra).

1841 Tenta fundar uma revista mensal de grandes pretensões literárias, a *Penn Magazine*, mas fracassa na empreitada. É contratado para trabalhar na *Graham's Magazine*, onde faz fama como redator experiente, escritor de histórias de terror, poeta e crítico brilhante. Colabora ocasionalmente com outros periódicos.

1842 Virgínia adoece seriamente. Poe publica vários contos e sai da *Graham's Magazine* por obra de intrigas feitas por um auxiliar, Rufus Wilmot Griswold. Retoma a ideia de criar uma revista literária de altíssimo nível, agora denominada *The Stylus*.

1843 Os amigos conseguem-lhe uma entrevista na Casa Branca, para tentar obter um emprego no governo. Em Washington, Poe se embriega e perde a oportunidade. Retorna à Filadélfia. Agrava-se o estado de saúde de Virgínia, que está tuberculosa. Edgar volta a beber. É feita uma pequena edição de alguns de seus contos, mas não vende quase nada.

1844 Decide levar a família para Nova York, vivendo da venda de artigos e contos para jornais e revistas. Com o agravamento do mal que aflige a mulher, aluga aposentos fora da cidade, numa propriedade rural no vale do Rio Hudson. Lá dá a redação final ao seu poema “O corvo”.

1845 Em 28 de fevereiro, é publicado “O corvo” anonimamente no *Evening Mirror*. Faz sucesso estrondoso, e a autoria é dada a conhecer. Nesse mesmo ano é publicada uma antologia de seus contos e também *O Corvo e Outros Poemas*. O autor finalmente obtém o reconhecimento de público e de crítica, mas a pressão é grande demais, e ele recorre à bebida. Entra em guerra declarada com os escritores da Nova Inglaterra, sobretudo com Henry Wadsworth Longfellow. Frequenta os círculos literários de Nova York e se envolve com a poetisa Fanny Osgood.

1846 Fracassa o projeto da revista literária. Muda-se para Fordham, próximo a Nova York, com Maria e Virgínia, cada dia mais doente.

1847 Morre Virgínia, em 30 de janeiro. Poe adocece gravemente, mas se recupera e volta à Filadélfia para tentar, ainda uma vez, a revista literária. Fracassa e retorna a Fordham, novamente doente. Escreve o poema em prosa *Eureka*.

1848 Recebe do editor Putnam, de Nova York, algum dinheiro em adiantamento por *Eureka*, que é publicado naquele mesmo ano. Escreve ensaios e é convidado a dar uma conferência na cidade de Lowell. Em setembro, vai a Providence e pede em casamento a poetisa Sara Helen Whitman, que fica reticente. Em novembro, tenta o suicídio, e, alguns dias depois, Sara concorda em se tornar sua esposa. É marcado o casamento, mas Poe volta a beber, e o noivado é rompido.

1849 Produção literária prolífica. Escreve críticas, contos e poemas, dentre os quais “Annabel Lee”. Fica noivo da namorada de adolescência Elmira,

então viúva. No final de setembro, pouco antes do dia do casamento, viaja para Nova York. Em 3 de outubro, é encontrado em Baltimore, caído numa calçada, tendo convulsões. É hospitalizado e morre em 7 de outubro.

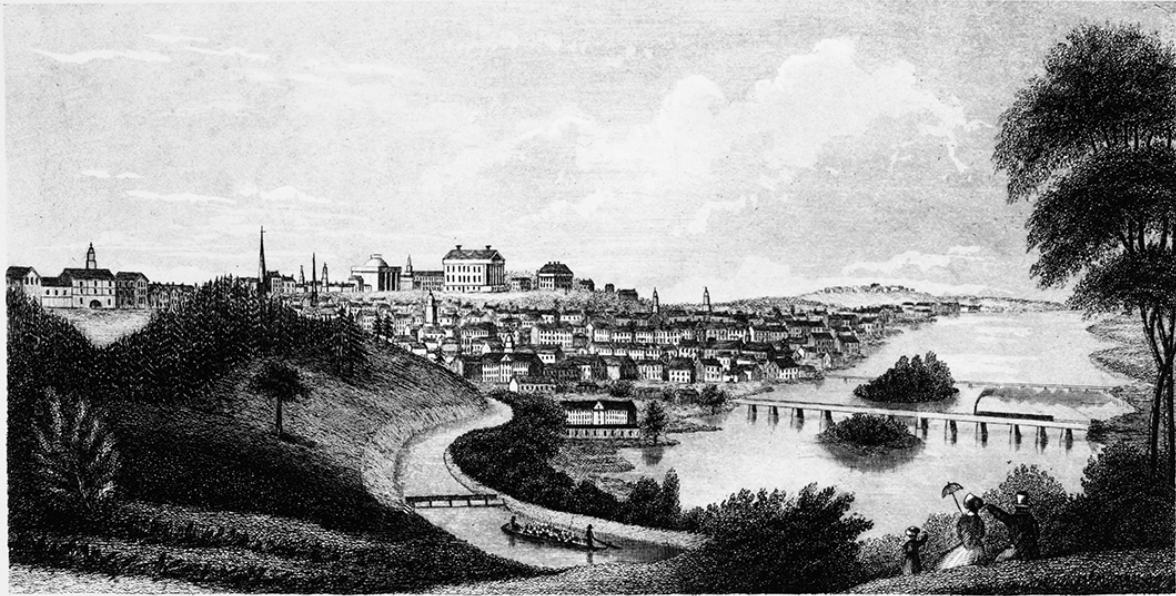
*“ Dedico este livro àqueles que creem firmemente que
somente os sonhos são realidade. ”*

Edgar Allan Poe, prefácio de *Eureka*, 1848.

Capítulo 1

[1811-1815]

Richmond:
um menino
segue seu
destino



RICHMOND.

The Capitol, City Hall & the Governor's House are seen in the central part - the State Penitentiary is seen on the extreme left.

O Rio James, de onde partiu o navio Lothair,
levando a família Allan para a Europa.
Ao fundo, a cidade de Richmond, Virgínia.

*“ Fosse-me a infância um sonho prolongado! Nem
a alma despertasse, até que o brilho da manhã
viesse numa Eternidade! ”*

E.A.P., Poesia: “Sonhos”.

Na tarde de 17 de junho de 1815, o *Lothair*, ancorado ao largo do Rio James, na Virgínia, Estados Unidos, preparava-se para partir com destino à Europa.

Já soava o terceiro e longo apito, causando um aperto no coração do pequeno Edgar, que, da balastrada, olhava o porto. Deixar para trás os amigos, a vida que tinha conhecido até então, lhe doía no peito. Estava prestes a começar uma longa viagem, atravessar o oceano, e, por mais que sua Mãe e tia Nancy garantissem que ia ser muito divertido, ele não conseguia mudar de humor.

Os últimos dias de preparativos tinham sido amargos. Mãe e tia Nancy estavam muito ocupadas com as malas, e Pa chegava nervoso do trabalho. Mal tinham tempo para Edgar, que se sentia solitário e deslocado.

– Você vai gostar da nova família – assegurou-lhe o Pa, com um afago nos cabelos negros e cacheados que encantavam a todos. – Terá muitos primos para brincar, muita coisa nova para ver. A Escócia é linda, e nossa família, bem grande.

Essas conversas, porém, não eram suficientes para convencer Edgar. Ele não via nada errado em Richmond, onde moravam, não queria se mudar para lugar nenhum. Começou a sentir um ardor nos olhos, e logo grossas lágrimas escorriam pelo seu rosto e molhavam a gola da camisa engomada.

O derradeiro apito soava como um mugido, anunciando a proximidade da partida. Edgar agarrou-se à mãe e, assim que começaram a se mover, perdeu totalmente o controle, pondo-se a soluçar.

– O que é isso, meu amor... – A mãe o apertou contra si, enquanto tia Nancy o enchia de beijos. – Vamos, vamos, você verá que esta será uma grande aventura, melhor ainda do que aquelas que acontecem nos livros. E lembre-se de que trouxemos vários para você se distrair durante a viagem.

Isso o animou um pouco. De fato, sua maior distração eram os livros coloridos, que tanto amava. Alfabetizou-se muito pequeno ainda: enquanto a mãe ou a tia liam para ele, encompridava os olhos para tentar entender, sozinho, as maravilhosas aventuras. As imagens tomavam vida em sua cabeça, e sempre reclamava quando vinha o inexorável “Bem, por hoje já chega”. Por isso, esforçara-se para decifrar o que continham aquelas páginas; só assim poderia continuar as histórias até quando bem entendesse.

À medida que o navio ia se afastando, mais aumentavam o desconsolo e a crise de choro. Não foram os carinhos nem os beijos da mãe ou da tia que fizeram com que as lágrimas estancassem, e sim a voz ríspida do pai:

– Pare com isso, Edgar. Você está parecendo um bebê chorão.

O garoto, agora com seis anos, guardava lembranças tristes. Depois de perder a mãe biológica aos dois anos, fora separado dos irmãos e levado para morar com os Allans.

Apesar de Frances Allan e sua irmã Nancy terem verdadeira adoração por ele, o tutor, John Allan, a quem chamava de Pa, não era dos mais afáveis. Não que não se dessem bem. É que John, um comerciante bem-sucedido e muito atarefado, não tinha nem tempo nem jeito com crianças. E nenhuma paciência para birras!

– Um menino do seu tamanho chorando na frente de toda essa gente. Ora, onde já se viu!

Quatro anos tinham se passado desde que Edgar chegara à casa dos Allans. John não se arrependia de ter tomado o órfão sob seus cuidados. Nesse aspecto, ele se identificava com o menino, uma vez que, ainda adolescente, também ficara órfão, indo morar com parentes. Lembrava-se de toda a dor e solidão que sentira, ainda mais quando a família decidiu se mudar da Escócia para os Estados Unidos. Foi assim que veio a fixar-se em Richmond. Quanto a Edgar, parecia uma criança inteligente; no entanto, resistia em adotá-lo, apesar da insistência da mulher.

– Calma, Frances, quero mais tempo para tomar um passo desses. Uma coisa é criar o garoto com todo o conforto e dar-lhe uma boa educação; outra é fazê-lo meu filho e herdeiro.

Frances se apaixonara pelo menino desde que o vira pela primeira vez. Em oito anos de casamento, o casal não tinha filhos, fato do qual ela se ressentia muito. Quando Edgar surgiu no horizonte, parecia que a mulher renascera. Tornou-se mais alegre, tanto ela quanto a irmã solteira, Nancy Valentine, que morava com os Allans desde o falecimento da mãe de ambas.

Nas primeiras vezes em que tocou no assunto com John, ele opôs resistência.

– Se Deus não nos mandou filhos, Frances, é melhor que fiquemos assim.

– Mas, John, você nem ao menos viu o menino: ele é bonito, esperto, inteligente...

– Querida, por enquanto ele tem mãe viva, ao que me consta.

– Não por muito tempo. – O rosto bonito de Frances se anuviou. – Cada dia que passa, a pobre Elizabeth fica mais e mais fraca.



Retrato de Elizabeth Arnold Hopkins Poe, mãe de Edgar Allan Poe.

Frances sabia da história de Elizabeth Poe: atriz de talento razoável, impedida de atuar por causa da tuberculose, morava de favor na casa da Sra. Phillips, a modista onde ela e Nancy compravam seus chapéus, fitas e golas de renda.

– Imaginem só o desespero dessa moça. Tão jovem ainda, nem chegou aos trinta anos, e uma vida tão sofrida... Enviuvou aos dezoito. Depois, casou-se com esse pilantra do David Poe, que a abandonou com dois filhos pequenos. E, ainda por cima, ficou doente, coitada! – comentava com suas clientes.

– Como ela faz para viver, Sra. Phillips?

– De favor, Sra. Allan. Contratada pelo empresário do grupo teatral, o Sr. Placide, para atuar em sua companhia, alugou um quarto aqui em casa. Mas sua presença no palco foi diminuindo cada vez mais por causa da doença, até que ficou totalmente sem condições. Eu deixei de cobrar o aluguel, com pena da moça. Os atores do grupo fazem uma ou outra apresentação para levantar fundos em seu favor, mas nada que baste para cobrir as despesas.



Casa da modista Sra. Phillips em Richmond, onde a mãe de Edgar Allan Poe, Elizabeth, morou de favor com seus filhos.

– E o marido? – perguntou Nancy.

A Sra. Phillips deu de ombros.

– Sabe como são os homens... Quem o conheceu diz que era muito bonito, mas sem talento algum como ator. Era a pobre Elizabeth, uma atriz de verdade, quem garantia os contratos. Ele nunca chegou aos pés da mulher, assim dizem. Até que um dia se foi. Na minha opinião, largou Elizabeth por despeito e por não querer enfrentar a carga de criar Henry e Edgar... Para completar a desgraça, depois que abandonou a família ainda nasceu mais uma criança, a Rosalie.

– Não há como avisá-lo da situação da esposa e dos filhos?

– Ninguém sabe de seu paradeiro. Há um boato de que morreu de febre amarela...

Eddie, como era chamado em casa, tinha apenas uma vaga lembrança dos tempos em que morara na casa da Sra. Phillips. O que jamais esqueceu foi a dor de saber que nunca mais veria a mãe e o desespero ao ser separado dos irmãos. William Henry, o mais velho, fora levado para a casa de parentes, e Rosalie, praticamente um bebê, para a de William Mackenzie, cuja esposa, amiga de Frances Allan, também frequentava a loja da Sra. Phillips e acompanhara a agonia de Elizabeth. Os Mackenzies tinham dois filhos, John e Mary, mas ainda assim decidiram ficar com a menininha. Os irmãos Poe quase nunca se viam desde a época da separação, e agora Eddie estava indo embora do país.

Seus pensamentos foram interrompidos pela mãe, que o chamava para entrar. Começava a ventar bastante, e ela não queria que seu menino pegasse gripe.

A viagem foi um horror para Eddie. Ele enjoou o tempo todo, não conseguia nem pensar em comida, não queria brincar, nem mesmo ler. Tia Nancy e Ma se revezavam a seu lado, e até mesmo Pa começou a se preocupar. Procurou elevar o moral do menino:

– Então, Eddie, estranhando a vida marítima, hein? Desse jeito você não poderá aspirar a fazer carreira na Marinha e se tornar um almirante.

Edgar esboçou um sorriso.

– Pa, falta muito para a gente chegar?

– Agente firme. Já estamos quase lá. Minhas narinas farejam o ar do Velho Mundo.

Capítulo 2

[1815]

Terra firme:

Inglaterra,

Escócia,

Inglaterra



Irvine, na Escócia. Cidade natal de John Allan, pai adotivo de Poe.

“Era uma tarde calma e silenciosa aquela em que eu vagueava pela formosa cidade de Edina (a clássica Edimburgo). ”

E.A.P., “Uma trapalhada”, 1838.

Finalmente, na manhã de 28 de julho, acabou o tormento: o *Lothair* ancorou no porto de Liverpool. No entanto, a viagem não tinha terminado.

O destino da família era a terra natal de John Allan, Irvine, um pequena cidade portuária na Escócia, onde ele pretendia se estabelecer. Lá vivia boa parte de seus parentes, especialmente os Galts e os Fowlds, muitos primos e sobrinhos, que, segundo ele, fariam boa companhia a Eddie.

Os primeiros dias foram de visita aos familiares e a diversos amigos, não só em Irvine, como também na vizinha Kilmarnock. Ambas as cidades eram lindas, com seus casarões e castelos antigos, além de várias ruínas, em meio às quais as crianças brincavam, dando asas à fantasia.

Edgar não contava que fossem tantos meninos e meninas! Os recém-chegados eram recebidos com almoços que duravam o dia inteiro. A garotada corria solta pelos campos que se estendiam a perder de vista e, após um dia extenuante de brincadeiras, rolava e deitava no gramado macio.

John estava feliz. Voltava a sua terra e a sua gente depois de tantos anos de ausência. Saíra de lá ainda um moleque. A sensação de estar em

solo pátrio, cercado de amigos e parentes, causava-lhe profundo bem-estar.

Após as emoções dos reencontros e estreitamento dos laços familiares, chegava a hora de cuidar dos negócios. O propósito da ida para a Europa era abrir uma filial da firma americana de fumo na qual ele tinha participação como sócio mais jovem. O primeiro passo seria visitar as grandes capitais para estabelecer contatos. Uma noite, durante o jantar, anunciou à família:

– Terei de viajar nos próximos dias para Glasgow e Edimburgo. Como vocês devem ter notado, Irvine é maravilhosa, mas não propriamente para negócios. Preciso me encontrar com os comerciantes importantes, estudar o mercado, avaliar as possibilidades.

– Quanto tempo você pretende ficar fora? – perguntou Frances.

– Não sei ainda. Talvez uns quinze dias.

Edgar, que tentava esconder as tiras de fígado que detestava sob o arroz, logo aparteu:

– Pa, por que você não nos leva também?

John ficou de pensar. À noite, já recolhidos, perguntou à esposa o que ela achava da ideia.

– Não sei, querido, acho que podemos atrapalhar você.

– Por outro lado, o menino veria uma sucessão de paisagens e lugares. Seria muito bom para a educação dele.

– Fico contente, John, por ver que você está se afeiçoando a Eddie e levando em conta os interesses dele.

– Claro que gosto dele. É um bom garoto. Inteligente e cheio de vivacidade, o danadinho. – Rindo, decidiu-se: – Sim, vou levá-lo. Você e Nancy também virão. Tenho certeza de que vão gostar do passeio.

Feitos os contatos nas cidades visitadas, John concluiu que os tempos não se mostravam propícios para a abertura da empresa na Escócia. O

melhor mesmo seria estabelecer-se em Londres. Participou sua decisão à família:

– Não há como evitar. Os negócios só poderão ir adiante se eu me estabelecer em Londres. Portanto, vamos preparar a mudança o mais breve possível.

– Mas mal chegamos aqui, John... – disse Frances.

– Infelizmente, não há alternativa. Você sabe como amo minha terra, mas em Irvine é impossível progredir comercialmente. Mesmo em Edimburgo ou Glasgow. As chances estão em Londres, e é para lá que mudaremos.

Edgar sabia quando o pai falava de modo definitivo. Ainda assim, ousou:

– Pa, agora que estou gostando tanto daqui, com os primos e tudo o mais...

– Sinto muito, Eddie, a decisão já está tomada. Você vai gostar de lá também.

– Mas os primos...

– Basta, Edgar! Pare de agir como uma criança mimada.

Com isso, o assunto foi encerrado, e novamente começaram os preparativos.

Lá se foram os dias de alegria, de tantas brincadeiras com a garotada, correr pelos campos sentindo o vento no rosto, esconder-se nas ruínas de Stonecastle e assustar os primos mais novos, nadar no Rio Irvine... Nova mudança, nova viagem, novas pessoas, sem a grande família e os muitos amigos havia pouco descobertos. Iam para um lugar onde não conheciam ninguém.

Edgar levou seus temores à mãe e à tia, que, como sempre, trataram de animá-lo.

– Eddie, querido, você conhecerá muitos meninos e meninas lá, tanto quanto aqui em Irvine.

– Como, Ma? O Pa não tem família em Londres.

Tia Nancy logo veio em socorro da irmã:

– Você não estará sozinho: tem a nós. Vamos explorar cada canto de Londres. Uma aventura e tanto!

E Ma prosseguiu:

– Pense em todas as novidades que vai conhecer, em todos os passeios que faremos juntos. E que logo terá um monte de amigos.

Na verdade, era a terceira vez que Edgar teria de refazer amigos nos seus seis anos de vida. Até os cinco, estudara numa escola em Richmond; mal completara seis, fora matriculado em outra, considerada melhor. Com essa partida, novamente estaria diante do desconhecido.

Capítulo 3

[1815-1820]

Londres e
Irvine: os tristes
dias numa
escola inglesa



Vista panorâmica de Londres, à época em que os Allans moraram na cidade.

*“Minhas mais remotas recordações da vida escolar
estão ligadas a uma grande e extravagante casa
de estilo elisabetano numa nevoenta aldeia da
Inglaterra [...]”*

E.A.P., “William Wilson”, 1839.

Os Allans chegaram a Londres num dia de outono, ensolarado e frio. Instalaram-se por alguns dias num hotel, até a mudança definitiva para a ampla casa de número 47, em Southampton Row.

A vida não demorou a entrar no ritmo, e logo pareciam aclimatados. As mulheres costuravam diante do fogo da lareira na agradável sala de estar, enquanto o menino, deitado no tapete, lia seus livros. Estes, sim, eram os verdadeiros amigos, dos quais ninguém poderia afastá-lo, nem mesmo o pai.

No entanto, nova mudança estava por vir. John encasquetou de enviar o pupilo de volta para Irvine a fim de continuar os estudos, iniciados em Richmond e interrompidos com a viagem para a Europa. O primo James Galt, já um rapaz, passava um tempo em Londres e foi encarregado de levar Edgar consigo para a Escócia. O menino soluçava, no que era secundado pela mãe e pela tia.

– Ma, tia Nancy, me ajudem, pelo amor de Deus! Eu não quero ir embora, não quero ficar longe de vocês!

Os três choravam abraçados. Tentar sensibilizar John Allan mostrara-se inútil. Ele tinha se proposto a dar a melhor educação possível à criança. Achava que longe dos mimos excessivos das mulheres teria melhores condições de se desenvolver e, no futuro, tornar-se um homem de sucesso.

Irvine, antes tão divertida aos olhos de Edgar, perdera todo o encanto.

Foram direto para a casa da irmã de John, a tia Maria.

– Bem-vindo, Eddie. Que bom rever você. E como cresceu nesses poucos meses!

Edgar cumprimentou-a polidamente, mas seus olhos se mantinham frios; nos lábios, nem sombra de sorriso. Pela primeira vez, deixava de se esmerar em agradar aos outros, como era seu hábito. Talvez o esforço para sentir-se aceito fosse demasiado e a máscara não conviesse no momento. Não conseguia disfarçar a contrariedade.

À noite, no quarto que passou a dividir com James, botou para fora todo o ressentimento:

– Meu pai não me aceita. Faço tudo para que ele goste de mim, mas parece que não consigo acertar. Ele está sempre brigando comigo. Na verdade, acho que me detesta.

– Ora, Eddie, deixa disso. É claro que tio John quer bem você. É o jeito dele...

– Ele implica com tudo. Nada do que faço está bom.

– Eu não notei nada diferente. Acho que ele é com você como é com todos nós.

– Você não nos viu em casa, quando estamos só nós. A Ma e a tia Nancy, essas, sim! Eu amo as duas tanto quanto elas me amam... se não for mais. Acho que o Pa tem ciúme. É por isso que me mandou embora de Londres para essa maldita escola. Só para me afastar da Ma e da tia Nancy.

Nos dias que se seguiram, James ouviu os constantes desabafos do menino e depois comentou com tia Maria:

– Eddie é um menino incrivelmente inteligente! Ele tem uma maturidade invejável para a idade. Discute como gente grande, fica até difícil rebater seus argumentos. Pelo que temos conversado, noto que entre ele e tio John está se formando um abismo. Acho que os dois não se entendem mesmo: Eddie é sensível em excesso, e tio John, um turrão incorrigível. Uma pena!

– É mesmo. A pobre Frances fica no meio, procurando ajeitar a situação. Bem que eu notei quando estavam aqui. Mas o John não é o tipo ideal de pai para uma criança como Edgar...

– Por que a senhora acha isso? Edgar é um grande garoto.

– Eu sei, eu sei. Mas é levado, gosta de chamar atenção, precisa de demonstrações constantes de afeto, é muito carente.

– Pudera, com uma história como a dele...

– Meu irmão John não é do feitio amoroso. Ele não deixará faltar nada ao menino, mas não lhe peça que se derreta de amores como fazem Frances e Nancy. Nem mesmo se fosse filho do próprio sangue...

– É mesmo uma pena. Vai ser cada vez mais difícil o relacionamento deles. Sabe o que acho? Que o tio John é quem sai perdendo.

Como era diferente a Irvine de agora! Não mais as festas, os longos almoços com a família e os amigos, as brincadeiras, tantas lembranças boas, tantas horas de diversão com os primos. A vida tornara-se severa, cheia de horários a cumprir, além de serviços religiosos aborrecidos e longos, em sombrias igrejas de Irvine e Kilmarnock.

A escola era um terror: escura, cheia de disciplina, rigor, silêncio, professores vestidos com uma pelérine negra sobre a roupa, mais parecendo um bando de corvos. Tudo era envolto num clima de

austeridade, até mesmo as horas de descanso, quando poucas brincadeiras eram admitidas.

Certo dia, um dos mestres anunciou um torneio entre os alunos, fato que fugia ao ritmo normal das aulas, despertando, por isso, o interesse de todos. A única informação que tinham era que a competição seria feita fora dos muros da escola.

Diante da novidade, os meninos se mostraram agitados e barulhentos na manhã gelada. As filas foram formadas por classes: os pequenos primeiro, os mais adiantados em seguida. Guiados por professores e bedéis que não se cansavam de exigir silêncio, foram andando, cheios de curiosidade. Finalmente, chegaram ao destino: o cemitério local. Houve um “ahhh” de espanto e decepção ao ser anunciado que era lá que se daria o concurso. Os meninos foram convidados a entrar um a um, em absoluto mutismo. A advertência era desnecessária, porque a animação tinha se evaporado, suplantada pelo medo. Os garotos não entendiam o que vinham fazer no meio daquelas sepulturas, que lhes causavam calafrios. Logo a curiosidade foi satisfeita e explicado em que consistia o certame: todos teriam de copiar os dizeres dos epitáfios. A classe que conseguisse copiar o maior número deles e sem erros de escrita ganharia o prêmio: uma Bíblia de couro.

O dia se estendia cada vez mais gelado e escuro. Os alunos, especialmente os pequenos, tremiam de frio e de medo, olhando sobre os ombros, esperando em cada aleia que alguma assombração aparecesse. Os mais velhos viram aí uma boa oportunidade de se divertir: escondidos atrás das lápides, tentavam assustar os menores com ruídos, lamentos e sussurros.

Edgar sentiu um pavor imenso. Nunca tinha entrado num cemitério. A ideia da morte o angustiava porque ecos do passado chegavam ao

consciente. Era muito pequeno quando a mãe morrera, nem se lembrava dela, mas a sensação de luto fora demasiado forte para que não ficasse gravada no fundo de sua alma. E agora, naquele cemitério, as lápides brancas e os grandes ciprestes... Ele queria sair de lá o mais depressa possível, ele queria estar em casa com a Mãe e a tia Nancy, ele odiava a escola, Irvine e o pai.

Engolindo as lágrimas, procurou copiar os dizeres dos túmulos. Seu rendimento foi baixo, o que não teve muita importância, porque a classe dos meninos maiores ganhou por folgada margem.

Naquela noite, Eddie não conseguia dormir. Cada vez que fechava os olhos, era atormentado por cenas que o deixavam apavorado. Lá pelas tantas, perguntou ao primo James:

– Jimmy, você já entrou num cemitério?

O primo, que começava a pegar no sono, murmurou alguma coisa e virou para o outro lado. Edgar insistiu:

– Você já entrou ou não?

Dessa vez, James acordou. Conhecia bem o garoto para saber que, se não respondesse logo, não teria sossego.

– O que você quer, Eddie? Eu já estava quase dormindo.

– Quero saber se você já entrou num cemitério.

– Claro que sim.

– Quando?

– Sei lá... Quando meu avô morreu. E às vezes a gente andava por lá, na saída da escola.

– Você ficou com medo?

James hesitou um segundo antes de responder:

– Quem, eu? Medo? Medo de quê?

– Bom, não sei... Aqueles túmulos... Saber que debaixo da terra tem gente morta, um monte de esqueletos enterrados.

– Se estão enterrados, não tem do que ter medo.

– Mas e se algum escapar?

– Como vai escapar se está morto, bobinho? Você não sabe que, depois que botam o caixão lá embaixo, jogam um monte de terra até encher a cova e ainda uma camada de cimento?

– Quer dizer que ninguém escapa?

– Claro que não. Mesmo porque, para ficar lá embaixo, tem de estar morto, e mortos não costumam andar por aí.

Edgar ficou em silêncio, e James achou que poderia voltar a dormir. Estava enganado. Pouco depois, a voz do primo soou no escuro:

– E se a pessoa não morreu de verdade?

– Bom, pode acontecer, mas aí mesmo é que ela não vai conseguir escapar. O máximo que poderá fazer é esperar dentro do caixão até morrer.

– E se levar anos?

Dessa vez, James não aguentou e estourou numa gargalhada.

– Não leva anos, seu tonto. A pessoa morre sufocada, sem ar, entendeu? Leva apenas algumas horas. E agora me deixa dormir; amanhã nós dois temos que acordar cedo.

Só que para Edgar, o sono não vinha. Pensava, aterrorizado, naquelas pessoas embaixo da terra, presas dentro do caixão, quem sabe ainda vivas. Resolveu fazer um teste: tapou o nariz e a boca para ver quanto tempo levaria para morrer. Muito mais rápido do que imaginava, sentiu que estava sufocando e foi com horror e alívio que tomou um longo hausto de ar.

Desde essa época, passou a ter verdadeiro pavor do escuro. Era comum acordar no meio da noite, assombrado por terríveis pesadelos: ora uma

mão gélida tocava seu rosto, ora uma máscara de maldade o olhava intensamente. Sem desejar acordar o primo, que certamente riria de seus medos, afundava a cabeça no travesseiro e se cobria todo até quase não conseguir respirar.

Os dias se arrastavam. Edgar ansiava por voltar aos braços carinhosos de Ma e tia Nancy. Aparentemente, seus desejos foram ouvidos: por uma razão ou outra, tia Maria, que já não era jovem, cansou-se da responsabilidade de ter uma criança em casa. Pediu ao irmão que mandasse buscar o pequeno. A família novamente se reunia. Edgar reencontrava o amor e a segurança do lar.

Capítulo 4

[1817-1820]

De volta a
Londres e aos
Estados Unidos



Manor House, internato num subúrbio de Londres, onde Edgar Allan Poe estudou.

“ [...] o *Wissahickon* é de tão notável beleza que, se fluísse na Inglaterra, seria tema de todo bardo e assunto de toda conversa [...] ”

E.A.P., “Manhã no *Wissahickon*”, 1844.

O reencontro de Edgar com Ma e tia Nancy foi tocante. Os três não se cansavam de se abraçar e de se beijar. Carinhos, lágrimas, presentes e muita alegria.

– Meu filho amado, que saudade! A casa sem você não é a mesma.

– Oh, Ma, nem acredito que estou aqui! Às vezes achava que nunca mais voltaria, que ficaria para sempre preso naquela escola. Vocês nem imaginam como era a vida lá...

– Fizemos ideia pelas suas cartas, coitadinho... – atalhou tia Nancy.

– O que eu contava nas cartas era só uma vaga noção. Eles examinavam a correspondência, e eu tinha medo de contar tudo e ficar de castigo. Ou mesmo de apanhar, o que não seria muito difícil.

Ma ficou horrorizada.

– Eles bateram em você?

– Em mim, não, mas vi alunos levar surras para que aprendessem a se comportar. Cada dia que passei naquela escola foi uma tortura.

– Meu pobre filhinho! Mas agora você está de volta, vamos esquecer tudo o que passou e aproveitar a felicidade de estarmos juntos.

Até John mostrou-se contente.

– Olá, Eddie. Que bom ver você! Está mais forte, com ar corado. A escola teve um bom efeito sobre o seu desenvolvimento. Pena que Maria não possa mais tê-lo como hóspede. Aliás, nem sei por quê. Pelo que ela me disse, você não dava o menor trabalho e se entendia muito bem com James. Enfim... – John deu de ombros, aceitando a volta do tutelado com algum prazer.

A mãe e a tia aproveitaram o intervalo na conversa para tirar o menino da esfera paterna.

– Venha, Eddie, venha ver seu quarto. Foi tudo planejado por Nancy e por mim.

O quarto fora redecorado, os livros colocados numa estante junto à escrivaninha, tudo novo, um ambiente mais do que propício para um menino de oito anos estudar com muito conforto. Eddie ficou encantado! Que diferença da escola, com suas classes cinzentas e sem nenhum enfeite! Até uma estante cheia de livros a sua Mãe providenciara. Sem falar no cavalinho de madeira, tão lindo, com estribos e arreio de couro, crina e rabo de verdade. Eddie imediatamente montou e pôs-se a balançar para a frente e para trás. A luz do sol infiltrava-se pela cortina diáfana, deixando ver lá fora o gramado bem aparado. Era um momento especial, e ele quis gravá-lo na lembrança para sempre. Poucas vezes na vida se sentira tão feliz!

Os dias que se seguiram mantiveram o clima de encantamento: à mesa, as conversas eram animadas e giravam em torno das novidades de Irvine e de Londres; das refeições sempre constavam os pratos prediletos do recém-chegado.

A rotina logo se instalou. Após o jantar, a família ia para uma saleta de estar. John fumava seu cachimbo, as mulheres faziam seus trabalhos de agulha, e Edgar lia um livro. Antes de se deitar, o menino tomava o leite

com biscoitos que a empregada lhe trazia. Na cama, esperava a mãe e a tia para o beijo de boa-noite, quando então conversavam mais um pouco. Foram-se os tempos em que tinham de ler para ele. Entretanto, as histórias que lhe contavam eram aguardadas com ansiedade, e ele lhes fazia muitas perguntas, só para tê-las um pouco mais a seu lado. Entre lençóis perfumados, Edgar pegava num sono feliz.

Para não interromper os estudos do enteado, John foi visitar um internato em Sloan Street, cujas proprietárias, as irmãs Dubourg, não faziam a menor objeção a que o menino começasse de imediato, ainda que as aulas estivessem no meio do semestre.

As despedidas foram quase sem lágrimas. Mesmo interno, só o fato de estar em Londres e perto de casa tornava a separação menos dolorosa.

A escola revelou-se muito aprazível, bem diferente do opressivo colégio de Kilmarnock. No entanto, John queria o melhor, e o melhor era, sem dúvida, a escola do reverendo Bransby, onde estudavam os filhos das famílias ricas.

Mais uma vez um choroso Edgar partia. O internato, Manor House, ficava num subúrbio de Londres, Stoke Newington, aonde a cidade ainda não chegara; por isso era considerado campo. Tratava-se de um local agradável, com muito verde e árvores frondosas que margeavam uma velha estrada romana.

Tanto a escola como o diretor se mostraram intimidadores, mas Edgar saiu-se muito bem nos estudos. Numa reunião de pais e mestres, o reverendo Bransby teve uma conversa com John e Frances:

– O garoto é muito inteligente, Sr. Allan; eu diria até brilhante. Adora os livros, é ótimo aluno, destaca-se na classe. É o melhor em Latim e Matemática, e vai muito bem nas outras matérias. Só que tem gênio forte e é voluntarioso.

Frances atalhou depressa:

– Mas meu Eddie é um bom menino, não é verdade, reverendo?

– Sem dúvida, Sra. Allan. No entanto, recomendo pulso firme com ele... e menos dinheiro no bolso. Acho prejudicial para uma criança andar com tanto dinheiro.

John, após um olhar severo à mulher, afirmou ao diretor que cuidaria, ele mesmo, da mesada de Edgar.

Nuvens escuras estavam por vir. John andava cada dia mais preocupado. Frances, que sempre respeitava os humores do marido, resolveu interferir:

– Querido, tenho visto você tão preocupado... Não quer nos contar o que está acontecendo?

Ele sempre evitara comentar seus problemas profissionais com a família, mas chegou uma hora em que isso se tornou inevitável.

– As coisas estão indo de mal a pior, Frances. Como se não bastasse a suspensão das transações comerciais entre Inglaterra e Estados Unidos por causa da guerra civil, que, como você sabe, foi o que motivou nossa vinda para a Europa, o mercado de tabaco está despencando de maneira crítica.

– O que isso quer dizer?

John andava na sala de um lado para outro, as mãos cruzadas nas costas, a testa franzida.

– Você não me respondeu, John.

Depois de mais umas voltas, parou diante da mulher e confessou:

– A empresa está em maus lençóis. As contas se amontoam em cima da minha mesa. Estou endividado até o pescoço.

– Oh, meu Deus! O que faremos?

– Ou fechamos as portas já, ou vamos à bancarrota – declarou, em tom definitivo.

Frances, o belo rosto anuviado, indagou, aflita:

– Mas de que vamos viver se fecharmos as portas?

Ele suspirou, conformado.

– Voltaremos para os Estados Unidos. Por sorte, nossos primos, os Ellis, de quem continuo sócio, estão indo muito bem. Posso voltar a trabalhar com eles.

– Mudar novamente? Há cinco anos não fazemos outra coisa senão mudar. E Edgar? E a escola dele?

– Terei de cancelar a matrícula. Edgar voltará a estudar nos Estados Unidos. Ele é inteligente o bastante para recuperar o tempo que vai perder na viagem.

Frances, muito contrariada, decidiu antecipar-se e dar, ela mesma, a notícia ao filho.

– Eddie, vamos nos mudar mais uma vez.

– Oh, Ma... de novo?!

– Sim, querido.

– Não vamos voltar para Irvine, não é? – perguntou, apreensivo. – Detesto aquele lugar. Nunca fui tão infeliz quanto no tempo em que fiquei lá, longe de casa.

– Não, anjinho. Vamos voltar para Richmond.

Edgar arregalou os olhos.

– Outra vez atravessar o Atlântico? Aquela viagem horrorosa? E agora que já nos acostumamos em Londres?

– Eddie, você já é bem grandinho para entender. Os negócios de seu pai não estão indo nada bem. Nos Estados Unidos ele voltará a trabalhar com o tio Ellis, e tudo vai entrar nos eixos.

Edgar ficou triste com a ideia da mudança, mas feliz quando soube que não precisaria mais ir à opressiva Manor House nem ver a cara fechada do

reverendo Bransby.

Despediu-se dos colegas, contando muitas vantagens:

– A viagem por mar é o máximo. Da escotilha, a gente vê polvos gigantes, tubarões e todo tipo de seres que nem nome têm ainda, de tão estranhos e monstruosos.

– Você vai se mudar para sempre? – perguntou um colega.

– Sim. Meu pai foi chamado pelo sócio. Sem ele, os negócios da família não progridem como deveriam. Só mesmo com o meu Pa tocando tudo. E, como não dá para ficarmos aqui e lá ao mesmo tempo, ele preferiu fechar o escritório de Londres.

Os meninos ouviam com admiração. Edgar jactava-se de ser um americano riquíssimo e de seu avô paterno ter sido general na Guerra da Independência. Quando pediam mais detalhes, ele se esquivava e nunca dava dados concretos.

A família Allan preparava a partida. Malas, muito nervosismo, empregados entrando e saindo, louça e enfeites encaixotados, quadros cuidadosamente acondicionados, móveis sendo carregados, armários esvaziados. Frances procurava supervisionar tudo, embora se sentisse estranhamente cansada, a ponto de não ter forças para acompanhar, passo a passo, todas as etapas. Por sorte, Nancy estava lá para ajudar.

Edgar encarava a mudança sem o sentimentalismo do menino que chorara junto à saia da mãe e da tia havia cinco anos. Agora, a sensação era outra: turbulenta, insegura e, ao mesmo tempo, com gosto de aventura. O primo James ia embarcar com eles, e assim Edgar não mais estaria sozinho com seus livros. Os dois se davam bem, apesar da diferença de idade. James Galt gostava da companhia de Edgar, que considerava bastante amadurecido.

Capítulo 5

[1820]

Trinta e seis
dias no mar:
de volta a
Richmond

“Nosso barco era um belo navio, de cerca de quatrocentas toneladas, forrado de cobre e construído em Bombaim de teca do Malabar. ”

E.A.P., “Manuscrito encontrado numa garrafa”, 1833.

Finalmente o dia do embarque chegou.

No porto, a família supervisionava o carregamento de seus bens no navio, enquanto os dois rapazes, sentados numa mureta, contemplavam o mar e prestavam atenção ao movimento dos marinheiros, às músicas que cantavam em voz alta, aos berros daqui e dali dando ordens e instruções. Divertiam-se em reconhecer as bandeiras dos navios, e Edgar observava os tipos curiosos daquela gente aventureira, que vivia mais no oceano do que na terra.

Durante os trinta e seis dias de travessia, ele e James travaram amizade com os marujos. Na convivência, aprenderam suas gírias, o nome das partes do navio, bem como dos instrumentos de navegação. Assim, foram tomando contato com a vida no mar. Após alguns dias, já sabiam se guiar pelas estrelas e identificar as constelações. Deles ouviram muitas e muitas histórias, grandes contadores que eram, especialmente nas noites nostálgicas em que, sentados no tombadilho, observavam o céu.

Frances se preocupava:

– John, não acho que os meninos devam se aproximar tanto desses marujos. Não são companhia adequada.

– Ora, Frances, deixe os garotos. São crescidos o suficiente para saber que existe diferença social. Não vão se tornar amigos para o resto da vida, se é isso que a preocupa. Pelo menos durante a viagem estão tendo companhia.

– Esses homens podem exercer má influência. Bebida, fumo e tudo o mais...

John riu.

– Melhor que fiquem em companhia masculina do que tomando chá com você e Nancy.

A travessia se tornou, assim, uma grande aventura, da qual Edgar jamais se esqueceria. A vontade que tinha era se engajar num navio e partir para conhecer o mundo, viver histórias surpreendentes como aquelas contadas pelos novos amigos, ver terras e povos inimagináveis para o homem branco, criado de acordo com a melhor educação ocidental. Era isto que Edgar queria: partir sem rumo.

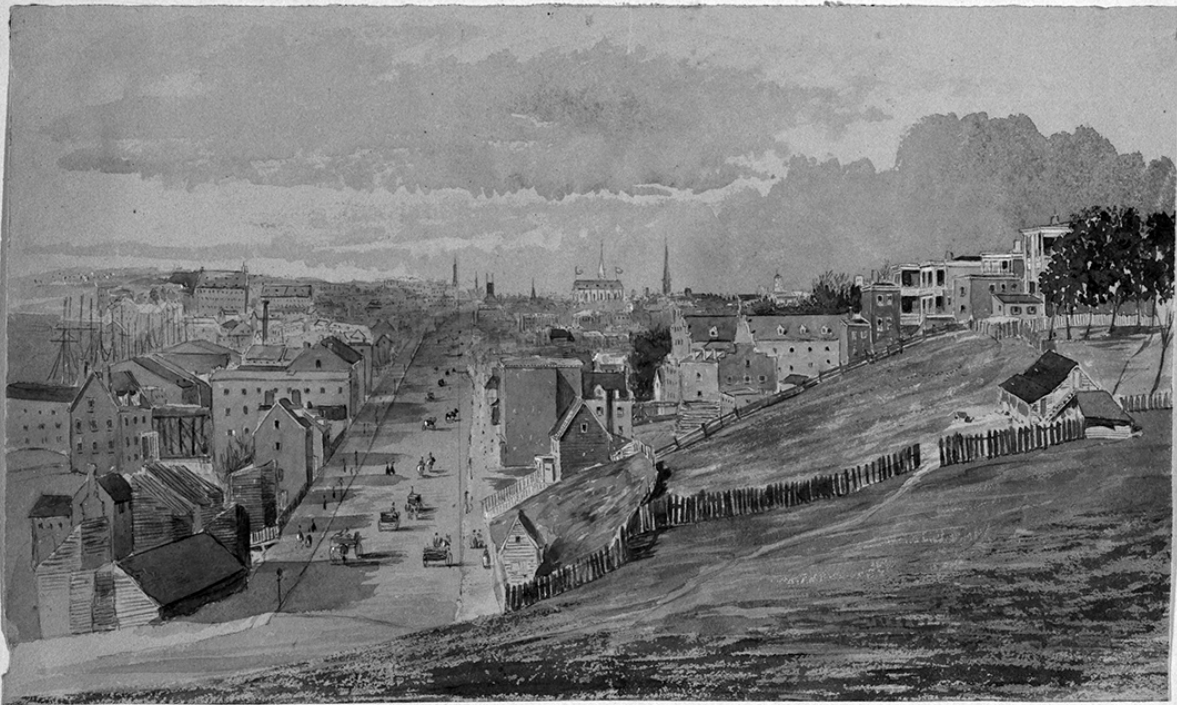
Mas o destino concreto acabava de ser atingido. Estavam de volta aos Estados Unidos, aportados no Rio James. Cinco anos tinham se passado, anos em que Edgar passara da infância à adolescência, nos quais sofrera separações e partidas, se instruíra e amadurecera. Não era mais um menininho estragado pelas mulheres da família. Agora era quase um moço, ansiando por horizontes distantes.

Depois de se despedirem dos marujos que lhes proporcionaram uma jornada tão interessante, os dois rapazes se reuniram à família, já pronta para descer a terra.

Capítulo 6

[1820-1824]

Adolescência,
amigos e poesia



Richmond, Virgínia.

A cidade de Richmond na época em que os Allans retornaram aos Estados Unidos.

*“ No vale mais verdejante / Que anjos bons têm
por morada, / Outrora, nobre e radiante /
Palácio erguia a fachada. ”*

E.A.P., Poesia: “O palácio assombrado”.

Não foi difícil a readaptação em Richmond. Os Allans se instalaram numa confortável casa em Clay Street, num bairro de alta classe média.

John voltou a trabalhar com o primo Ellis, que também se mostrou contente em ter de novo a companhia do sócio, apesar de tanto ele como William Galt estarem decepcionados com o mau desempenho demonstrado na Inglaterra. Para cobrir o prejuízo, John se viu forçado a oferecer seus bens como garantia das dívidas contraídas. Essa situação, claro, o deixou extremamente nervoso e preocupado, mas no ambiente doméstico procurava evitar o assunto, mesmo porque sua mulher, Frances, que sempre tivera saúde delicada, dava mostras de piora. Desde a mudança para os Estados Unidos, vinha ficando cada vez mais fraca. Nancy, dotada de outra disposição, se desdobrava para aliviar o trabalho da irmã, chamando para si a maior parte das obrigações.

Assim, as duas mulheres cuidavam da organização do novo lar. Elas tinham os dias ocupados com as tarefas domésticas e os chás na casa das amigas, que não viam fazia tanto tempo.

Naqueles anos 1820, Edgar, agora um garoto de grossas sobrancelhas e longos cílios que ressaltavam os olhos expressivos, voltou aos estudos,

passando a frequentar a English and Classical School (Escola Inglesa e Clássica), de propriedade de um professor irlandês, Joseph Clarke. Formado na Trinity College, de Dublin, o educador seguia os métodos de ensino europeus. Lá se estudava Latim, Matemática, Francês, Literatura Clássica. O jovem Poe mostrou-se um aluno brilhante, ainda que um tanto avoado. Ensaiaava os primeiros passos nas letras, queria se tornar poeta e vivia mergulhado num mundo todo seu.

Nessa época, fez bons amigos: Ebenezer Burling, que conhecera na igreja frequentada pela família; Jack Mackenzie, filho do casal que adotou sua irmã Rosalie; e os três Roberts – Robert Sulley, Robert Cabell e Robert Stanard. Todos teriam um papel importante na vida do poeta. Ebenezer ensinou Edgar a nadar e, assim como ele, adorava ler; juntos, deleitavam-se com as aventuras de Robinson Crusoe. Jack o conhecia desde pequeno e o tinha como amigo divertido. Sulley vinha de uma família de artistas, e seu tio Thomas era pintor afamado. Poe gostava de desenhar, e o contato com os artistas fez com que se aprimorasse nesse campo também. Algum tempo mais tarde, quando o jovem poeta já começava a alcançar notoriedade, Thomas Sulley pintou um pequeno retrato dele, na mesma pose em que o famoso e excêntrico poeta inglês Lorde Byron tinha sido retratado no passado. A amizade com o tímido e frágil Robert Sulley revelou um Poe humano e sempre pronto a ajudar, tanto nos estudos quanto na proteção do garoto contra os rapazes mais velhos, que se divertiam em atazaná-lo; Robert Stanard, colega de classe, logo representaria um marco em sua vida, o ponto de virada das tentativas juvenis de versinhos amorosos e derramados para a maturidade precoce na arte poética.

Os amigos flanavam durante as longas tardes, ora pelos campos, ora pela cidade, sem destino. No verão, nadavam na Baía de Shockoe,

passavam de barco no Rio James, pescavam e se divertiam nos bosques.

O tempo passava. O menino de cabelos encaracolados dava lugar ao jovem musculoso que adorava praticar esportes. Irrequieto, cheio de vida, líder entre os amigos, Edgar se sobressaía nos estudos. Desenhava muitíssimo bem e, como sempre, lia muito.

Além do lado solar, mostrava também um lado arredio. Era comum refugiar-se no sótão da casa da família ou passear sozinho. Precisava estar só para mergulhar no próprio mundo.

Os amigos reclamavam:

– Onde se enfiou Eddie? Ele estava conosco há pouco e desapareceu.

– Você sabe como ele é – riam-se os outros. – Eddie é bicho do mato. Deve estar andando no bosque ou socado no sótão da casa. Querem apostar?

– Deixem Eddie em paz. – Stanard, um pouco mais velho que os demais, protegia o amigo. – Quando ele quer sossego, é melhor deixá-lo. Logo ele reaparece.

Os rapazes, porém, insistiam. Apesar de saberem a resposta que receberiam, dirigiam-se à residência dos Allans em busca do sumido.

– Por acaso o Eddie está aí? – perguntavam à criada.

– O senhor Eddie está, sim, só que pediu para não ser incomodado.

Nessas horas, de nada adiantaria tentá-lo com o mais divertido dos programas. Nada podia atrapalhar seus momentos de reclusão, que ele preenchia com sonhos e fantasias nem sempre agradáveis. Começara a escrever poesia e, por essa razão, passou a ser tido pelos colegas como “bicho-grilo”. Tiveram de se acostumar a seus desaparecimentos. Ele continuava popular e extremamente sociável, desde que preservados os súbitos ataques de melancolia, quando então não queria ver ninguém, nem mesmo Ma ou tia Nancy.

Aos quinze anos, organizou seu primeiro livro de poesias, que começara a escrever no ano anterior.

A família ficou realmente orgulhosa. Até mesmo John.

– Vejam esse moleque escrevendo suas bagatelas – mostrava o livrinho aos amigos com indisfarçável satisfação.

“Está muito bom, John”, escreveu-lhe o primo John Galt, da Escócia, a quem fora enviada uma cópia. “Vê-se que o garoto tem talento.”

Frances e Nancy comemoravam o feito e mostravam a obra de seu pequeno gênio para todas as amigas.

– Olhem só o que meu filho escreveu – derretia-se Frances. – E começou com apenas catorze anos!

Nancy acrescentava:

– Eddie é um poeta nato. Logo será reconhecido, podem escrever o que eu digo. Vejam essas imagens, essas rimas, a maneira como se expressa! Não parece obra de um menino.

A infância terminada, chegaram a adolescência e o encontro com o universo interior, de onde brotavam as poesias. Mas faltavam ainda as fortes emoções do amor para que o poeta descobrisse sua voz. E isso não tardou a acontecer.

Capítulo 7

[1820-1824]

Primeiro amor,
primeira dor



John e Frances Allan, pais adotivos de Edgar Allan Poe.

*“Era o esplendor de um sonho de ópio, uma visão
aérea e encantadora [...]”*

E.A.P., “Ligeia”, 1838.

– Eddie, eu gostaria que você viesse a minha casa. Quero que minha família o conheça. Era Robert Stanard, impressionado com o talento do amigo, quem fazia o convite.

– Com prazer, Rob. Quando você quiser.

No dia seguinte, os dois rapazes foram até a casa dos Stanards. Para Edgar, foi como se tivesse levado um choque ao ver se aproximar a mulher mais linda que já conhecera. Ficou imobilizado, aparvalhado, sem saber como agir quando Rob apresentou:

– Mamãe, este é o Eddie, de quem lhe falei.

Edgar saiu do transe a tempo de cumprimentá-la como um cavalheiro, de acordo com a ótima educação que recebera em casa. Curvando-se sobre a mão esguia e perfeita que lhe era estendida, falou:

– Encantado, Sra. Stanard. Seu filho e eu somos grandes amigos.

A voz doce que lhe respondeu correspondia em tudo à imagem da mulher lindíssima, jovem, elegante, de feições clássicas:

– Rob fala muito em você, Edgar. Seja bem-vindo a nossa casa. Sei que você é poeta. Amo a poesia!

– É muita gentileza sua chamar-me de poeta, Sra. Stanard. Apenas rabisco rimas.

– Quero que você leia suas poesias para mim. Já vou avisando que sou uma crítica severa.

Edgar abriu seu melhor sorriso.

– De uma pessoa tão linda só poderão vir elogios, ainda que imerecidos.

A Sra. Stanard ficou encantada com aquele jovem cativante.

– Isso veremos. Mas, desde já, peço que me chame pelo meu nome: Jane.

– Um pedido seu é uma ordem – retrucou Edgar, olhando-a bem nos olhos. – Será Jane então, agora e para sempre.

A mulher respondeu com um sorriso meigo. Foi a vez de Rob se manifestar:

– Não disse, mamãe, que você gostaria dele? Eddie é diferente dos outros até na maneira de falar.

Tomando Edgar pelo braço, Jane convidou:

– Vamos sentar na sala de visitas e conversar um pouco mais. Você toma chá, Eddie?

– Como poderia não tomar?! Vivi durante cinco anos entre Londres e Irvine, na Escócia. O chá das cinco é instituição nacional. Não tomá-lo é crime de lesa-majestade.

Assim começou uma grande amizade. Edgar era recebido na casa de Rob como se pertencesse à família. Secretamente, ele estava apaixonado pela mãe do amigo.

Jane gostava do rapaz e ouvia suas poesias com prazer, sempre o elogiando e incentivando.

Numa tarde de primavera, ele apareceu na casa da amada. Sabia que Rob não se encontrava, e foi o que Jane lhe disse:

– Rob não está, Eddie. Mas, se quiser, entre e venha tomar um chá comigo.

Era justamente esse o convite que ele aguardava. Sentaram-se na saleta de estar. Jane mandou servir o chá, e, assim que a empregada se retirou, ele lhe disse:

– Jane, tenho um novo poema. Quero que você ouça com atenção e depois me diga o que achou.

– Claro – sorriu a mulher. – Já estou curiosa. Leia logo.

Eddie levantou-se da poltrona em que estava, para sentar-se no sofá, bem ao lado da musa. Dessa vez não leu. Falou a poesia de cor, nunca abandonando os olhos azuis, que se enterneciam a cada verso:

*– Tua beleza, Helena, faz pensar
nesses barcos de Nice que, por mar
perfumado,
levavam, docemente, outrora,
o viajor cansado e doente ao seu nativo lar.*

*Quanto oceano sulquei, desesperado!
E em teu nobre perfil, na flava coma,
no encanto pela Náíade imitado,
volto à Grécia gloriosa do passado, ao esplendor de Roma!*

*Sim! No nicho fulgente da janela,
à luz de ônix,
teu vulto se revela, lâmpada à
mão, uma estátua pagã.*

Ó Psique, que me vieste dessa bela e sagrada Canaã!

Edgar emudeceu após o último verso. O silêncio pairava na sala, nenhum dos dois querendo quebrar o enlevo. Apenas se olhavam, não precisando de palavra alguma para expressar os sentimentos que agitavam seu coração: Jane, sem dúvida sabedora da impressão que causava num rapaz tão belo e talentoso, emocionava-se com a poesia para a qual certamente servira de inspiração; Edgar, perdido num amor que não ousava confessar, aguardava uma palavra, um gesto...

Por fim, ele se levantou. Toda a timidez da juventude o traía, agora que não estava mais sob a proteção dos versos. Murmurando uma desculpa, beijou mais demoradamente do que de costume a mão de Jane e se retirou.

Era sua primeira declaração de amor.

Entretanto, a dor o aguardava, escondida nas dobras do destino. O amor platônico e as crises da adolescência tornavam Edgar cada vez mais ausente e dispersivo. John Allan via-se terrivelmente contrariado com a atitude do rapaz. Comentava com a mulher:

– Não sei o que deu no garoto. Parece não se interessar por mais nada. Seu rendimento escolar baixou. Estou muito aborrecido com tudo isso.

– É da idade, John. Edgar está em plena fase de transição.

– Todos os meninos se tornam homens algum dia e nem por isso fogem às suas obrigações.

Frances voltou à defesa do filho:

– Ele não está fugindo, apenas está tentando se encontrar. Lembre-se de que Edgar não é um menino qualquer. É mais sensível, mais inteligente...

– Ora, você não perde oportunidade de ir contra mim quando se trata de Edgar. Não se esqueça de que assumi uma obrigação especial para com

ele. Não sendo meu filho, mais ainda devo cuidar de seu futuro.

A mulher viu aí a chance de bater na tecla de sempre:

– Melhor seria, então, que o fizesse seu filho de uma vez por todas, adotando-o. Assim ele saberia o que é esperado dele: tornar-se um comerciante para, no futuro, assumir os negócios da família.

– Não, não, não, Frances! Você já sabe o que penso disso. Edgar tem de dar muitas provas para se mostrar digno de ser meu herdeiro e sucessor. Do modo como vem agindo, com suas poesias e comportamentos estranhos, mais me convenço de ter sido prudente em não tomar qualquer medida legal que o vinculasse a nós para sempre.

Frances ficava triste com essa teimosia do marido. Para ela, Edgar significava o centro do mundo, e queria que fosse seu filho também em nome, não só no amor. No entanto, não perdia a esperança de que, com o tempo, John acabasse se convencendo. O garoto já provara ser carinhoso, extremamente inteligente, ótimo nos estudos, talentoso... O que mais ele poderia querer num filho?

Desabafava com Nancy, que imediatamente se punha contra o cunhado:

– John é turrão e preconceituoso! É incapaz de amar um filho que não seja do mesmo sangue.

Dividida, Frances rebatia:

– Não seja tão severa no seu julgamento, Nancy. John já demonstrou gostar bastante de Eddie.

– Mas não o suficiente. Implica com ele quanto pode, é rígido na educação e nem um pouco carinhoso.

Frances tentava defender o marido, sem muita convicção:

– É o feitio dele. John expressa o amor pelo cumprimento do que acha ser seu dever. Ele proporciona o que há de melhor ao nosso Eddie.

– Quer saber o que eu acho? John tem ciúme do filho. Ele sabe muito bem que Eddie ocupa o primeiro lugar no seu coração. Note como ele fica irritado quando você está acariciando o garoto. Resmunga que nós duas o mimamos em excesso, mas para mim isso não passa de ciúme.

Frances suspirou, desanimada.

– Seja o que for, John é um bom homem e não deixará que nada falte a Eddie na vida, adotando-o ou não.

Como os truques do destino podem enganar! Naquele momento, as irmãs dispensaram o assunto, já que nunca lhes passara pela cabeça que um dia alguma coisa viesse a faltar ao seu adorado Eddie. Mesmo porque elas estavam lá – sempre estariam – para garantir o futuro dele.

O amor por Jane embalava os dias de Edgar ao mesmo tempo que o angustiava. Como adorava aquela mulher! Não conseguia pensar em outra coisa a não ser no rosto angelical, tão plácido, quase irreal em sua alvura. Os traços clássicos, o nariz reto e perfeito, os lábios suaves que ele gostaria de beijar.

A amada, porém, sempre muito atenciosa, não dava nenhum sinal de corresponder aos sentimentos. Ao contrário, parecia cada vez mais distante, interrompendo frases na metade, falando coisas sem sentido e repentinamente se retirando da saleta, onde ambos tinham passado tantas tardes conversando e lendo poesias.

Chegou o dia em que ele foi procurá-la, e a criada disse que a Sra. Stanard não poderia recebê-lo. Essas recusas passaram a se tornar constantes. Edgar se desesperava de saudade e tormento. O que teria acontecido? Será que a teria ofendido com sua devoção?

Reparou também que Rob se tornara esquivo. Era patente que o evitava. Teve certeza, então, de que se comportara de maneira inconveniente, daí o afastamento de mãe e filho.

Como fazer para consertar o que porventura tivesse feito? Estava disposto a se ajoelhar perante Jane, rogando-lhe perdão. Que o deixasse olhá-la, ao menos. Ficaria quieto, quando muito leria poesias. Mas nada diria, a fim de não ofendê-la.

Em casa, Frances e Nancy notavam, com preocupação, que alguma coisa muito séria estava acontecendo com o rapaz. Assim que chegava, subia para o quarto e lá ficava durante horas, trancado, sem querer falar com ninguém. Quando o chamavam para fazer as refeições, recusava-se, alegando mal-estar. Frances mandava a criada levar-lhe uma bandeja, que, não raro, voltava intocada. Os olhos cansados, afundados nas órbitas, revelavam que ele não dormia. Até John notou e se preocupou. Edgar era a imagem do sofrimento.

Um dia, decidiu que veria Jane a qualquer custo. Saiu cedo, comprou flores e tocou a sineta da casa dos Stanards, repetindo interiormente as palavras que diria à amada.

Foi Rob quem atendeu a porta. Dessa vez, o amigo não o evitou. Ao contrário, assim que o viu, abraçou-o, chorando. Edgar, pego de surpresa, atrapalhava-se com aquela demonstração emocional e não sabia o que fazer.

– O que aconteceu, Rob? Fale logo, homem! Você está me deixando assustado.

– Oh, meu amigo, meu amigo... Eu sei quanto você a amava também.

Uma terrível premonição fez com que Edgar se apoiasse no outro para não cair.

– O que aconteceu, Rob? Diga de uma vez!

– Mamãe está à morte.

O choque foi insuportável.

– Como assim, à morte? Na última vez em que a vi, ela estava com ótima saúde.

– Você não notou, Eddie. Ela vinha enlouquecendo aos poucos. Tentamos de tudo: médicos, tratamentos... Em vão...

– Mas como? Não notei nada!

No fundo, ele mentia para si próprio. As frases entrecortadas e sem nexos; as súbitas ausências...

– Oh, meu Deus. Deixe-me vê-la, Rob; por favor, deixe-me vê-la!

– A família está no quarto se despedindo. Já foi dada a extrema-unção. Vamos lá, meu amigo, você alegrou os últimos meses de sanidade de minha mãe.

Subiram a escada, Edgar cada vez mais chocado e apreensivo com o que veria. Sua musa estava morrendo. Impossível! Ele faria com que voltasse à vida com a força de seu amor.

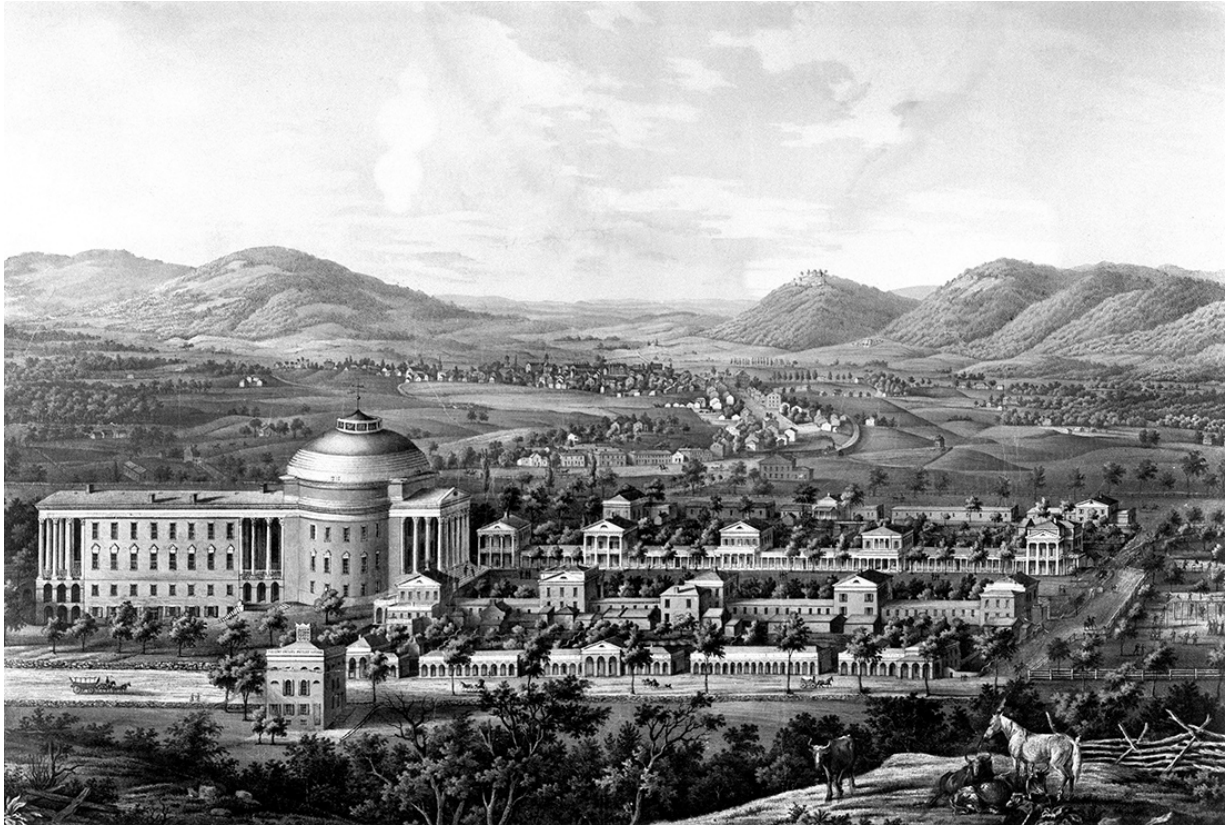
Ao entrar no aposento, viu a família chorosa em torno da cama. Rob, seguido pelo amigo, abriu caminho. Finalmente, Edgar pôde ver Jane. O rosto venerado repousava no travesseiro, pálido e lindo. Os lábios entreabertos deixavam ouvir o sussurro rouco do ar que entrava e saía daquele corpo frágil. Os olhos cerrados, os longos cílios acentuando a palidez. Era a primeira vez que ele via a morte de maneira tão brutal e tão linda. Deu-se conta de sua impotência: nem mesmo todo o amor que sentia poderia trazer de volta aquele ser que já estava de partida. Olhou-a por um longo tempo, sem procurar esconder as lágrimas. Queria gravar cada traço, cada linha do rosto que tanto adorara. Por fim, afastou-se, deixando com ela um pedaço de si. Nunca mais veria Jane. Nunca mais seria feliz. Nunca mais...

Esse momento marcou a passagem de Edgar para a maturidade.

Capítulo 8

[1824-1826]

Um caráter em
formação e um
novo amor



Universidade da Virgínia, na qual Poe ingressou em 1826 para cursar Línguas Mortas e Vivas.

*“ Há muitos, muitos anos, existia / Num reino à
beira-mar, em que vivi, / Uma donzela de alta
fidalguia [...] ”*

E.A.P., “Annabel Lee”, 1849 (póstumo).

Superados os primeiros tempos de dor, Edgar voltou a ser o adolescente de sempre: nervoso e instável, mas também amoroso, alegre e amistoso.

Retomou os estudos e os esportes, distinguindo-se como de hábito. Por essa razão, foi escolhido para homenagear o professor Joseph Clarke, que saía da escola onde lecionara por longo período. Para a ocasião, o jovem poeta escreveu uma ode e leu-a na cerimônia de despedida. O homenageado não escondeu sua admiração pelo rapaz, prevendo para ele um belo futuro.

Todavia, o horizonte anuviava-se mais uma vez: as condições de saúde de Frances pioravam. Edgar se apavorava com a ideia de perdê-la. Ainda não se recuperara da partida de Jane, e agora a mãe... Não, isso não haveria de acontecer; não queria nem pensar na possibilidade. No entanto, as circunstâncias fizeram com que voltasse a se fechar em si, procurando consolo nos livros e na escrita.

Dentro desse quadro sombrio, uma alegria o aguardava: a academia Burke, na qual passara a estudar, preparava festividades para recepcionar o Marquês de Lafayette, general e herói da Revolução Americana. Os alunos foram encarregados de organizar uma “companhia militar”, e Edgar foi

escolhido para um posto de comando. Assim, o “tenente” Poe e o “capitão” John Lysle desfilaram à frente do pelotão, os sabres desembainhados perante as autoridades e o ilustre convidado.

Quanto mais o tempo passava, mais pai e filho se hostilizavam. Edgar queixava-se para quem quisesse ouvir:

– Meu pai pensa que ainda sou um pirralho em quem pode passar descompostura à vontade. Parece que não enxerga que cresci. Sou um adulto e como tal quero respeito.

O pai, por sua vez, lamuriava-se com os amigos e parentes:

– O menino não nos quer bem. Reclama de tudo. Está sempre de mau humor. É assim que ele agradece o muito que tenho feito por ele nesses anos. Não fosse por mim, teria sido criado num orfanato...

John era injusto no julgamento que fazia do pupilo. Edgar sempre demonstrara muito amor pela mãe e pela tia, e teria sido um filho afeiçoado ao tutor também, caso ele tivesse tido um pouco mais de compreensão e parado de lançar-lhe ao rosto quanto era seu devedor. Não se cansava de repetir:

– Edgar recebeu melhor educação do que eu na mesma idade. Que levante as mãos aos céus em agradecimento. Se eu tivesse tido as mesmas oportunidades, hoje certamente estaria muito mais rico, sem todas essas dívidas e hipotecas.

Como resposta a suas reclamações, uma herança inesperada, deixada pelo tio da Escócia, William Galt, veio aumentar a conta bancária dos Allans e resolver todos os problemas financeiros que se haviam acumulado.

John não perdeu tempo: comprou uma imponente mansão de dois andares, em estilo colonial, num bairro elegante de Richmond, condizente com seu novo status. Edgar passou a viver no luxo. Seu quarto era amplo, claro e arejado, com escrivaninha e estantes cheias de livros. Lia

incansavelmente: os clássicos, os romances de aventura, a melhor poesia. Ia, assim, formando a base sobre a qual construiria, mais tarde, sua carreira de escritor.

O rapaz continuava inconformado com a morte de Jane Stanard e duvidava que voltasse a amar de novo. No entanto, a jovem que morava na casa em frente, Sara Elmira Royster, tornava-se, a seus olhos, cada dia mais linda. Passaram a se ver constantemente e faziam-se ótima companhia.

Com o tempo, o antigo objeto de sua paixão foi sendo substituído. Ele começou a frequentar a casa de Elmira. Tinham muito em comum: trocavam confidências, liam poesia e faziam música, ela ao piano e ele à flauta, que, por sinal, tocava muitíssimo bem. O namoro ia se tornando mais sério, apesar da resistência do pai da moça, que não via com bons olhos uma futura união entre sua filha e Edgar. Muitos em seu círculo de amizade suspeitavam que o menino criado pelos Allans acabaria não sendo o herdeiro da fortuna da família.

O rapaz, porém, fazia alguns trabalhos para a firma do pai, Ellis & Allan, e, pela irrepreensível formação acadêmica que vinha recebendo, tudo levava a crer que um dia estaria à frente dos negócios.

John conversava com a mulher sobre o futuro do pupilo:

– Acho que Eddie deveria fazer a faculdade de Direito. Ele é inteligente e preparado. Uma vez formado, poderá até mesmo tentar carreira como congressista.

Frances ficava toda orgulhosa com os elogios do marido. Entretanto, lá vinha a inevitável crítica:

– Infelizmente, ele parece mais interessado nessas poesias que vive rabiscando. Não que eu tenha alguma coisa contra poesia. Ao contrário, respeito os grandes escritores. Mas isso não é carreira para ninguém.

– Eddie é muito talentoso, John. É um dom que nasceu com ele.

– Não nego. Mas poderá fazer poesia como passatempo, nas horas vagas de um trabalho de verdade.

A ida do rapaz para a universidade passou a ser considerada. John conversou com o filho, que, ao contrário do esperado, até gostou da ideia.

– Que ótimo, Pa! Quero fazer o curso de Literatura.

– Nem pensar, Eddie. Você deve se preparar para o futuro, para o mundo dos negócios. Literatura não dá garantia nenhuma.

– Mas, Pa, meu destino é escrever. É o que quero fazer, e sei que farei melhor do que qualquer outro.

– Basta, Edgar! Mandarei você à universidade para estudar alguma coisa útil. Direito, por exemplo! Não pense que vai me sair barato.

Edgar, como de hábito, foi procurar o apoio da mãe.

– Ma, eu não quero estudar Direito. Todo o meu ser se volta para a poesia, para a escrita. Eu sei que posso ser um grande escritor, talvez um dos maiores. Só preciso da oportunidade. Se ao menos o Pa confiasse em mim...

Frances, cada vez mais enferma, intercedeu pelo filho:

– John, acho que deveríamos dar essa chance ao Eddie. Desde cedo ele demonstra grande talento. Lembra-se do livrinho de poesias aos quinze anos, uma criança ainda? E você o mostrou todo orgulhoso para seus amigos, até para seu primo na Escócia. Lembra-se do que disse o reverendo Clarke? Que o menino indubitavelmente tinha um talento especial para as Letras e previu-lhe um futuro brilhante.

– Mas que futuro ele pode ter como escritor? Que carreira poderá seguir?

– Bem, se você decidisse adotá-lo e fizesse dele seu sucessor nos negócios... Ele já fez alguns trabalhos para a firma e mostrou competência.

– Não vamos começar com isso de novo, Frances. Mantenho a opinião quanto à adoção. E os trabalhos que fez para a firma eram somente de rotina. Não demonstram nada especial.

No entanto, a pressão da mãe e do filho acabou por minar a resistência paterna, e Edgar foi matriculado na faculdade de Línguas Mortas e Vivas da Universidade da Virgínia.

Ele deu a notícia a Elmira, numa das tardes em que estavam na casa da jovem:

– Querida Elmira, eu vou partir.

– Oh, Eddie, então você vai mesmo para a universidade?

Os dois, de mãos dadas, juraram amor eterno.

Por fim, Edgar fez a pergunta que ela aguardava:

– Você vai me esperar?

– Como assim?

– Estou pedindo que você se case comigo assim que eu terminar a universidade. Você aceita ser minha esposa?

Os olhos da moça brilharam ao dar a resposta:

– Claro que sim, Eddie. Esperarei a sua volta. Mas vamos manter o nosso compromisso em segredo, está bem? Meu pai não quer que eu me case por enquanto.

Edgar desabafou, magoado:

– Seu pai não quer que você se case comigo, isso sim! Pensa que não noto a antipatia que ele tem por mim? Gostaria de saber por quê.

– Eddie, ele não tem nada contra você. Simplesmente não quer que eu me case ainda. Mas agora temos um compromisso, e nada nem ninguém poderá se interpor a nossa felicidade.

– Querida, eu prometo que durante a minha ausência escreverei todos os dias, para que você não consiga me esquecer.

– Como se isso fosse possível. Você nem foi ainda e a saudade já me deixa com vontade de chorar.

– As cartas trarão um pouco de mim para ajudar o tempo a passar mais depressa. E quando eu voltar... Enquanto isso, vá preparando seu enxoval.

– Bem que eu gostaria! – respondeu ela, tristonha. Até nosso noivado se tornar oficial, não poderei dar nenhuma demonstração de que estou me preparando para casar.

– Quando eu estiver no último ano da faculdade, farei com que meu pai visite o seu e revele nossas intenções.

E assim, entre juras de amor e planos para o futuro, aproximava-se a data da separação. Em razão do segredo a que se obrigaram, Elmira não pôde estar presente no momento da partida.

Capítulo 9

[1826-1827]

Um ano de vida
universitária:
os desmandos
da juventude
e novas
decepções



A direita, Poe com amigos universitários.

“ [...] Não vou aqui narrar detalhadamente meus infames desregramentos, que nenhuma lei ou imposição podiam impedir. ”

E.A.P., “William Wilson”, 1839.

– Sou filho de um milionário,
sim. – Edgar dava asas à
imaginação. – Meu pai tem uma
fortuna incalculável em terras,
escravos e plantações. Tudo será
meu um dia.

Era dessa maneira que Poe se jactava perante os colegas da Universidade da Virgínia, todos filhos de famílias abastadas, a maioria fazendeiros escravocratas. Com sua educação e modos esmerados, não lhe era difícil passar por um cavalheiro sulista de nobre estirpe.

A universidade ficava na aldeia de Charlottesville, a menos de cem quilômetros de Richmond. A vila acadêmica era lindíssima, com seus grandes gramados e edificações clássicas. Tinha sido inaugurada havia apenas dois anos por Thomas Jefferson, cujo sonho era construir um centro de aprendizado de excelência, voltado mais às letras e ao saber humanístico. O principal prédio, de elegantes formas gregas, abrigava a grande biblioteca.

Edgar encontrou no local tudo o que mais amava: livros à vontade, o estudo das matérias de que gostava e nas quais se sobressaía, parques pelos quais podia andar por horas meditando sobre a obra de seus poetas

prediletos, sozinho com seus pensamentos ou na companhia dos muitos amigos que fizera.

Logo tornou-se o primeiro da classe. Nas provas de Francês e Latim saía-se com brilho. Ótimo esportista, era muito benquisto por todos. Esbanjava simpatia; era um sedutor nato.

Contando apenas dezessete anos – o mais novo da classe –, escondia sob as mentiras seu passado de pobreza, de orfandade e, mais do que isso, a insegurança de se sentir rejeitado por John. O único modo de ser aceito era usar a imaginação, coisa que não lhe faltava.

A sensação de felicidade começou a arrefecer com as cartas frias do pai. Pior ainda era o silêncio de Elmira, que não respondera a nenhuma das muitas que lhe enviara. Pensando nela, começou a escrever um poema, ao qual deu o nome de “Tamerlão”, o cruel conquistador mongol, incentivador das artes. Leu um trecho para os amigos que costumavam visitá-lo no quarto de número 13, o qual ocupava sozinho.

– Digam o que acham sobre o que escrevi. Ainda não está pronto, longe disso.

Pôs-se a ler, com sua bela voz:

*– Ah! Todo o amor bem ela merecia
e era o meu afeto qual de criança,
Razão que tinham os anjos de a invejar.
Seu jovem coração era um altar
em que meus pensamentos e esperança
eram o incenso, a oferta que subia
com pureza infantil, imaculada...*

Interrompeu a leitura:

– Que tal, estão gostando?

– Maravilhoso, Eddie! Mas por que você parou? Vejo que ainda há uma folha escrita.

– Querem que leia mais? Ainda não está na versão definitiva.

– Vamos lá, Eddie – incitaram os outros. – Queremos conhecer essa declaração de amor em primeira mão.

Ele não se fez de rogado.

– Onde parei mesmo? Ah, aqui:

*Eram o incenso, a oferta que subia
com pureza infantil, imaculada,
de seu jovem modelo copiada.
Por que os abandonei, pela paixão da luz, que inflama
e empolga o coração?*

Edgar silenciou. Os amigos aplaudiram.

– Acaba aí? – perguntou um deles.

– No momento, sim. Mas ainda não está terminada.

– Quem é a musa? – indagaram, curiosos.

Edgar permaneceu sério.

– Uma moça que já não me ama. Se me amasse, teria respondido às cartas que enviei.

Talvez por estar sozinho, sem o carinho de sua mãe ou notícias de Elmira, Edgar juntou-se a um grupo de jovens barulhentos, que o levaram a passar as noites em antros de jogatina e muita bebida. Os amigos comentavam entre si:

– Vocês notaram como o Eddie bebe? De um trago só, sem saborear.

– É verdade. E faz uma careta! De quem não gostou, mesmo que seja o melhor brandy.

– Com um ou dois copos, fica completamente bêbado.

– O pior é que, quando ele bebe, deixa de ser o bom e velho Eddie. Fica nervoso, irritado com todo mundo. Parece outra pessoa.

Era verdade. Edgar mostrava não ter a menor tolerância ao álcool. Deu de passar os dias numa quase constante embriaguez. Jogou muito, comprou roupas elegantes, contraiu um mundo de dívidas que não tinha como pagar com a mesada que recebia de casa.

Ao tomar conhecimento da esbórnica em que se metera o rapaz, John esbravejou:

– Ingrato! Pilantra! Se alguma vez tive a menor dúvida quanto à adoção, agora só tenho de me cumprimentar pela decisão ajuizada.

Frances protestava:

– John, ele é só um rapazinho, pouco mais que uma criança.

– Que criança, qual nada, Frances! Eddie é um homem e tem de saber quais são suas responsabilidades perante a universidade, perante a sociedade e, especialmente, perante mim!

– Pelo amor de Deus, procure entendê-lo. Esse menino já sofreu muito na vida. Ele é brilhante, nunca nos deu o menor trabalho com os estudos; ao contrário, só nos deu alegrias.

– Não tente me sensibilizar com o passado de Eddie. Ele deveria ser o primeiro a procurar conservar tudo de bom que lhe foi proporcionado, talvez em compensação pelo que sofreu. Em vez disso, o que faz? Se mete em más companhias, joga fora meu dinheiro em jogo e bebida. Eu também fiquei órfão, Frances. Mas soube corresponder à bondade dos parentes que me receberam, estudando e trabalhando duro.

– Uma chance, é só o que peço. Faça isso por mim, John.

O homem cedeu, afinal:

– Muito bem, já que você insiste, vou pagar as dívidas que Eddie fez. Mas não vou matriculá-lo no próximo ano, nem na Virgínia nem em outra universidade. O melhor para ele é voltar para casa e trabalhar sob minha supervisão.

As dívidas giravam em torno de dois mil dólares. Quando soube da decisão do tutor, revoltou-se:

– Pa, eu não quero sair da faculdade.

– Pensasse melhor antes de se meter em encrencas.

– Mas, Pa, a mesada que você me dá não é suficiente para me sustentar; todos os meus amigos recebem bem mais. Foi por isso que tentei o jogo: para aumentar um pouco o dinheiro. Só que tive azar. Quando comecei a perder, queria recuperar o suficiente para cobrir a dívida.

– Fez muito mal. Se ainda fosse uma quantia pequena, talvez eu não tivesse me incomodado tanto.

– O que são dois mil e poucos dólares para você, Pa?

John respondeu, furibundo:

– Ah, não significa nada para você, não é? Então vai aprender a ganhar seu próprio dinheiro com responsabilidade. Nada mais de mesada, de vida despreocupada, bebendo, jogando e fazendo poesia. No final do semestre, e falta bem pouco, você volta para casa. Dez meses de ausência já mostraram o estrago em seu caráter.

A contragosto, Edgar voltou ao lar. Sua mãe estava abatida pela doença e pelo aborrecimento de ver o seu Eddie contrariado.

Como se não bastasse, ao procurar Elmira, ficou sabendo que se casara.

– Como assim, se casou? – perguntou, chocado, à criada da casa dos Roysters.

– Pois é, coitadinha. Ela chorou muito quando o senhor se foi e não deu mais notícias. Então, o Sr. Royster achou melhor apressar o casamento

com o Sr. Alexander Shelton.

Edgar se desesperou:

– Não dei mais notícias? E todas as cartas que enviei? Praticamente uma por dia! Onde foram parar?

– Isso não sei lhe dizer, Sr. Eddie. Só sei que depois que o senhor partiu...

– Mas quem recebe a correspondência? Não é você?

A criada ficou vermelha, hesitando em dar a informação.

– Vamos, diga. Quem recebe a correspondência? Exijo saber.

– Bem... o mordomo teve ordens de entregar tudo diretamente ao patrão.

– E quando essas ordens foram dadas? Quando eu parti?

– Oh, Sr. Eddie, não diga que lhe contei – implorou a empregada, chorosa. – Não posso perder meu emprego. Mas foi isso mesmo. Desde que o senhor partiu, não temos ordens de receber a correspondência.

– Miserável! – exclamou, revoltado. – Enganou a pobre Elmira, levando-a a se casar com outro. Coitadinha. Coitado de mim também, que morro de amor e de tristeza. Minha vida está destruída.

Cabisbaixo, afastou-se daquele lugar onde havia encontrado tanta felicidade.

Na casa dos Allans o ambiente era pesado. Edgar, de péssimo humor, bem que tentou corresponder às expectativas do pai, que rompera a sociedade com Ellis e abrira um escritório de contabilidade. Foram dois meses de desespero: durante o dia, ele se sentia enclausurado numa sala, fazendo um trabalho desinteressante e nada criativo. Quando chegava em casa ao anoitecer, ia direto para o quarto, de onde só saía quando a mãe ou a tia Nancy o chamavam. Com elas encontrava lenitivo para todas as mágoas.

As contas continuavam a chegar de Charlottesville.

– Que belo caráter você me saiu, Edgar! Eu deveria ter deixado você nas mãos da Justiça. Assim, estaria lhe fazendo um favor, pode crer.

– Pa, pelo amor de Deus! Eu não sou nenhum criminoso para que continue me tratando dessa maneira...

– Ah, não é? Então do que é chamada a pessoa que faz dívidas e não as honra?

– E do que é chamado um pai que não vem ao socorro do filho e, se o faz, não para de lançar-lhe em rosto?

– Cale-se, Edgar! Lembre-se de sua posição nesta casa.

– Como haveria de esquecer, Sr. Allan, se a cada dia o senhor faz a gentileza de refrescar minha memória quanto a sua imensa generosidade?!

– Ora, como ousa me afrontar? Saia da minha vista. Retire-se!

Frances e Nancy acorreram, pressurosas.

– Por favor, John... Edgar.... parem com essa briga.

– Deixe-me em paz você também, Frances. Veja no que deram seus mimos exagerados.

Enquanto marido e mulher discutiam, Nancy tratou de tirar Eddie da sala.

– Vamos, querido, seu pai está nervoso, venha para o meu quarto, que mandarei servir um chá.

Nos aposentos de Nancy, Edgar desabafou:

– Oh, tia Nancy, se você soubesse quanto sou infeliz! Parece que a desgraça ronda minha vida: perdi a família, perdi um amor, agora perdi a noiva e jamais tive o reconhecimento de um pai.

– Você tem a mim e a sua mãe, Eddie. Nós o amamos mais do que tudo. Oh, meu querido, não se lamente... Você tem beleza, talento, inteligência;

o futuro se abre a sua frente, sei que sua estrela vai brilhar. Só não chegou o momento ainda.

– Mas o Pa me detesta.

– Não, meu amor, ele não detesta você. Tenha paciência, que tudo vai se arranjar. Tente não brigar, para não fazer sua mãe sofrer. A pobre Frances está piorando a olhos vistos, eu me preocupo tanto com ela... Só peço que tenha calma e paciência.

Edgar não conseguiu ter nem uma nem outra dessas qualidades. No dia seguinte a briga continuou, as mesmas acusações de parte a parte:

– Você não tem princípios, por mais que eu tenha desejado ensiná-los. Contrain dívidas. Se não fosse por mim, teria o nome sujo perante a sociedade – alterou-se John.

– A avareza é um pecado tão grande ou maior do que deixar algumas contas em atraso – respondeu Edgar, irônico.

– Como se atreve a me chamar de avaro? Justo você?

– Claro, já sei, você me deu tudo: o teto sob o qual vivo, a comida que como, a roupa que cobre meu corpo.

– Ingrato e dissoluto! Pensa que não sei que vive espalhando por aí que vai embora de casa? As empregadas comentam, até uma carta sua para um tal Mills Nursery veio parar em minhas mãos.

Edgar não se deixou intimidar.

– Não vou negar, senhor, que por várias vezes acalentei esse desejo, motivado sobretudo por sua falta de sentimentos, por sua avareza, por sua autoridade grosseira para comigo. E vejo que até minha correspondência pessoal é devassada.

– Como você pretende que eu aja com um indivíduo depravado e intratável, cheio de humores e vontades? Estou farto de ter um inimigo sob meu teto. Saia de minha casa. Ponha-se na rua!

Cansado de se sentir rejeitado e infeliz, Edgar depôs as armas. Levantou-se e dirigiu-se para a saída, sem se despedir de ninguém, nem mesmo beijar a mãe e a tia, que choravam, desconsoladas.

Frances ainda tentou demover o marido:

– Por caridade – gritou, em desespero. – Não faça isso, John. Ele é pouco mais que uma criança.

– Pois vai aprender a deixar de ser.

– Mas como é que o menino vai viver?

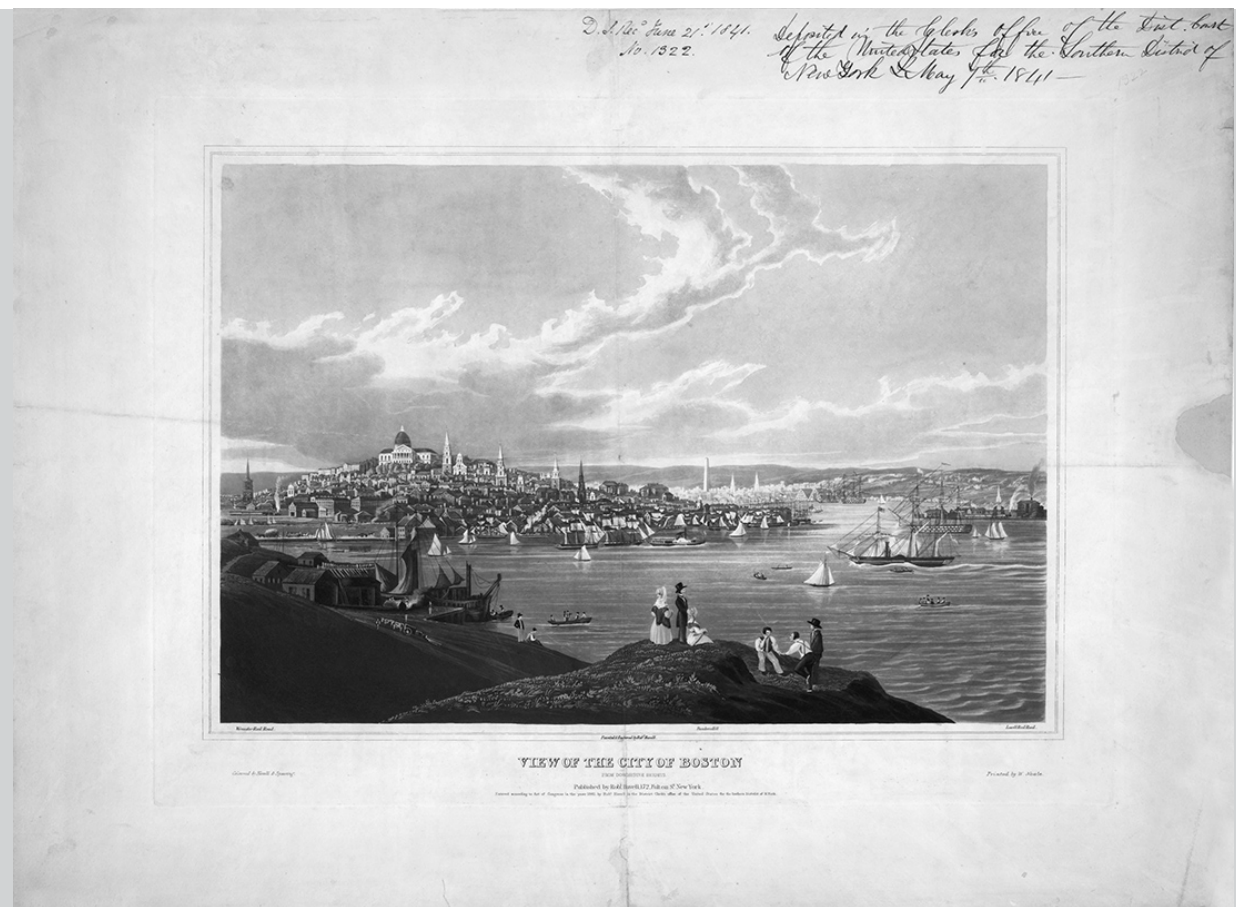
– Daqui por diante, isso passa a ser problema dele. Que descubra o que significa morrer de fome.

Aquele dia, 19 de março de 1827, marcava o fim abrupto da juventude do poeta.

Capítulo 10

[1827-1830]

Idade adulta:
o começo da
batalha sem fim



Vista de Boston no século XIX. A cidade era o centro cultural e literário dos Estados Unidos.

“ Sua generosidade é sem limites. Retribuí-la-ei,
fazendo do senhor o pai de um gênio. ”

E.A.P., “Vida literária de fulano de tal”, 1844.

Edgar hospedou-se numa pensão e solicitava a John, por meio de cartas, que lhe enviasse um baú com seus pertences e algum dinheiro para começar a vida. John retrucava, lançando-lhe em rosto as dívidas que tivera de pagar.

Frances e Nancy mandavam ao filho querido, em segredo, pequenas quantias em que conseguiam pôr as mãos, uma vez que o dinheiro da casa era controlado pelo chefe da família, e este se mantinha irredutível.

No final do mês, um rapaz chamado Henry Le Rennét embarcou num navio para Norfolk, em companhia de outro jovem, Ebenezer Burling. Era Poe que viajava com nome falso, caso John tentasse impedir sua partida e também para ficar a salvo dos credores, se não fossem pagas as dívidas que deixara para trás.

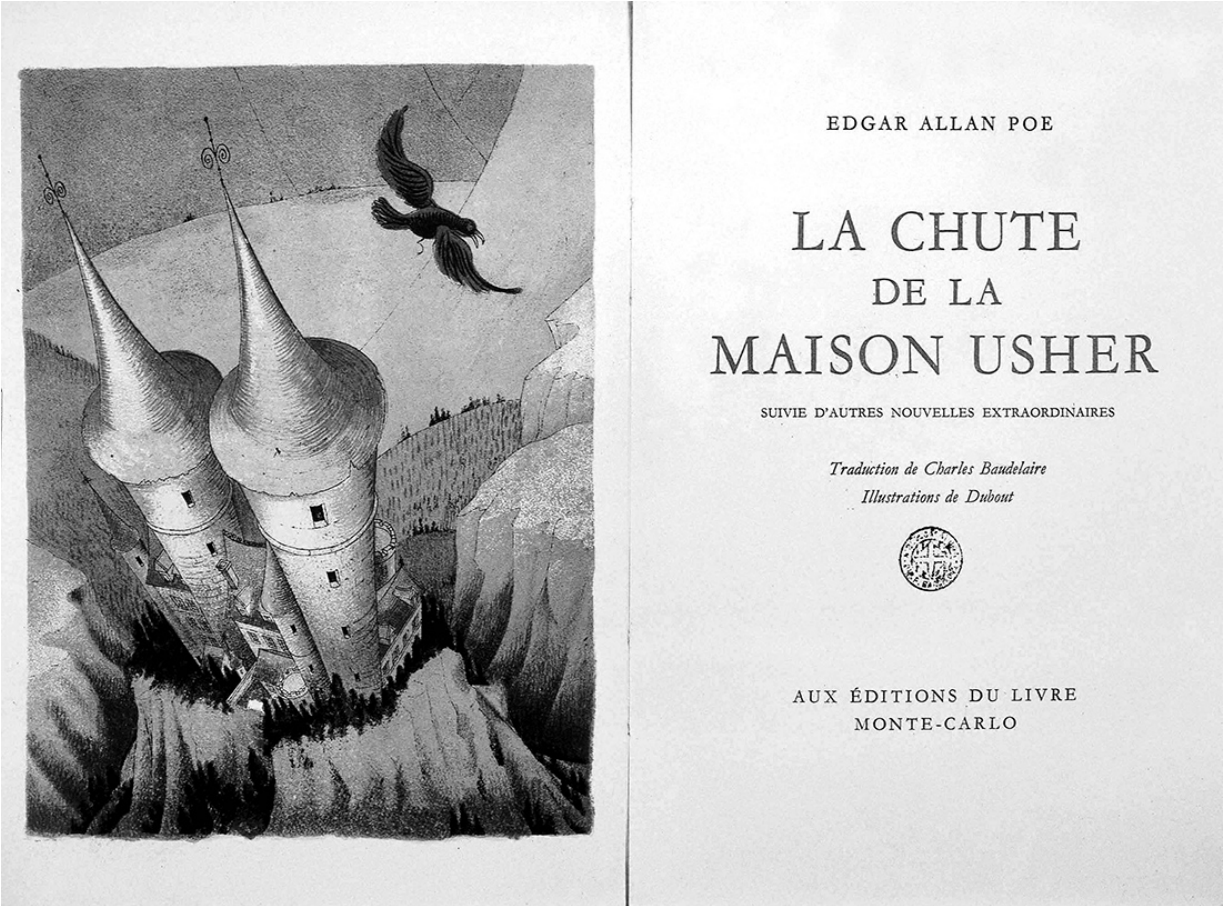
O destino era Boston, centro cultural e literário, onde pretendia ter sucesso na carreira de escritor. Pediu ao amigo que espalhasse a notícia de que viajara para a Grécia, Rússia e outros países que excitavam a

imaginação e davam a impressão de que o poeta se divertia despreocupadamente pelo mundo.

Em Boston, conheceu um jovem editor que também imprimia rótulos de remédios e que se dispôs a publicar a coletânea *Tamerlão e Outros Poemas*, assinada por “Um Bostoniano”, numa tiragem de cinquenta exemplares. O livreto, de quarenta páginas, não conseguiu ser vendido, muito menos resenhado por algum jornal.

Desiludido com o fracasso dessa primeira investida no mercado editorial, sem um centavo no bolso e não tendo como pagar casa e comida, Poe alistou-se no Exército sob o nome de Edgar Perry, alegando ter vinte e dois anos, quando na verdade tinha dezoito. Foi aceito e enviado primeiro para o Forte Independência, na Baía de Boston, e, alguns meses mais tarde, para o Forte Moultrie, na Baía de Charleston, Carolina do Sul.

Designado para fazer o serviço de escriturário, mostrou-se exemplar e tinha tempo suficiente para dedicar-se à literatura. Sempre que podia, retomava seus textos. Ele não queria desistir de fazer o que mais amava, e ao insucesso inicial seguiu-se, quase como reação, uma fase muito produtiva e inspirada. Trabalhava os primeiros esboços dos contos “O escaravelho de ouro” e “A queda da casa de Usher”, bem como do poema “Al Aaraaf”. Tinha a firme convicção de que um dia poderia viver exclusivamente da profissão de escritor.



A Queda da Casa de Usher – edição francesa com tradução de Charles Baudelaire, principal divulgador da obra de Poe.

Dois anos se passaram. Numa ocasião, Edgar foi chamado à presença de seus superiores.

Apresentou-se imediatamente, batendo continência aos oficiais presentes.

– À vontade, soldado Perry – ordenou-lhe o capitão da companhia.

– O senhor me chamou, capitão?

– Sim. Em primeiro lugar, quero parabenizá-lo pelos ótimos serviços que vem prestando. Estamos muito satisfeitos com sua atuação, e, por causa disso, comunico que você será promovido para o posto de sargento-mor de regimento.

Edgar ficou satisfeito. A promoção significava aumento de ganhos, e, com isso, talvez conseguisse pagar uma segunda edição de seus poemas, acrescentando-lhe alguns novos.

– Muito obrigado, senhor. Fico muito honrado.

Outra autoridade fez questão de cumprimentá-lo também.

– Meus parabéns, meu rapaz. Sua seriedade e conduta são exemplares. A promoção é mais do que merecida.

– Muito obrigado, comandante. Suas palavras são um estímulo para mim.

– E o que você pretende fazer no futuro?

– Para dizer a verdade, senhor, não pensei ainda. Gostaria de continuar a universidade, que tive de deixar por motivos pessoais.

– Pois eu sugiro que você pense em entrar para a Academia de West Point. Acho que você reúne todos os requisitos e faria boa figura como oficial.

Edgar manteve-se em silêncio. West Point seria um passo e tanto.

– Está dispensado, sargento Perry.

Ao ouvir o novo título, Edgar corou de alegria.

– Obrigado mais uma vez, senhores – disse, batendo continência e retirando-se.

A ideia de West Point germinava em seu espírito. Para poder sair do Exército, ele teria de conseguir um substituto que ocupasse seu lugar, e uma vaga de cadete implicava usar influência.

Decidiu pôr o orgulho de lado e, numa longa carta, pediu o auxílio de John. Este nem se dignou responder.

O que ele não sabia era que a mãe estava moribunda e insistia com o marido que chamasse Eddie, para revê-lo uma última vez. Nem mesmo o pedido da esposa amoleceu o coração de John. Quando escreveu para Edgar,

comunicando que Frances estava à beira da morte, não havia mais tempo. Na verdade, ela já estava morta.

Ao chegar à casa da qual fora expulso, envergando a farda do Exército, Edgar foi recebido com grande comoção. Todos choravam, Nancy e os criados.

A tia abraçou-o.

– Querido Eddie... Como sua pobre mãe teria gostado de vê-lo tão bonito nesse uniforme!

Mais uma vez a premonição, que no passado o avisara de tragédias, levou-o a se afastar da tia.

– Onde está a Mãe, tia Nancy? Diga logo: onde ela está?

O silêncio respondeu à pergunta.

– Oh, meu Deus! – exclamou Edgar, revoltado. – Não pode ser! Não acredito que ela tenha morrido! Quero ver minha mãe!

Acompanharam, então, o desolado filho ao cemitério de Shockoe, onde ele depositou flores e lágrimas amargas sobre o túmulo da mãe recém-partida.

Durante os dias da licença que lhe fora concedida, Edgar ficou hospedado na mansão a convite de John, que certamente sentia remorsos por não ter atendido aos rogos da esposa e chamado o rapaz a tempo de vê-la.

Entre os dois homens fez-se alguma paz, em memória de Frances. Edgar expôs a pretensão de entrar para a Academia de West Point, e a ideia agradou a John, que se dispôs a ajudá-lo na empreitada.

Mesmo com toda a influência e conhecimentos usados por Allan, somados às excelentes referências pessoais de Edgar, a nomeação não vinha.

Nesse ínterim, ele decidiu ir até Baltimore, onde imaginava conseguir apoio de seus parentes junto a Washington, já que o avô paterno, David

Poe, pertencera ao Exército na Guerra da Independência. Muito benquisto, era chamado de “general”. No entanto, a importância do avô era ilusória: ele não passara do posto de intendente, e tempo em demasia tinha escoado para que alguém ainda se recordasse dele.

Mais uma vez na penúria, enquanto aguardava novidades da Academia, Edgar acabou por encontrar a irmã de seu pai biológico, Maria Clemm, que se tomou de amores pelo rapaz e convidou-o a morar com a família.



COPYRIGHT A. G. LEARNED, 1916

FORDHAM COTTAGE POSTCARDS

Maria Clemm, irmã de David Poe – pai do poeta, e tia devotada a quem chamavam de Muddy.

Na minúscula casa de dois andares residiam Maria, o filho Henry, que vivia de bicos como ajudante de pedreiro, a filhinha Virgínia, de sete anos, e o sobrinho William Henry Leonard, irmão de Edgar, totalmente viciado na bebida. A única renda com que podiam contar vinha de mais uma moradora, Elizabeth Poe, mãe de Maria e avó de Edgar, velha e paralítica. Como viúva de David Poe, fazia jus a uma pequena pensão. A família mal e mal se mantinha, mas o poeta foi bem recebido, cercado do carinho e apoio da tia Maria, a quem todos chamavam carinhosamente de Muddy. Depois de ouvir o sobrinho declamar os poemas de sua autoria, passou a considerá-lo um prodígio.

– Meu filho, você não deve jogar todo esse talento fora – aconselhava com entusiasmo.

– Mas, tia, até agora todas as tentativas resultaram em fracasso. Meu livro não vendeu, nenhum crítico se dignou sequer fazer menção nos jornais.

– As pessoas costumam a reconhecer o gênio quando estão diante de um. Ponha aí a inveja, a competição e mesmo a falta de sensibilidade para saber o que é realmente bom. Pode demorar, mas o dia chegará, Edgar, anote o que eu digo. Você ainda será reconhecido como um dos maiores escritores dos Estados Unidos.

Edgar não desistia. Queria viver só da escrita. Para tanto, era preciso divulgar seu trabalho.

No quartinho do sótão que dividia com William Henry, passava horas escrevendo cartas aos editores e aos jornais, sem obter êxito. O irmão pretendia ser poeta e não era de todo sem talento, mas o alcoolismo acabou com qualquer possibilidade de perseguir o intento. Naquele tempo

de espera angustiante por alguma resposta às cartas que mandara, Edgar discutia literatura com William Henry, um mostrando sua produção ao outro.



O quarto do sótão, ocupado pelos irmãos Henry e Edgar Poe, na casa de Maria Clemm, em Baltimore.

– Henry, você tem talento. E todas as histórias que poderia contar sobre os lugares em que já estive... Quisera eu ter viajado tanto.

– Posso até escrever alguma coisa que preste, Eddie, mas talento de verdade eu não tenho. A parcela de genialidade que nossos pais nos transmitiram ficou toda com você.

Henry e Edgar se davam bem. Tinham o mesmo tipo físico e gostavam de se vestir com elegância, quando a situação financeira permitia. No entanto, era a poesia o elo mais forte entre os dois, que não se cansavam de contar suas ideias e projetos. Henry trabalhara na marinha mercante e conhecera muitos países distantes e exóticos; sobre essas viagens escreveu poemas, relatos e um conto chamado “O pirata”. Mostrou tudo ao irmão.

– Sabe o que eu acho, Henry? Que os poemas não são de todo maus: alguns, regulares; outros, um pouco melhores. Instigam a imaginação, fazem com que se queira ir a esses lugares tão diferentes, mas não trazem nada de novo. Acho que chegou a hora de pararmos de imitar o que já existe.

– O cânone conhecido e estabelecido é o que mais agrada – retrucou Henry.

– É esse o problema: agradar a quem? Ao público? À crítica? Ou a si próprio?! A arte não pode se acomodar por medo de rejeição. O artista tem de estar sempre um passo à frente.

– Tudo isso é teoria, Eddie.

– Ao contrário. Teoria é o que vem sendo pregado por aí. Eu quero revolucionar, escrever uma prosa verdadeiramente americana, sem cacoetes vindos dos ingleses. Quero ser eu mesmo.

– E morrer de fome ou ficar no ostracismo...

– Se tiver de ser assim, que seja. Entretanto, não vou fazer concessões para essa crítica estúpida, que acha que pode ditar as regras do bem escrever.

– E o conto? Você também não gostou dele?

– Para falar a verdade, não. Está muito longo, não dá para ler de uma vez só. É o começo...

– Acho que o meu conto tem um bom começo...

– Eu não disse que é mau. Venho pensando na produção dos contistas que conheço e sempre sinto falta de um início que seduza o leitor desde a primeira linha, entende? Que dê vontade de ler até o fim sem interrupções. E, para isso, não pode ser muito comprido. Aliás, nem a poesia.

– Mas os melhores e mais famosos poemas são longos. “A Divina Comédia”, a “Odisseia”, a “Ilíada”...

– Concordo, porém esses são exceções. O bom poema não deve ultrapassar uma certa medida, senão o leitor terá de interromper a leitura, e isso corta a emoção, o efeito que o poeta quis transmitir.

Essas discussões rendiam horas de agradável convívio entre os irmãos. Separados na primeira infância, agora se reencontravam, adultos, com vários interesses em comum. Pena que o irmão bebesse tanto, preocupava-se Edgar, ele mesmo afeito à bebida. Era um mal que afligia sua família. Pelo que soubera, o pai deles fora alcoólatra. Notou que Henry bebia muito e, o que era pior, tinha bastante tolerância ao álcool.

– Se eu bebesse o mesmo que você, viveria bêbado e não poderia escrever – dizia ao irmão.

– Você é fracote – ria-se Henry. – Duvido que consiga me acompanhar numa verdadeira bebedeira.

– Já tomei algumas e por causa delas e do jogo estou aqui, fora da universidade, expulso da casa do meu padrasto, sem dinheiro e sem emprego. E nada de vir resposta a minhas malditas cartas.

Até que um dia Maria lembrou que seu irmão, George Poe, poderia encaminhar o sobrinho.

– Não sei como não pensei nisso antes – anunciou, eufórica. – Vá procurá-lo, Eddie. George conhece gente importante de um jornal, não sei exatamente qual. Ele é seu tio, tenho certeza de que fará o que estiver ao seu alcance para ajudar alguém do próprio sangue.

Ela estava certa. George era amigo de um editor, John Neal, e enviou-lhe alguns poemas do sobrinho. Na edição seguinte saiu uma crítica, que Edgar, animadíssimo, leu em voz alta para a família:

– “Se E.A.P., de Baltimore, cujos versos a respeito de ‘Céu’, embora confesse ele olhá-los como inteiramente superiores a qualquer outra coisa de toda a poesia americana, salvo duas ou três ninharias citadas, são, embora absurdos, de um absurdo um tanto raro, quisesse apenas fazer justiça a si mesmo, poderia fazer um belo e magnífico poema. Há muita coisa aqui que justifica tal esperança.”

Finalmente o poeta saía do limbo.

Os meses escoavam serenos, apesar das constantes dificuldades financeiras enfrentadas pela família. Maria Clemm lavava, passava e cozinhava para todos, sempre maternal e bem-humorada. E ainda fazia acrobacias para esticar o dinheiro: costurava sob encomenda, economizava, pedia crédito no mercado e no açougue.

Edgar, com tempo disponível para escrever, ler, visitar amigos, flamar e sonhar com o futuro, sentia-se melhor do que nunca. O imenso carinho da tia, o constante incentivo, o aconchego da família faziam com que a vida se tornasse boa.

– Sissy, sua diabinha, me deixa trabalhar sossegado, está bem?

Era Virgínia, que vinha a toda hora amolar o primo com suas conversinhas de menina levada. Pulava em cima da cama, queria mexer em tudo. Era uma criança alegre e engraçada, sentava-se no colo de Henry, bisbilhotava as coisas que Eddie estava escrevendo.

– Eddie, quando você vai escrever uma poesia para mim? contei na escola que tenho um primo poeta famoso, conhecido em todo o mundo.

– Se você ficar quietinha, é capaz que escreva uma poesia para você.

– Verdade? Quando?

– No seu aniversário. Mas me deixe trabalhar.

Sissy, muito lépida, deu um beijo no primo e saiu correndo.

Virgínia era o dodói da casa. Todos adoravam aquela menininha esperta e tão cheia de vida. Edgar logo foi conquistado. Chamava-a de Sissy, às vezes de Sis, e era atencioso com ela, contava-lhe histórias que inventava na hora.

Gostava também de conversar com a avó, que não saía do quarto por causa da paralisia. A velha senhora alegrava-se com as visitas do neto recém-aparecido, mais um para ouvir suas lembranças do passado:

– Quando meu pobre Henry era vivo, aí, sim, vivíamos bem. Nos tempos em que foi intendente do Exército, deu dinheiro para os soldados de Lafayette, enquanto eu, com outras senhoras aqui de Baltimore, cortávamos e costurávamos calças para as tropas de Washington. Foram mais de quinhentas calças, você acredita? Todas nós ficávamos com os dedos em carne viva, mas quanto nos orgulhávamos de nossa contribuição!

No entanto, John Allan, que não deixara de mandar para o pupilo uma pequena mesada, cansou-se da situação. Não queria despender mais nada com Edgar. O tênue laço que os unira parecia ter se rompido de vez com a morte de Frances. Se o garoto entrasse para a Academia, cessaria totalmente qualquer obrigação de sua parte. Assim pensando, resolveu usar o maior trunfo de que dispunha: pediu a ajuda de um senador amigo.

No término de março de 1830, finalmente chegou a convocação. Edgar deveria se apresentar em Washington para os exames de admissão para West Point no dia 12 de maio.

Na data da partida, após um longo e apertado abraço, a maternal Maria abençoou o sobrinho, enchendo-o de recomendações:

– Não se meta em encrencas, ouviu bem, Eddie? Estude bastante, seja um bom aluno. Cuide-se, promete?

– Claro, Muddy, não se preocupe. Na primeira folga, virei visitá-la.

– Meu filho, que Deus o abençoe. Escreva sempre.

– Escreverei todas as semanas longas cartas para você, está bem assim?
– ele sorriu, com carinho.

– Eu não me referia a cartas, Eddie. Eu me referia a sua poesia. Não pare de escrever. Nunca. Lembre-se de que você é um grande escritor, e esse será o futuro de glória que o espera.

Tia e sobrinho separaram-se emocionados. No porto, John Allan aguardava o pupilo.

– Pa, obrigado por tudo – despediu-se Edgar, pronto para o abraço que trocava com aquele que tanto queria que o amasse e o considerasse realmente um filho.

Allan, porém, apenas estendeu-lhe a mão. Num aperto formal, desejou-lhe sorte.

Era o ponto final na história que ligara Poe aos Allans.

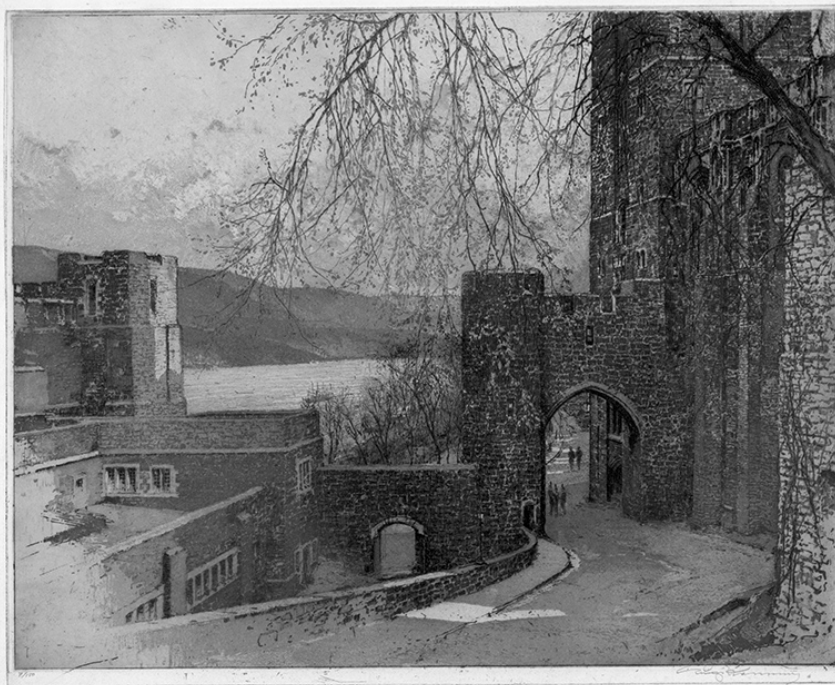


A pequena casa de Maria Clemm em Baltimore, hoje transformada em museu.

Capítulo 11

[1830-1831]

A rápida
carreira de
um cadete
de West Point
e um novo livro



Kasimir Jung (1800-1870) del.
G. K. 1843

West Point Military Academy by Luigi Kasimir

Academia Militar de West Point no tempo em que Poe foi admitido.

“ Para evitar as mortificações que se seguiram a seus desastres, [...] passou a residir na ilha de Sullivan, perto de Charleston, na Carolina do Sul. ”

E.A.P., “O escaravelho de ouro”, 1843.

West Point era o sonho dourado de muitas famílias importantes. Para lá mandavam seus filhos na esperança de que um dia viessem a ser oficiais das Forças Armadas dos Estados Unidos.

Tal posição daria a esses moços respeito em vida e até na morte, pois seus membros tinham cemitério especial em Arlington, reservado àqueles que serviram na Academia. Eram enterrados com todas as pompas militares.

Em 1º de julho de 1830, Edgar prestou o juramento de servir aos Estados Unidos. John comentou no clube onde jogava bridge:

– Hoje Edgar presta juramento em West Point. Ele me mandou convite, imaginem...

– E você não quis ir? – estranharam os amigos. – Afinal, você criou o garoto.

– Claro que não. Fiz a minha parte, dei-lhe a melhor educação possível, intercedi com minhas amizades para que ele fosse aceito na Academia. Acaba aqui qualquer obrigação minha. Nunca mais quero saber daquele estroina. Ele está definitivamente fora do meu testamento.

Durante a solenidade, Edgar procurava na plateia o rosto conhecido. Ainda tinha esperança de que o pai compareceria. Em vão. Os demais aspirantes contavam com a presença de familiares orgulhosos, menos ele. Não entendia essa rejeição de John, a quem sempre quisera bem. Achava que, com seu sucesso nos exames de admissão, o benfeitor teria motivos para se orgulhar e se aproximar; talvez mesmo o adotasse. Agora tinha certeza de que sempre fora um encargo na vida daquele a quem chamara de Pa. Nessa hora pensou em Frances. Daria tudo para que sua mãe estivesse lá. Como ela estaria radiante, o sorriso emocionado acompanhando o filho durante toda a cerimônia, para depois envolvê-lo em seus braços amorosos! Ah, por que sua Mãe se fora, a única pessoa que o amara de verdade... Era essa a sina que o acompanhava, perder as pessoas que faziam a diferença: a própria mãe, Elizabeth, da qual mal se recordava; a segunda mãe, Frances; a amada Jane... A única pessoa que ainda se importava com ele era sua tia Maria, mas ela não tinha dinheiro nem tempo para vir a West Point, atolada em trabalho e problemas para manter a família numerosa e improdutiva que pesava sobre suas costas.

Nessa hora, seu nome foi chamado, e ele se apresentou diante dos oficiais para o juramento. A ocasião era de alegria. No entanto, o travo amargo da solidão não o abandonou um momento sequer.

O convívio em West Point era dos mais agradáveis em termos de camaradagem, tradição e respeito. Edgar logo fez muitos amigos e, como de hábito, distinguiu-se nas matérias acadêmicas e no esporte. A carreira prometia ser auspiciosa, e ele tinha condições de ambicionar até os mais altos cargos. Só que, pouco a pouco, começou a se fartar. Não era aquilo que queria da vida. Sua paixão era a escrita, e o tempo que perdia com a Academia o fazia sentir-se traidor de suas aspirações e sonhos.

Esse estado de espírito o levou a voltar a beber. Não em grandes quantidades, mas o pouco que tomava era suficiente para causar danos. Alguns tragos virados sem sequer apreciar o conteúdo logo o deixavam num estado de nervos insuportável, acompanhado de profunda depressão. Fechava-se, então, em seu quarto e fazia versos e mais versos entre períodos de sono intranquilo.

Até que foi chamado pelo oficial superior. Edgar entrou na sala, bateu continência e colocou-se em posição de sentido, muito ereto, olhar fixo no infinito.

– Cadete Poe, o senhor vem demonstrando falta de interesse em suas obrigações acadêmicas. Além do mais, não tem se apresentado às aulas e aos treinos.

– É verdade, senhor.

– E o que o senhor tem a dizer em sua defesa?

– Que a minha atitude é indefensável, senhor.

– O senhor sabe que corre o risco de desligamento da Academia se continuar a agir dessa maneira?

– Perfeitamente, senhor.

– Então pretende se emendar daqui para a frente?

– De modo algum, senhor.

O oficial ficou perplexo.

– Será que ouvi direito, cadete Poe? O senhor não pretende se emendar?

– Com todo o respeito, não, senhor.

– Retire-se de minha frente. O senhor não tem o espírito da Academia.

– Concordo, senhor.

– Fora daqui imediatamente.

Edgar, sem se perturbar, bateu continência e se retirou da sala, sentindo-se aliviado: o superior tomara a decisão que ele vinha adiando. Foi levado à Corte Marcial e expulso de West Point. Agora poderia seguir seu caminho, que era escrever, escrever, só escrever. Tudo o mais era perda de tempo.

Em março de 1831, acabou-se qualquer pretensão de carreira militar para Poe. Com poucos dólares no bolso, decidiu partir para Nova York.

Lá conseguiu publicar o terceiro livro de poemas, na verdade uma edição ampliada de escritos anteriores, feitos em papel de segunda e com tiragem de quinhentos exemplares, que dedicou a seus ex-colegas cadetes.

Carregando o pacote de livros, dirigiu-se para Baltimore, o lar seguro e aconchegante de sua tia Maria Clemm.

Foi um homem barbado, envergando um capote das Forças Armadas, o cansaço estampado no rosto, que bateu à porta da casa na Milk Street (Rua do Leite). A própria Maria veio abrir.

– Meu filho! – exclamou, feliz. – Você veio me visitar? – Abraçou-o com carinho. – Vamos, entre, não fique aí na porta, entre logo. O que é isso que você traz nesse embrulho tão grande?

– É um presente para você, Muddy. O primeiro exemplar do meu novo livro já é seu. Os demais quatrocentos e noventa e nove vamos tentar vender.

Maria não cabia em si de tanta alegria. Falava sem parar:

– E a Academia, como vai? Logo teremos um general na família, não é? Acho que será o primeiro general-poeta da história. Venha, sente-se aqui, deixe-me olhar para você. Mas como está magro, abatido...

– Muddy, que alegria estar em casa, aqui a seu lado! Mas tenho medo de decepcioná-la.

– Por quê, Edgar? Você nunca vai me decepcionar. Um homem com seu talento e com futuro na carreira militar...

– Pois é isso, tia, que quero contar. Não pertencço mais a West Point.

Fez-se silêncio. Maria estava decepcionada. Procurou disfarçar como pôde.

– O que aconteceu?

Edgar respondeu, muito sério:

– Eu não tenho o espírito da Academia, foi o que meu superior falou.

– Como assim? Não estou entendendo.

– Não correspondi ao que esperavam de mim e fui desligado.

Maria abraçou-o.

– Oh, meu Eddie, quanta injustiça! Será que eles não conseguiram ver o aluno brilhante que tinham? Mas não fique desanimado, meu filho, as coisas nem sempre são como a gente espera.

– Não estou desanimado, Muddy. Na verdade, fiquei até aliviado. Assim que me desligaram, fui a Nova York e publiquei este novo livro. Muitos dos poemas que estão nele foram feitos na Academia. Era por causa deles que eu perdia as aulas e a noção do tempo. Minha vida é a escrita. Não adianta tentar outra coisa.

– Então, siga seus sonhos. Você há de vencer!

Edgar olhou em volta e notou que a casa parecia mais pobre do que a imagem que guardara na lembrança.

– Conte de você, tia. Como vão todos?

Maria balançou a cabeça, tristonha.

– Nem tudo vai bem por aqui. Na verdade, as coisas vão mal. Seu irmão Henry piorou, é muita despesa com remédios e tudo o mais; a pequena pensão que a sua avó recebe mal cobre os gastos com comida. Virgínia me ajuda como pode no serviço de casa, mas ela ainda é uma criança...

– Querida Muddy, não se preocupe. Agora estou de volta, vou procurar um trabalho, qualquer trabalho. Quem sabe algum jornal compra meus contos. Ou me contrata. Mas o que houve com Henry? Você disse que ele piorou?

– A tuberculose se agravou. Não tenho dinheiro para pagar tratamento melhor, mesmo porque o médico diz que o caso dele está avançado demais.

– Quer dizer que...

– Sim, querido; Henry está muito mal, infelizmente.

Ao ver o irmão, Edgar teve certeza de que o fim se aproximava. Sentiu-se responsável por não ter ajudado a tia com as despesas que tivera até então. Pôs-se a procurar emprego com vontade. Até se ofereceu como professor numa escola que abria em Maryland, mas a vaga acabara de ser preenchida. Edgar sentia-se cada vez mais incomodado com a sobrecarga que ele e o irmão representavam.

Enquanto isso, as vizinhas comentavam maldosamente:

– Esse rapaz teve tudo nas mãos e jogou as chances fora, uma a uma.

– É verdade. Imagine só, deixar um lar seguro que o acolheu como se fosse filho...

– E ser expulso da Academia Militar ainda por cima! Deve ter aprontado das boas; coisas sérias.

– Querem saber? Eddie não tem sangue bom. Veja o irmão, um beberrão parasita que, para completar, ficou tuberculoso.

– Coitada da Muddy... Mais esse peso sobre os ombros, como se já não bastasse...

Quando acontecia de Maria ouvir algum desses comentários, pulava em defesa do sobrinho:

– Não admito que falem mal do meu Eddie. Ele é um amor de menino, um garoto que vale ouro. Não teve sorte na vida, perdeu sua família, e a

outra que o acolheu não soube dar-lhe o merecido valor. Na Academia também: não estão acostumados com gênios. Eddie não é um soldadinho qualquer; ele é um grande poeta.

Pouco tempo depois, a morte veio visitar aquele lar e levou William Henry, aos vinte e quatro anos. Edgar sentiu profundamente a perda; ia-se um dos últimos elos que o ligavam à infância. Chorou pelo falecido, por si próprio, pelas más lembranças, pela vida que fora tão madrasta com seus irmãos e ele: William Henry, poeta frustrado, alcoólatra e tuberculoso; Rosalie, ainda que tivesse encontrado um lar adotivo acolhedor na casa dos Mackenzies, teve um atraso no desenvolvimento que a mantinha com a mentalidade de uma criança. Com isso, a possibilidade de vir a se casar algum dia era nula. E ele próprio tão rejeitado, lutando contra as dificuldades, sem saber o que esperar. Como tudo poderia ter sido diferente se tivessem tido um lar de verdade, se o pai não tivesse sumido, se a mãe não tivesse morrido. Ou se Frances não tivesse tido o mesmo fim. Órfão duas vezes! Por que havia pessoas marcadas dessa maneira pelo destino?, indagava-se, tomado de profunda melancolia.

Virgínia, aos oito anos, já anunciava uma beleza que estava por desabrochar. Tinha grandes olhos negros que contrastavam com a pele muito alva. Vendo o primo naquele estado, procurava consolá-lo como podia. Tinha por Edgar um afeto muito grande, mais profundo do que sentia pelo próprio irmão. Na verdade, idolatrava-o tanto quanto sua mãe e sofria por vê-lo sofrer.

No entanto, a vida se impunha. Alguns dias mais tarde, chegou uma promissória no valor de oitenta dólares. Era uma dívida que William Henry contraíra e que endossara em nome do irmão. Ao ver o documento, Edgar estourou:

– Mais essa, agora! Veja, Muddy, a herança que meu irmão me deixa. Uma dívida que não tenho como pagar. Posso até ir preso.

– Nem fale isso, meu filho. Vamos dar um jeito.

– Que jeito? – perguntou, impaciente. – Você sempre acha que há jeitos e jeitos. Mas a lei é clara: eu tenho de pagar, senão é a prisão.

– E se você pedir para o seu tutor?

– O quê? Para aquele miserável? Não quero nem um centavo dele.

– Não podemos ser orgulhosos na penúria, Edgar. Vamos escrever para ele. Eu pedirei também. Será que nem assim ele amolecerá?

As cartas seguiram, Maria deixando claro ao Sr. Allan que a dívida não fora contraída por Edgar, e sim pelo irmão recém-falecido. Por algum milagre, John decidiu atender à solicitação: não só mandou a quantia pedida, mas vinte dólares a mais. Só que, àquela altura, um primo saldara o débito a fim de evitar que o nome da família fosse arrastado na lama.

Os cem dólares vieram a calhar para enfrentar as dificuldades que a família atravessava. Eddie exultou:

– Com esse dinheiro, tia, vamos pagar nossas dívidas e nos dar ao luxo de algumas refeições decentes. Já que o avaro resolveu abrir a mão, acho que merecemos um pouco de conforto.

– Nada disso, Eddie. Vamos usar esse dinheiro com sobriedade. Nada de luxos.

– Não, minha querida Muddy – retrucou Edgar, confiante. – Hoje gastamos, amanhã pensamos onde arranjar mais. Mandei contos para jornais, entrei num concurso literário. Se eu ganhar, dinheiro não vai nos faltar. É hora de festejar.

Sua vontade foi feita. Fazia muito tempo que na mesa de Maria Clemm não se via carne ou vinho. A boa alimentação teve um efeito positivo sobre

todos. E o coração de Virgínia batia cada vez mais forte por aquele primo ousado...

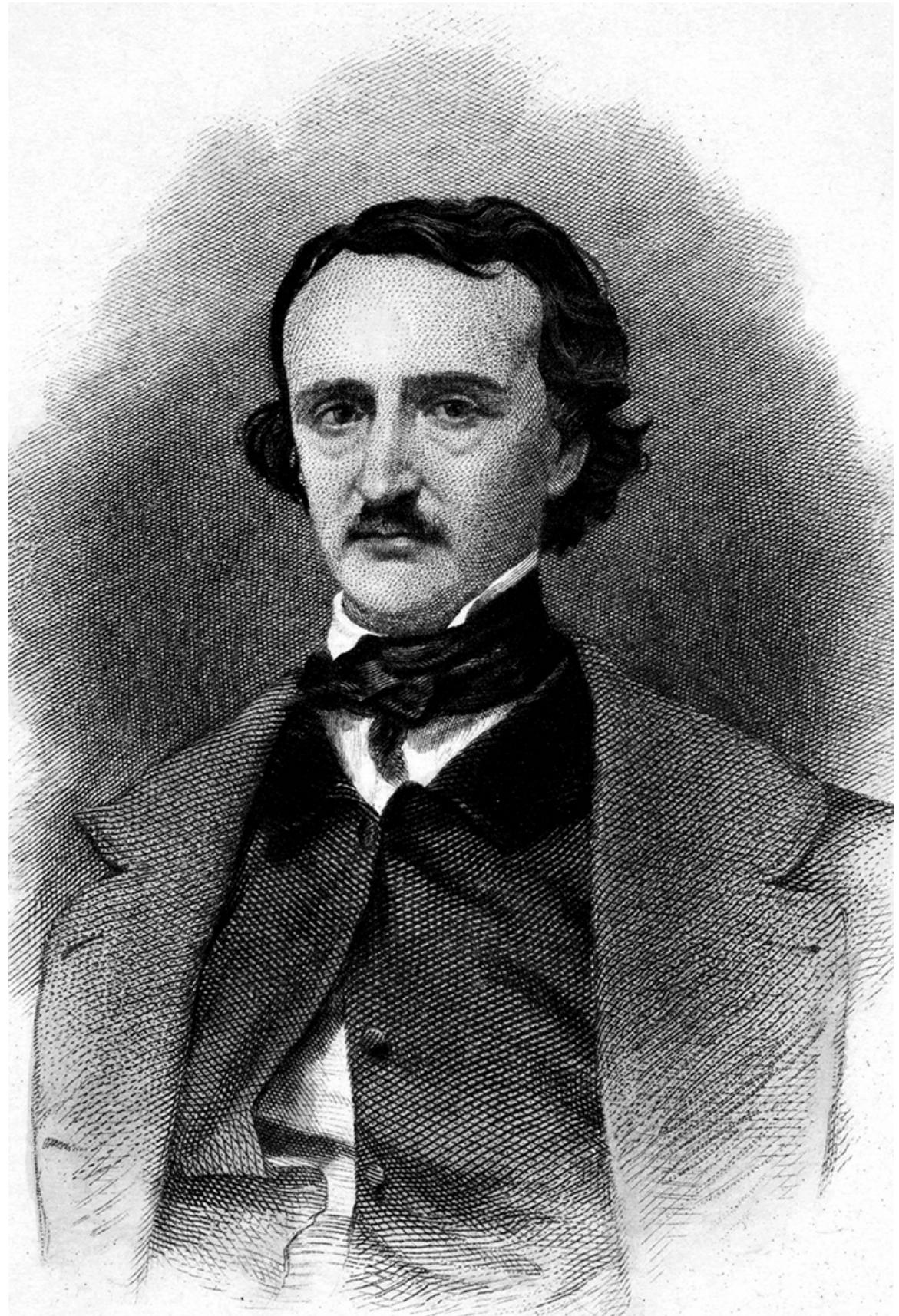


Vista de Baltimore, 1836.

Capítulo 12

[1831-1834]

As primeiras publicações. Um prêmio literário e o reconhecimento de um talento enorme. O começo de uma grande amizade e o fim de um velho inimigo



Retrato de Edgar Allan Poe.

“ Um autor acostumado à solidão, quando se mistura pela primeira vez aos homens de letras que o rodeiam, não deixa nunca de ficar tão surpreendido quanto encantado por verificar que as decisões imparciais de seu próprio julgamento [...] são aprovadas e consideradas inteiramente naturais por quase todas as pessoas a quem ele se dirige. ”

E.A.P., “Marginalia”.

Os sobressaltos financeiros persistiam. A única renda continuava sendo a pequena pensão mensal recebida pela avó Elizabeth.

Henry, o filho de Muddy, saía de casa, e, com isso, lá se foi o pouco dinheiro que trazia de seus bicos como pedreiro. Com a morte de William Henry, eram duas bocas a menos para alimentar, mas, ainda assim, a família beirava a pobreza.

Edgar escrevia no sótão, onde dormia. Mandava seus trabalhos para jornais, procurava trabalho remunerado, affigia-se com as contas que se amontoavam. Como distração, ia sempre a uma livraria, à biblioteca local e a uma taverna chamada Widow Meagle's Oyster Parlor (Salão das Ostras), muito frequentada por marinheiros. Nesses lugares, passava horas e mais horas: na primeira, folheando livros; na segunda, lendo e fazendo pesquisas, que anotava com muita organização em fichas; e, na terceira, ouvindo avidamente as histórias de aventuras e perigos por mares revoltos, contadas pelos homens do mar. Lá conheceu Tuhey, um marinheiro que tocava flauta. Era comum ver o "Bardo", como Poe era tratado, recitando suas poesias ao som da música feita pelo marujo, rodeados pelos frequentadores, entre tragos e aplausos.

Na rua de trás da casa dos Clemms, morava a família Devereaux. Do sótão, onde passava várias horas, Edgar teve sua atenção atraída pela jovem Mary, que, da janela, correspondia ao interesse demonstrado pelo vizinho. Saber que o moço era soldado e poeta foi o suficiente para incendiar a imaginação romântica da adolescente. Assim, nasceu um namoro, que durou cerca de um ano e acabou com a mudança da família Devereaux para a Filadélfia, em razão de uma melodramática cena de ciúme armada por Edgar.

No verão de 1831, ao ver o anúncio de um concurso de contos promovido por um jornal da Filadélfia, que pagaria cem dólares pelo conto vencedor, apressou-se em se inscrever, mas o prêmio foi dado a uma certa Delia Bacon. Edgar, que tanto necessitava do dinheiro, decepcionou-se:

– Eu tinha certeza de que ganharia com esse conto, Muddy. Ele é muito bom e bem ao gosto dos leitores. Não que eu vá fazer literatura para agradar aos outros, mas, se quisermos sair desse atoleiro, só poesia não nos ajudará.

– Será que o gosto do público é esse, Eddie? Veja a ganhadora, Miss Bacon. Pelo título do conto, já se vê que ela escreve sobre o amor.

– Ah, sim, “Mártir do amor”. Que horror! Leitura melosa. O que esperar de uma mulher que é preceptora de mocinhas ricas? Já o meu conto fala do horror e da fatalidade, coisas que acontecem em todos os tempos, em qualquer data ou lugar. Esse julgamento não reflete o gosto do público, Muddy, mas sim o do júri, que não entende nada de literatura.

De fato, o conto de Poe era tão bom que o editor do jornal *Philadelphia Saturday Courier* publicou-o em 14 de janeiro de 1832. Era seu primeiro trabalho em prosa a ser impresso. Não só o conto concorrente como outros quatro que Edgar enviara ao jornal foram divulgados, recebendo resenha altamente elogiosa por parte de um jornal de Baltimore. Mas o editor não

pagou nada ao autor a título de direitos autorais, e com isso a situação de penúria não se modificou.

Em junho do ano seguinte, Edgar resolveu ir a Richmond para visitar o tutor. Se ele esperava alguma espécie de reaproximação, enganou-se redondamente. John Allan tinha se casado outra vez, e a nova esposa não simpatizou com o antigo pupilo do marido. Por sua vez, diante da presença de uma usurpadora do lugar de sua Ma, Edgar não se conteve:

– Não sei como você se casou de novo e traiu a memória da Ma.

Foi o estopim para que trocassem palavras duras:

– O que você tem a ver com isso? Já não chega ter se metido em minha vida por tanto tempo? Acha que não sei que foi você quem atrapalhou meu casamento com Nancy?

– Ótimo que saiba que fui eu. Escrevi, sim, para minha tia não aceitar seus avanços. Você tem filhos bastardos por aí afora, até mesmo gêmeos. Não satisfeito em trair a pobre Ma enquanto era viva, pretendia fazer o mesmo com a tia Nancy.

– Ora, ora, olhe quem fala. Praticamente um bastardo que acolhi sob meu teto e a quem dei do melhor...

– Eu não sou bastardo, meu pai era David Poe...

– Se é que ele era seu pai... Seguramente não era pai de sua irmã Rosalie. Ela nasceu bem depois de ele ter largado sua mãe.

– Como o senhor se atreve a falar da minha família e tentar manchar a honra de minha mãe?

– Falo a verdade. Ninguém vai me dizer o que posso falar em minha própria casa. Agora não tem mais a Frances e a Nancy para fazerem suas vontades e te protegerem.

A nova esposa interveio:

– John, querido, você não deve se alterar e se deixar ofender por essa pessoa. Lembre-se do seu mal-estar, que pode piorar com tanto aborrecimento.

Edgar voltou-se para a mulher:

– E a senhora, madame, não se dirija a mim. Este lar pertenceu e pertence a Frances Allan, uma verdadeira dama, e não a uma oportunista que se casa com um velho, certamente para botar a mão no seu dinheiro.

Na verdade, John, que já tinha idade, sofria de uma doença degenerativa que lhe causava vertigens e zumbido quase constante no ouvido. Lembrado bem a tempo de sua indisposição, encenou um ataque de vertigem e mandou que Edgar saísse de sua frente. O rapaz foi embora sentindo-se revoltado e triste. Na infância, tivera carinho pelo tutor, que, por sua vez, aparentemente não desgostava do pupilo. No entanto, com o passar dos anos, o desentendimento entre ambos foi aumentando de tal maneira que tornou impossível o convívio, mesmo que por algumas poucas horas.

Em outubro de 1833, Edgar concorreu a outro prêmio literário, promovido pelo jornal local, o Baltimore Saturday Visiter.

Um dia, chegou a carta com o resultado.

– Muddy, ganhei! Veja só o relatório dos jurados. – Edgar corria pela casa, sacudindo a carta como se fosse um troféu. – Cinquenta dólares, Muddy, cinquenta dólares!

A tia veio ver que estardalhaço era aquele.

– Que foi, Eddie? Ah, o prêmio! Deixa ver.

A carta vinha com a conclusão dos jurados, uma comissão de cidadãos ilustres. Finalmente ganhava o primeiro reconhecimento, com o conto “Manuscrito encontrado numa garrafa”.

– Ouça só o que disseram dos contos que mandei: “Não podemos deixar de dizer que o autor deve à sua própria reputação, bem como a gratificação da comunidade, publicar o volume inteiro”. E mais ainda, Muddy: “Esses contos distinguem-se eminentemente por uma imaginação estranha, vigorosa e poética, um estilo rico, uma invenção fértil e curioso saber”.

Edgar estava radiante. Tinha certeza de que agora sua carreira deslancharia.

No entanto, uma notícia que vazou poucos dias mais tarde tirou a alegria da vitória. Soube que, além dos contos, seu poema “O Coliseu”, enviado para disputar na categoria poesia, também fora escolhido pela comissão julgadora. Achando que a concessão de dois prêmios ao mesmo autor pareceria suspeito, a banca decidiu outorgar a láurea a outro concorrente.

Edgar ficou fora de si. Além de sentir-se injustiçado, só Deus sabia quanto cinquenta dólares a mais viriam a calhar. Chegou a procurar o ganhador, um poeta chamado John Hill Hewitt. Pretendia dizer-lhe o que pensava dele, um trapaceiro, um poeta medíocre. Mas foi impedido graças à intervenção de um dos jurados, John Pendleton Kennedy, homem de projeção, ocupante de cargos importantes e também escritor. Kennedy, impressionado com o talento de Poe, aconselhou-o a não levar o caso adiante.

– De nada adiantará, meu jovem. O prêmio já foi dado, e você nada ganharia em causar um reboiço.

– Sr. Kennedy, desculpe-me por discordar. Acho que esses miseráveis precisam aprender onde está o verdadeiro talento e tratá-lo com o merecido respeito.

– Concordo, concordo. Entretanto aceite um conselho meu, que sou mais velho e mais vivido. Seu talento aparecerá por mérito próprio. Não se

desgaste. Você conhece bem o meio literário: é um vespeiro. Qualquer problema e você só terá a perder. Em vez disso, permita-me ajudá-lo.

Assim nasceu a amizade entre os dois. Kennedy, fiel à palavra, procurou ajudar o novo amigo. Apresentou-o a seu editor na Filadélfia. Este, achando que um livro de contos não era vendável, aconselhou:

– Por que o senhor não publica seus contos separadamente em jornais, Sr. Poe? Dessa maneira, seu nome ficará muito mais conhecido do público leitor. Aí, sim, poderemos pensar em um livro.

Edgar saiu desapontado da casa editorial, mas Kennedy tratou de animá-lo.

– É uma boa ideia essa de publicar os contos em jornais. E também há as revistas. Imagine como você pode ficar conhecido dessa maneira. Muito mais do que reunindo tudo em um livro.

– Quem vai querer publicar? Já estou cansado de ver tantas portas se fechar.

– Vamos ver o que conseguimos. Vou falar com o White, editor da *Southern Literary Messenger*. Ele é meu amigo e certamente vai se interessar.

Thomas White recebeu o material enviado, comprometendo-se a ler e dar uma resposta.

Enquanto aguardava, Edgar, que até então só frequentara a livraria, a biblioteca local e o Salão das Ostras, passou a ser convidado para algo de maior importância: um grupo literário que se formara em torno de John Kennedy e se reunia num clube antigo chamado Tusculum. Os aspirantes a um lugar ao sol nas letras submetiam sua produção aos mais experientes. Poe estava sempre presente nas reuniões.



Dag. by Vamerson.

Engr. by H.B. Hall

John P. Kennedy

John Pendleton Kennedy, influente político, amigo e conselheiro de Poe.

A família Clemm mudava de endereço. Uma casa de dois andares, toda de tijolos, aparecera como oportunidade, e assim lá se foram, carregando os pertences, para a Amity Street (Rua da Amizade). O escritor finalmente ganhava um quarto e não mais precisava dormir e trabalhar no sótão.

No início de 1834, veio a notícia de que John Allan estava nas últimas. Edgar, engolindo o orgulho e o ressentimento, resolveu ir até Richmond para se despedir.

Chegando à casa dos Allans, subiu ao quarto do moribundo, que, de repente, pareceu ganhar vida. Assim que viu o moço, alcançou sua bengala ao lado do leito e pôs-se a proferir ameaças, gritando-lhe todo tipo de desaforos. Os berros fizeram com que a mulher e os criados acudissem.

– Saia imediatamente deste lar – gritava a Sra. Allan. – Eu jamais deveria ter deixado você subir. Veja em que estado deixou o pobre John. Você não respeita nem quem está à beira da morte. Ponha-se daqui para fora, saia, saia...

Os gritos o perseguiram por dias e dias. Afinal, ele nem mesmo chegara a dirigir palavra ao homem.

Pouco tempo depois, soube que John Allan falecera.

– Muddy, será que a minha visita apressou a morte do velho?

– Não se culpe, Eddie. Ele era um homem mau e mereceu o fim que teve: doente e infeliz, apesar de todo o dinheiro que conseguiu ganhar. Quero saber que bem lhe veio disso. Terá levado tudo para o caixão?

– Não – interveio Virgínia. – Pelo que Eddie contou, a viúva, que deve ser uma bruxa, saberá como gastar até o último centavo.

– Vamos esperar a abertura do inventário. Quem sabe ele me deixou alguma coisa, em nome dos anos que vivi em sua casa.

Muddy balançou a cabeça negativamente.

– Perca as esperanças, meu filho. Aquele homem não tinha alma.

Mais uma vez ela demonstrou conhecer o ser humano. John nem sequer citou o nome de Edgar no testamento.

Às portas da miséria, veio a notícia salvadora: o editor da *Southern Literary Messenger*, Thomas White, amigo de John Kennedy, publica “Berenice” na edição de março de 1835 e encomenda a Poe uma série de contos, resenhas de livros e críticas. Daí a convidá-lo para ser editor da revista foi um passo. No entanto, para aceitar o cargo, que seria seu primeiro emprego fixo, o poeta teria de se mudar para Richmond.

Edgar hesitava. Não queria se afastar da família nem voltar à cidade onde passara parte da infância e da juventude. Debatia-se entre um misto de sentimentos nostálgicos: tempos de ternura de sua Mãe e da tia Nancy e as amargas lembranças da ingratidão de que fora alvo por parte do tutor. Por outro lado, levar os Clemms era impensável, em razão da progressiva debilidade física da velha Sra. Poe. O assunto era discutido em família, mas a decisão sempre adiada, até que as condições financeiras tomaram a resolução: Edgar deveria partir se quisessem pagar as contas e pôr comida na mesa.

THE
SOUTHERN LITERARY MESSENGER

FOR

DECEMBER, 1835.

VOL. II.—T. W. WHITE, PROPRIETOR. RICHMOND. FIVE DOLLARS PER ANNUM.—NO. I.

CONTENTS.

ORIGINAL ARTICLES IN PROSE.		Page
Publisher's Notice.....	1	1
Sketches of the History and Present Condition of Tripoli, with some account of the other Barbary States, No. IX.....	1	1
A Fairy Tale.....	2	2
Extracts from my Mexican Journal.....	10	10
Logic.....	16	16
An Address on Education, as connected with the Permanence of our Republican Institutions. Delivered before the Institute of Education of Hampden Sidney College, at its Anniversary Meeting, September the 24th, 1835, by Lucian Minor, Esq. of Louisa. Published by request of the Institute, The Wicahiecon.....	17	17
Le Brun.....	24	24
Lionel Granby. Chapter VI.....	27	27
EDITORIAL CRITICISMS.		
The Heroine. By Eaton Stannard Barrett. New Edition.....	41	41
The Hawks of Hawk-Hollow. By Dr. Bird.....	43	43
Tales of the Peerage, &c. By Lady Dacre.....	46	46
The Edinburgh Review, No. CXXIV.....	47	47
Nuts to Crack. By the author of Facetiae Cantabrigienses.....	49	49
The Practice of Courts of Law and Equity in Virginia. By Conway Robinson.....	50	50
A Memoir of the Rev. John H. Rice, D.D. By William Maxwell.....	51	51
Oration on the Life and Character of the Rev. Joseph Caldwell, D.D. By Walker Anderson, A.M.	52	52
Washington Vita. By Francis Glass of Ohio.....	52	52
Norman Leslie. By Theodore S. Fay.....	54	54
The Linwoods. By Miss Sedgwick.....	57	57
The Westminster Review, No. XLV.....	59	59
The London Quarterly Review, No. CVII.....	61	61
The North American Review, No. LXXXIX.....	63	63
The Crayon Miscellany, No. III.....	64	64
Lives of the Necromancers. By William Godwin.....	65	65
Inaugural Address of the Rev. D. L. Carroll, D.D., President of Hampden Sidney, delivered on his Induction into that Office.....	65	65
An Address on Education, &c. By Lucian Minor, Esq. of Louisa.....	66	66
Legends of a Log Cabin. By a Western Man.....	67	67
Traits of American Life. By Mrs. Hale.....	67	67
Western Sketches. By James Hall.....	67	67
The American Almanac, for 1836.....	68	68
Clinton Bradshaw.....	68	68
English Annuals.....	68	68
SELECTED PROSE ARTICLES.		
M.S. Found in a Bottle. By Edgar A. Poe. (From the Gift, an Annual).....	33	33
Specimens of Loveletters in the Reign of Edward IV. (From a Collection of Original Letters, by John Fenn, M.A. and F.R.S.).....	39	39
ORIGINAL ARTICLES IN POETRY.		
October.....	9	9
Mother and Child.....	9	9
Lines.....	9	9
The Broken Heart.....	9	9
Halley's Comet—1760. By Miss E. Draper.....	9	9
Scenes from Politian, an unpublished Drama. By Edgar A. Poe.....	13	13
Memory.....	27	27
The City.....	27	27
Macedonic. By the author of Other Things.....	28	28
The Dream.....	81	81
A Sketch. By Mrs. Lacy Beard, M.D.....	37	37
Greek Song. (A Translation).....	38	38
Sonnet.....	38	38
Marcella.....	60	60
To Mira. By L. A. Wilmer.....	40	40
Stanzas.....	40	40

The LITERARY MESSENGER contains 64 pages, being 4 sheets to each number, the postage on which, according to law, is, for 100 miles and under, five cents; over 100 miles, ten cents.

RICHMOND, VA:

T. W. WHITE, PRINTER AND PROPRIETOR,

OPPOSITE THE BELL TAVERN.

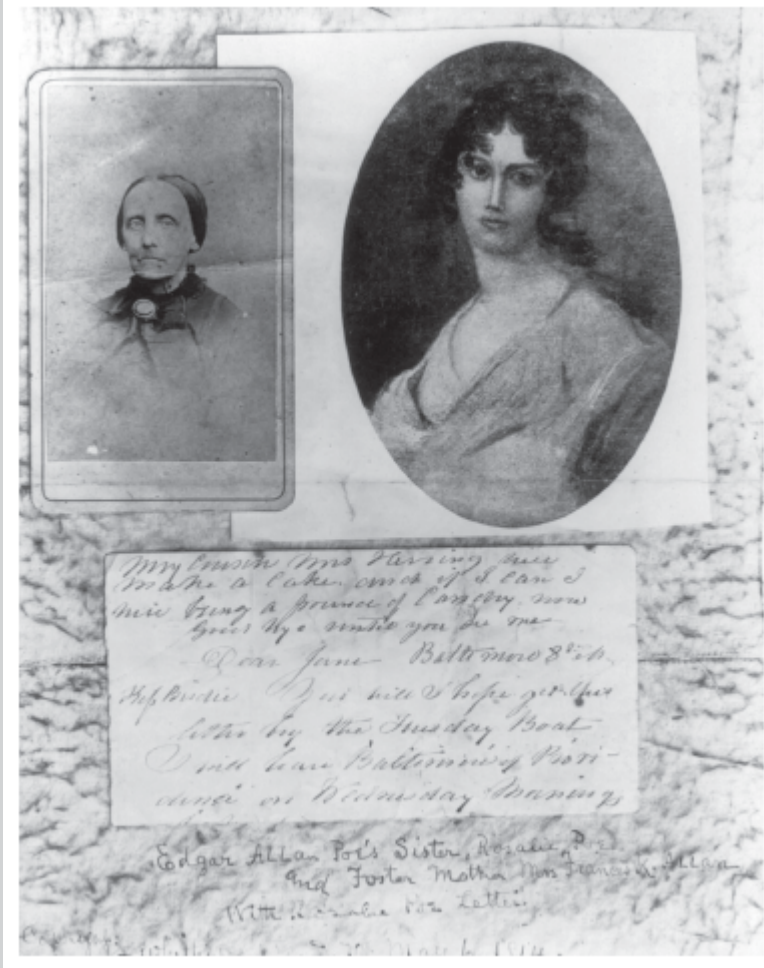
1835.

Edição de dezembro de 1835 da revista *The Southern Literary Messenger*, publicada por Thomas White, contendo o conto “Manuscrito encontrado em uma garrafa”, de autoria de Poe.

Capítulo 13

[1835]

Eddie, Sissy e
Muddy: uma
família de verdade



Composição de fotos: Frances Allan, mãe adotiva, e Rosalie Poe, irmã caçula de Edgar.

“ Não tenho termos... ai... para dizer o quanto é doce o verdadeiro amor!/Nem tentarei agora descrever dessa face lindíssima o primor[...] ”

E.A.P., “Tamerlão”, 1827.

Foi assim que Edgar retornou a Richmond, após chorosas despedidas e muitos conselhos de Muddy:

– Eddie, sei que você tem bebido mais do que devia. O futuro está de portas abertas para o sucesso. Não vá afogar suas chances dentro de uma garrafa. Ou de coisas piores...Você não precisa buscar inspiração em nada artificial. Deus já lhe deu de presente a genialidade. Fique à altura dessa dádiva.

É que andavam dizendo que Edgar bebia em excesso e, além disso, se drogava para aguentar o peso da vida e a carga de um talento sem tamanho.

– Não se preocupe, Muddy. Você há de se orgulhar de mim. Tenho certeza de que essa viagem é a boa sorte que está chegando.

Diferentemente dos pensamentos sombrios que no início o assaltaram em relação à viagem, seu lado solar agora via o retorno como um prenúncio de sucesso e fama. Naquela época, adquirira o hábito de se vestir de negro da cabeça aos pés, talvez para chamar a atenção, talvez para encarnar o ideal romântico de poeta maldito.

Nos primeiros dias, hospedou-se na casa dos Mackenzies, onde sua irmã Rosalie morava como filha adotiva e benquista. Ela era uma moça doce, um corpo de adulto com a mentalidade de uma criança. Sua meiguice, no entanto, garantira-lhe o afeto dos pais e dos irmãos. No jantar, a conversa girou em torno dos Allans.

– Fiquei estarelecida com a falta de humanidade do John, esquecendo-se de você no testamento, Eddie! – exclamou a Sra. Mackenzie.

– Devo dizer que sempre o tratei com respeito e afeto, como um filho deve ao pai. Mas o Sr. Allan não correspondeu. Talvez a culpa seja minha. Vim vê-lo duas vezes enquanto esteve doente, apesar de tudo. Em ambas ele me expulsou da casa.

– Sem dúvida foi uma atitude de causar espanto – observou o Sr. Mackenzie. – Nós somos testemunhas de que você sempre foi um bom filho, apesar de algumas escorregadelas absolutamente perdoáveis na juventude. John tinha um temperamento complicado, mas não imaginei que chegasse a tanto.

– E se a pobre Frances estiver vendo tudo isso, não terá descanso por toda a eternidade – acrescentou a Sra. Mackenzie. – Aliás, acho que foi em grande parte culpa da nova Sra. Allan o fato de você não ter sido incluído na herança.

– De que valeu ter tanto dinheiro se não conseguia nem ao menos amar alguém que ele próprio criou? Se a tia Frances não tivesse ido embora tão cedo, nada disso teria acontecido com o meu pobre irmão – disse Rosalie, sorrindo docemente para Edgar.

– Quem sabe eu não fui um bom filho, diferentemente de você, Rosalie.

– Bem, de nada adianta ficarmos lamentando o que passou. – O Sr. Mackenzie encerrou a conversa. – Eddie é um moço brilhante, com todo o futuro pela frente. Conte conosco para o que precisar.

Nos dias que se seguiram, Edgar saiu à procura de um quarto e também do passado. Revisitou lugares e amigos, familiarizou-se com a cidade e sentiu-se feliz. Era bom estar de volta.

Apresentou-se na *Messenger*, onde recebeu as boas-vindas de Thomas White e sua equipe.

– Seja bem-vindo, meu rapaz. Espero que você consiga o que não estou conseguindo: fazer com que essa revista venda.

– Claro, Sr. White. E já trouxe material para publicarmos. Mas, por enquanto, eu gostaria de me manter no anonimato.

– Por quê?

– Para testar a aceitação do público. Veja só as poesias que selecionei...

Thomas White examinou-as, e o que viu o agradou bastante. O homem tinha faro para negócios e conhecia o gosto dos leitores.

– Gostei muito; muito mesmo! Vamos publicá-las aos poucos.

E assim, enquanto Edgar se mudava para um quarto que alugara na pensão da Sra. Poore, na Capitol Square (Praça do Capitólio), a *Messenger* publicava poesias assinadas por “Sívio”, que encantaram os leitores. Uma delas, denominada “A Sara”, tinha endereço certo: nas entrelinhas deixava transparecer o romance com Sara Elmira Royster, a namorada que não aguardara a volta do amado.

Os primeiros tempos na cidade pareciam atender às melhores expectativas. Edgar tornou-se um editor importante, conseguindo triplicar o número de assinantes da revista desde que assumiu a editoria. Não mais usava drogas nem álcool e trabalhava de manhã à noite com impressionante determinação. O trabalho só fazia aumentar, as responsabilidades eram incontáveis. No entanto, o pagamento ao novo editor não correspondia ao sucesso que a publicação passara a fazer.

A solidão, o excesso de trabalho, o pouco dinheiro e a distância da garrafa logo começaram a se fazer sentir. Edgar desesperava-se, não aguentava mais, queria largar tudo e voltar para casa. Num momento de profunda depressão, escreveu para o amigo e protetor:

“Caro Kennedy,

Sou desgraçado e não sei por quê. Incite-me a fazer o que é direito”.

Sem aguardar resposta, partiu como um fugitivo para Baltimore. Era um final de tarde quando, pressurosamente, bateu à porta da pequena casa na

Rua da Amizade. Foi recebido por Virgínia, que se atirou em seus braços.

– Oh, Eddie, eu morri de saudade de você!

– Eu também, minha Sissy. Não quero nunca mais me afastar de casa.

Virgínia, aos treze anos, era de uma beleza clássica. Apesar de demonstrar a pouca idade, olhava para Eddie com o encantamento de uma adolescente apaixonada.

– Foi só de casa que você sentiu falta? – perguntou, coquete.

Edgar olhou-a bem nos olhos e ficou pensativo.

– Então? Você não me responde? – A expressão tristonha revelava a decepção.

– Não, Sissy. Senti falta de casa, é verdade. De Muddy, do ambiente aconchegante, do amor que vocês me dão. Mas, acima de tudo, foi a sua ausência que me deixou quase maluco.

Virgínia abraçou Eddie com força, recostando a cabeça no ombro do primo.

– Eddie, quanto sonhei com esse dia, quanto rezei para ouvir essas palavras! Nosso primo Neilson Poe veio falar com mamãe. Quer nos levar para morar com ele em Nova York e me apresentar à sociedade. Mamãe desconfia que, no futuro, pretenda se casar comigo. Não deixe que isso aconteça, Eddie, por favor! – choramingou a jovem.

Edgar, surpreso com o que acabara de ouvir, retrucou com determinação:

– Não, Sissy. Você não vai embora com Neilson. Sabe por quê?

Ela levantou o rostinho e aguardou a resposta.

– Porque você vai se casar comigo! E logo.

– Verdade, Eddie? Você só está brincando...

Ele a afastou um pouco e, muito sério, perguntou:

– Srta. Virgínia Clemm, quer se casar comigo?

– Quero! Sim, quero! Oh, meu querido Eddie.

– Então vamos falar com Muddy agora mesmo.

A fisionomia de Virgínia se anuviou.

– E se ela não deixar?

– Não se preocupe, Sissy. Muddy vai deixar, eu sei que vai.

De fato, Muddy não se opôs. Até ficou feliz, pois amava Edgar, e assim ele estaria ligado para sempre à família.

– Agora seremos uma família de verdade. Meus filhos, tenho certeza de que vocês serão muito felizes. Mas vamos esperar pelo menos dois anos, até que Sissy faça quinze anos, e aí anunciamos o noivado.

Os jovens trocaram um olhar cúmplice.

– Não, mamãe. Eddie e eu queremos nos casar logo.

– Mas você é uma criança ainda...

Edgar interveio:

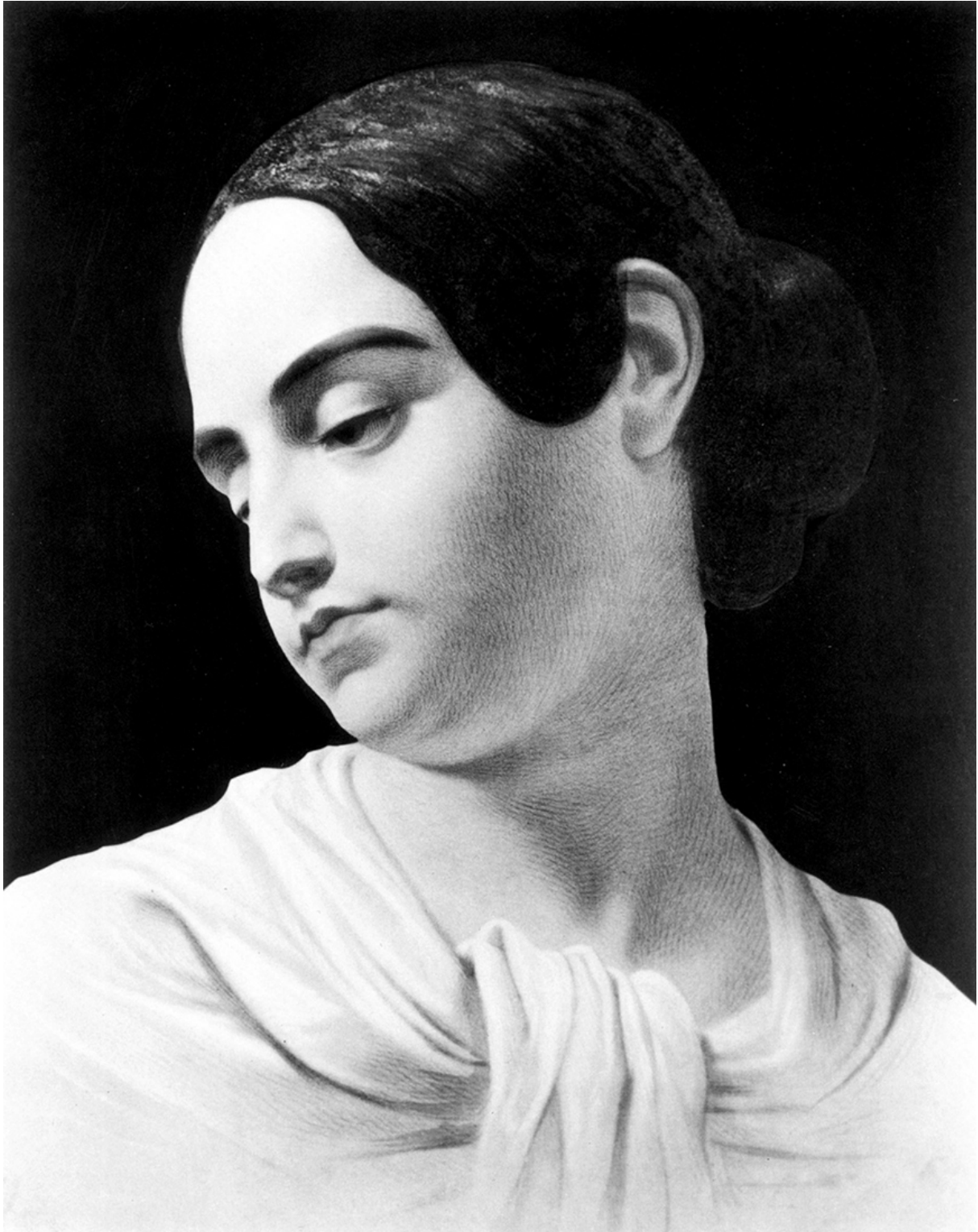
– Muddy, prometo que saberei esperar até que Sissy esteja preparada para o casamento. Mas queremos oficializar a união o quanto antes.

E assim fizeram. Em 22 de setembro de 1835, perante um ministro da Igreja Episcopal de São Paulo, compareceram um rapaz de vinte e seis anos, sua jovem noiva, de treze, e uma senhora, mãe da noiva e tia do noivo, que entre lágrimas e sorrisos abençoava o novo casal, desejando-lhes toda a felicidade do mundo. Para evitar maledicências e palpites, principalmente por parte do candidato preterido, os três decidiram manter a união em absoluto sigilo e solicitaram que nem mesmo constasse dos registros da paróquia.

Diante da fortuna de estar casado com Sissy, Edgar sentia-se mais calmo e disposto. Tudo indicava que a terrível crise que o atormentara em Richmond tinha ido embora, e ele se sentia pronto para retornar ao trabalho. Afinal, agora tinha uma família para sustentar. Dessa vez, levaria a mulher e a sogra com ele.

Sem contar para White que tinha se casado, avisou apenas que as duas mulheres se mudariam para Richmond, notícia que deixou o editor bem mais tranquilo. Ele precisava de Edgar para continuar a vender bem a revista, mas

a instabilidade emocional do subordinado o assustava. Quem sabe, com a família por perto, seu comportamento mudasse...



Virgínia Clemm Poe, prima-irmã e esposa de Edgar Allan Poe, chamada por ele de Sissy.

Capítulo 14

[1835-1838]

O sucesso bate
à porta, mas
não faz morada

KNOW ALL MEN BY THESE PRESENTS, That we *Edgar A Poe* and *Thomas W Cleland* ^{and acting as governor} are held and firmly bound unto *Wyntham Robertson* Lieutenant Governor of the Commonwealth of Virginia, in the just and full sum of ONE HUNDRED AND FIFTY DOLLARS, to the payment whereof, well and truly to be made to the said Governor, or his successors, for the use of the said Commonwealth, we bind ourselves and each of us, our and each of our heirs, executors and administrators, jointly and severally, firmly by these presents Sealed with our seals, and dated this 16th day of May 1836.

THE CONDITION OF THE ABOVE OBLIGATION IS SUCH, That whereas a marriage is shortly intended to be had and solemnized between the above bound *Edgar A Poe* and *Virginia E. Glenn* of the City of Richmond. Now if there is no lawful cause to obstruct said marriage, then the above obligation to be void, else to remain in full force and virtue.

Signed, sealed and delivered }
in the presence of }
Chs Howard

Edgar A Poe [SEAL.]
Thos. W. Cleland [SEAL.]

CITY OF RICHMOND, To wit:

This day *Thomas W Cleland* above named, made oath before me, as *Deputy* Clerk of the Court of Hustings for the said City, that *Virginia E Glenn* is of the full age of twenty-one years, and a resident of the said City. Given under my hand, this 16. day of May 1836

Chs Howard

Certidão de casamento de Edgar e Virgínia - 16 de maio de 1836, Richmond.

*“ Eu amo a fama; sou louco por ela; eu a idolatro; eu
beberia até a última gota cada embriaguez
gloriosa. Teria incensos acesos em minha honra em
cada aldeia, em cada vila e cidade desta terra. ”*

E.A.P., sobre a fama.

O casamento conferiu a Edgar a estabilidade de que ele precisava para poder trabalhar. E foi o que fez com afincos durante todo o ano de 1835, talvez o mais produtivo de sua vida.

Foi também o período em que granjeou o maior número de inimigos. Pusera-se a publicar crítica literária na *Messenger* e não hesitava em ferir fundo todo aquele que não atingisse o nível de perfeição que ele exigia de si próprio. Tanto fazia se o destinatário da crítica fosse figura importante, que pudesse vir a prejudicá-lo. Considerava a literatura um sacerdócio, não admitindo mentiras ou apanágios somente para adular.

Sua crueza fez com que chovessem cartas na redação da *Messenger*, ora a favor, ora contra os termos das resenhas, mas a verdade é que a revista nunca vendera tanto. Thomas White exultava, tanto assim que deu um aumento a seu editor, coisa pouca em relação ao lucro que vinha tendo. E não eram só as cartas. Outros jornais comentavam os artigos de Poe, que passou a publicar em capítulos seu romance de aventuras *O Relato de Arthur Gordon Pym*, muito apreciado pelos leitores. Edgar finalmente se tornava conhecido.

O bom humor no lar da família Poe era contagiante. Tudo eram festas e comemorações. Nesse espírito, Edgar e Virgínia decidiram se casar no cartório da cidade.

– Para que um segundo casamento, meus filhos? – perguntou Maria Clemm. – Vocês já são casados.

Os dois, de mãos dadas, se olhavam com amor e riam por nada.

– É que Richmond acabou por nos trazer sorte, Muddy. Então, por que não nos casarmos aqui e celebrarmos a data com uma festa?

– Meninos, vocês não têm juízo. – Muddy balançava a cabeça, exultante com a felicidade das duas pessoas que mais amava no mundo.

Marcaram a data: 16 de maio de 1836. As testemunhas escolhidas tiveram de se comprometer a nada comentar, para evitar constrangimentos. Afinal, Virgínia era ainda uma criança. Perante o juiz de paz foi afirmado que a noiva contava vinte e um anos de idade!



Retrato de Virgínia (Sissy).

Após a cerimônia, Muddy organizou uma festinha em casa, com a presença de poucos amigos. O casal partiu para uma breve lua de mel.

Edgar entrou num frenesi de escrita que quase não lhe deixava tempo para mais nada entre as horas que dedicava à revista e as outras em que criava, fechado no quarto.

Nessa época publicou, além de contos, poesias e partes de um drama denominado *Policiano*, nada menos que trinta e sete críticas de livros, no seu estilo impiedoso, mas objetivo e cheio de autoridade. Zombava dos falsos intelectuais, desdenhava dos acadêmicos, dos políticos, de certas seitas religiosas, da sociedade americana. Nada escapava a sua escrita ácida. Os leitores, deliciados, não paravam de comprar, e o número de assinantes crescia.

O sucesso ensejou convites para festas, que se estendiam em noitadas e bebedeiras, nas quais a presença daquele escritor arrogante e de língua ferina passou a ser uma atração à parte. Para tristeza de Virgínia e preocupação de Muddy! Era comum agora ele chegar de madrugada, completamente bêbado. Foram-se os serões em torno da lareira acesa, a gata Caterina, aconchegada em seu colo, ronronando contente. Até então a casa dos Poes tinha sido um recanto de paz, decorada com gosto, o jardimzinho florido, a pequena família sempre tão unida. Até mesmo um piano e uma harpa tinham sido presenteados por Eddie a sua Sissy, para que as noites tranquilas fossem acompanhadas por música.

Muddy via o perigo mais na garrafa do que nas ausências que tanto incomodavam Virgínia, assustada com a possibilidade de outras mulheres assediarem o marido famoso. Que Eddie amava sua esposa-menina não havia dúvida, e nenhuma outra roubaria seu coração, disso Muddy estava segura. Mas o álcool, esse sim, podia pôr tudo a perder: a felicidade recém-construída, os bons ventos que finalmente bafejavam. Muddy sabia que o alcoolismo fazia parte do sangue dos Poes e tentava alertar o sobrinho.

– Eddie, por favor, fique longe da garrafa. Você viu o que a bebida fez com seu irmão. E seu pai também se acabou pela mesma razão. Não tente a sorte,

meu filho. Pela felicidade de nossa família.

– Não se preocupe, Muddy. Dou a minha palavra de que as noites fora de casa terminaram. Não vou mais aceitar convites para festas.

– Não é isso que estou pedindo. Não precisa se afastar dos meios sociais nem virar abstinente. Mas leve Virgínia junto, em vez de deixá-la sozinha. E beba pouco.

Quem reclamava também era Thomas White. O patrão preocupava-se com o vício do principal colaborador. Sabia que após as bebedeiras vinham períodos em que passava a faltar, mergulhado em depressão. De nada valia ser acobertado pela sogra, que ia até a redação com desculpas e mais desculpas. Ele conhecia Edgar o suficiente.

Mas assim que voltava ao trabalho as publicações eram retomadas, e a fama do escritor crescia a tal ponto que passou a chamar a atenção dos literatos de Nova York.

No entanto, paciência tem limite. Depois de nova ausência pela causa de sempre, Poe foi chamado à sala do chefe para uma conversa definitiva.

– Edgar, você sabe que admiro muito seu trabalho. Desde que conto com você como editor, a revista só fez crescer. Mas tenho compromissos de toda ordem. Não posso ter um colaborador com quem não possa contar cem por cento.

– Não seja injusto, Sr. White. Eu estive realmente doente e...

– Chega de desculpas! Não me tome por burro. Sei muito bem que você encheu a cara de novo.

Edgar abaixou a cabeça.

– Está bem. É verdade, não sei mentir. Mas tenho passado longos períodos sem tocar em álcool.

– Sei disso, e sei também que vivo preocupado, esperando a próxima bebedeira. Sejam francos: nenhum homem que bebe antes do café da

manhã está seguro! Homem nenhum pode fazer isso e trabalhar de maneira apropriada.

– O senhor está me despedindo, Sr. White? Depois de tudo o que fiz pela *Messenger*?

– Infelizmente, sim – respondeu White, mortificado. – Não há outra maneira. Acreditei que, com o casamento, entrasse um pouco de responsabilidade nessa sua cabeça, mas não foi o que aconteceu. Você não imagina quanto sinto...

Edgar olhou-o com mágoa. Sem uma palavra, virou as costas e foi para sua sala, pegar os pertences.

Thomas White esperava perto da porta, com o pagamento. Estendeu-lhe a mão.

– Edgar, fui sua testemunha de casamento, quero bem a você e a sua família; além do mais, admiro seu imenso talento...

– Dispensó seus elogios, senhor. Adeus.

Chegou à rua arrasado. Mais uma vez estragara tudo, mais uma vez falhara com ele próprio, com Sissy e com Muddy. Era um fraco, odiava-se. Como contar em casa o que acontecera, se a culpa era inteiramente dele? À medida que andava, ensaiava o discurso e planejava o futuro. Não mais beberia, nunca mais uma gota de álcool passaria por seus lábios. Quem sabe essa saída da *Messenger* não sinalizava possibilidades de um futuro mais brilhante? Na verdade, para White estava muito bom: vendia oito vezes mais seu jornaleco sem pagar um salário decente a quem realmente merecia. Não fossem as críticas, as resenhas e os contos que ele, Poe, assinava, a revista nunca teria alcançado o sucesso que vinha tendo. White haveria de se arrepender.

Aos poucos, seu estado de espírito foi melhorando. O Universo conspirava a seu favor, disso tinha absoluta certeza. Quem sabe finalmente pudesse se dedicar de corpo e alma à literatura, a principal razão de existir. Então, não

era caso para se lamuriar, mas sim de celebrar e focar o olhar no que vinha à frente.

Chegou em casa trombeteando a notícia desde a porta:

– Sissy! Muddy! Pedi demissão da *Messenger*.

As duas vieram correndo a seu encontro, entreolhando-se, preocupadas.

– Vocês não dizem nada? Não querem saber as novidades?

Os olhos de Edgar brilhavam, louco para dividir com a mulher e a sogra os planos que fervilhavam em sua mente.

– Bem, já que vocês não estão interessadas...

– O que foi que houve dessa vez, meu filho? – perguntou Muddy, cautelosa.

Ele anunciou, pomposo:

– Queridas, nós vamos para Nova York! É lá que mora o futuro!

– O quê? – fizeram as duas.

– Pedi as contas, e vamos nos mudar o mais breve possível. Temos dinheiro por algum tempo. O White foi decente: me pagou tudo e deu ainda uma pequena bonificação, nada comparável ao lucro que lhe proporcionei; enfim, não posso reclamar...

Os dias que se seguiram foram uma confusão só: cuidar da mudança, empacotar, decidir o que levar e o que deixar, despedir-se de amigos. Até que, no final de fevereiro de 1837, puseram-se em viagem. Após rápidas paradas em Baltimore e Filadélfia, chegaram à meca dos escritores e artistas, onde o nome de Edgar já se espalhara como crítico impiedoso de autores consagrados. Lá ele tinha certeza de que brilharia com todo o esplendor de seu gênio.



Vista de Nova York no século XIX.

As coisas, porém, não correram como previsto. As redações conheciam a fama do demolidor do Sul e hesitavam em empregá-lo. A pequena família alugou acomodações em Manhattan, na casa de um vendedor de livros, um escocês chamado William Gowans. Os interesses literários aproximaram os dois homens, e, por meio de Gowans, Poe foi apresentado ao mundo literário da cidade. No entanto, a crise econômica que começara nos Estados Unidos havia dois anos por causa de políticas financeiras equivocadas chegou a seu ápice no dia 6 de abril de 1837, quando a bolha financeira estourou, causando terror e pânico em todos os setores. A ocasião não favorecia em nada a produção cultural, sempre a primeira a sentir os efeitos. Revistas e jornais fechavam as portas. O *New York Review*, no qual Poe tanto contara em publicar, suspendeu suas atividades por meio ano. Outros jornais se seguiram, e não havia como pagar colaboradores, por melhores que fossem.

O poeta era recebido com muita afabilidade pelos editores, no entanto a resposta ao pedido de emprego era sempre negativa.

Muddy acabou descobrindo uma casa ampla a preço módico na Carmine Street (Rua do Carmim), onde poderia alugar quartos e assim proporcionar alguma renda à família. Levou a ideia a Edgar e Sissy, que logo concordaram. Gowans, de senhorio, passou a primeiro hóspede dos Poes, pois a manutenção da casa em Manhattan se tornara um peso muito grande. Sem contar que gostava daqueles três e se dava muito bem com Eddie, a quem não poupava elogios.

– Sra. Clemm, cada dia que passa me sinto mais ligado a vocês. Serei hóspede em sua casa enquanto me quiserem. Seu genro é realmente uma pessoa muito especial. Um verdadeiro cavalheiro em todos os sentidos, bom amigo e dono de uma inteligência esplendorosa. Ainda vão falar muito de Edgar Poe nesta terra.

– Deus o ouça, Sr. Gowans. Os tempos não têm sido nada fáceis para Eddie, e o reconhecimento, mesmo quando vem, não lhe traz o retorno financeiro merecido.

– As coisas hão de melhorar, Sra. Clemm. Essa crise econômica um dia vai passar. Empresas fecham as portas diariamente. Meus negócios estão muito prejudicados também, tanto assim que tive de abrir mão da casa em Manhattan. Mas Edgar é um gênio, e agora é só uma questão de tempo. Além disso, se me permite a audácia, é casado com uma das mulheres mais lindas que já conheci, uma verdadeira virgem do paraíso, conforme dizem os muçulmanos, e tem uma sogra que é um anjo em pessoa.

Muddy enrubesceu com o elogio.

– Ora, Sr. Gowans, quanta gentileza! Saiba que será nosso hóspede pelo tempo que quiser – disse. – Enquanto pudermos ter essa casa... – acrescentou com voz sombria.

Mil oitocentos e trinta e sete arrastou-se, e o ano seguinte já estava quase na metade. Os Poes beiravam mais uma vez a insolvência. Afora um conto, um poema, uma resenha de viagem e os capítulos de *Pym*, que Edgar continuava a enviar para a *Messenger*, nada mais foi publicado nos difíceis tempos nova-iorquinos. O conto “Silêncio”, que bem espelhava o que ia na alma do autor naquela época, foi editado em 1838 pela Baltimore Book. A temática psicológica e mística, envolta em horror e tormento, passaria a ser a marca da obra de Poe. Esses temas eram de grande aceitação do público. Sem se dar conta, ele encontrara seu nicho na literatura, feita do insólito e do pavoroso, acrescidos de boa dose de espiritualismo e fenômenos paranormais, tão em voga na época.

O nome do escritor se tornava cada vez mais conhecido. Só não vinha a contrapartida financeira.

Edgar saía todos os dias em busca de emprego; chegou mesmo a se candidatar para uma vaga numa tipografia. Em vão! Ele não via como tirar sua família do abismo ao qual a conduzia.

– Antes você tivesse se casado com Nielson Poe, Sissy. Assim estaria vivendo em sociedade, numa boa casa, com Muddy, em vez de partilhar do meu fracasso.

– Não fale assim, querido. Enquanto estivermos juntos, nada mais importa. Meu lugar é ao seu lado.

O amor extremo das duas mulheres o sustentava e dava novo alento a cada dia. Sabia que tinha de lutar como um doido para recompensá-las por tudo o que significavam em sua vida, sua miserável vida na qual tímidos raios de sol só brilhavam graças às duas. Nada mais havia no mundo a não ser o desejo de dar-lhes tudo de melhor. Não fosse por elas, talvez já tivesse posto um fim à própria existência.

O inverno chegou. O frio intenso, a miséria, a pouca comida, a falta de roupa apropriada levaram Poe a desistir do sonho: não seria em Nova York

que o sucesso chegaria.

Mais uma vez decidiu mudar-se. Tentaria a Filadélfia, onde o mercado editorial estava em plena ascensão.

No verão de 1838, foi fechada a casa da Rua do Carmim. Depois de se despedirem do amigo William Gowans, que praticamente se tornara um membro da família, os Poes deixaram Nova York e mais uma decepção para trás.

Capítulo 15

[1838-1842]

Nova etapa:
Filadélfia. Uma
produção literária
extensa, um
inimigo ferrenho
e sempre o desespero

PHANTASY-PIECES

by .

Edgar Allan Poe .

[Including all the author's late tales with
a new edition of the "Grotesque and
Arabesque"]

Seltzamen Tochter Jovis,
Seinem schosskinde,
Der Phantasie .

Göthe

Two
~~Three~~ Volumes

*“ Nossa literatura está infestada por um enxame de
sujeitinhos que acabam por conquistar uma
reputação real, quando mais não seja pela
continuidade e persistência de seus apelos ao
público. ”*

E.A.P., “Marginalia”.

Ao chegarem a Filadélfia,
alugaram dois quartos numa
pensão situada perto de
escritórios de editores e oficinas
gráficas, na Arch Street (Rua do
Arco).

Aquele lugar os acomodaria por quase todo o tempo dos seis anos em que viveriam no novo destino. Enquanto não conseguia emprego, Edgar escrevia muito, e ali nasceram os *Contos do Grotesco e do Arabesco*.

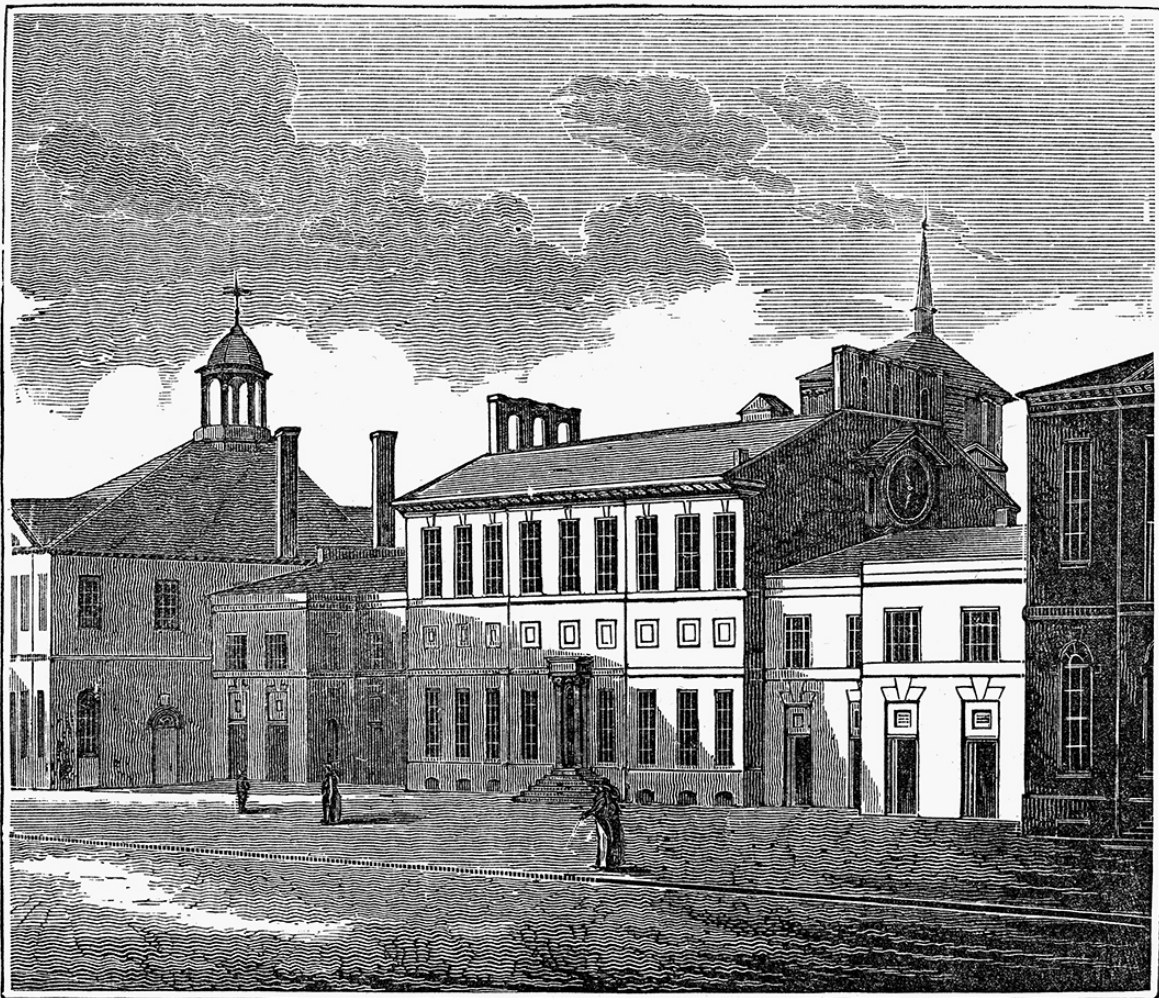


Edição espanhola de *Histórias Extraordinárias* (“Contos do Grotesco e do Arabesco”), 1944.

A ideia de fundar uma revista que reunisse a nata dos escritores americanos persistia. Ele já tinha até pensado num nome: *The Stylus*. Este era o sonho que havia muito vinha acalentando e que decidira realizar, custasse o que custasse. Não suportava ver tanto esnobismo e falsidade na literatura. Sua revista só admitiria os textos que, como crítico ferrenho, considerasse publicáveis, ainda que os autores recusados fossem os mesmos que então brilhavam no círculo patético dos que se autodenominavam intelectuais.

Os primeiros tempos foram divididos entre a infrutífera busca de emprego e a escrita frenética.

Poe decepcionava-se a cada dia com os editores da Filadélfia, que claramente publicavam o que era do gosto do grande público, especialmente o feminino, sem nenhuma atenção à qualidade do texto. Mas a família tinha de comer; não podiam continuar vivendo na miséria quase absoluta.



STATE HOUSE, OR HALL OF INDEPENDENCE.

Independence Hall, na Filadélfia (gravura do século XIX). Local em que foi declarada a independência dos Estados Unidos, em 1776, e aprovada a Constituição americana, em 1787.

A duras penas e contra os próprios princípios, em 1839 aceitou um emprego fixo como editor da revista masculina, *Burton's Gentleman's Magazine*, de propriedade de um sujeito de bem com a vida, um ator de teatro chamado Billy Burton.

A quantia que lhe foi oferecida como salário era excessivamente baixa: dez dólares por semana.

– Edgar, meu chapa, sabe que acho você formidável, fantástico, e estou encantado por tê-lo entre os meus colaboradores, mas no momento só posso pagar isso e nem um centavo a mais.

– É muito pouco... Como vou sustentar a minha família?

Burton passou-lhe o braço em volta do ombro e confidenciou:

– Você não imagina as dificuldades financeiras que venho passando! Também tenho família e vivo fazendo malabarismo para pagar as contas. Acho que foi por isso que escolhi ser ator cômico: se não posso rir da vida, pelo menos faço com que outros deem risada. Vamos, Eddie, tome as coisas pelo lado divertido e tope essa parada. Com você na redação, tenho certeza de que as coisas vão melhorar, e, se melhorarem para mim, melhorarão para você também. Palavra de Billy Burton.

Antes que Edgar pudesse pronunciar palavra, deu-lhe um grande abraço.

– Seja bem-vindo à *GM*, companheiro. Como prova da minha boa vontade, além de seu salário, pagarei um pouco mais pela publicação de seus contos. Mas com a condição de que você só poderá publicá-los aqui.

O homem era irresistível e dono de uma lábia única. Atrás da máscara, escondia-se um negociante esperto, que acabava de conseguir o melhor editor possível, por um preço ridículo.

Edgar era vítima de exploradores, e Burton não foi exceção. Aceitou a condição de exclusividade, e, à medida que publicava seus contos na revista, a tiragem aumentava. A alma amargurada do poeta transparecia cada vez mais em sua produção, cheia de um mundo silencioso, de uma condenação às trevas eternas, do horror da solidão e da loucura. O público, longe de saber o desespero interior do autor, adorava contos como “Palácio assombrado”, “O diabo no campanário”, “A queda da casa de Usher”. Mal poderia imaginar que neste último, ao descrever o protagonista pálido, trêmulo, sem energia moral, descrevia a si próprio com as cores lúgubres de sua imaginação.



A Casa de Usher – filme de 1960, protagonizado por Vincent Price.

Para reforçar o orçamento familiar, Poe aceitou ajudar o naturalista Thomas Wyatt a condensar um tratado de conchiliologia, o estudo das conchas. A primeira edição era longa e cara, por isso vendia mal. A ideia era que Poe a tornasse concisa, barateando o preço. Não só ele reescreveu o livro, como fez o prefácio e a introdução.

Para evitar eventuais críticas, Wyatt tirou seu nome da autoria, deixando somente o de Poe, que recebeu cinquenta dólares por todo o encargo. Claro que houve repercussão: o poeta foi acusado de plágio, justo ele que era crítico ferrenho de plagiadores. Ironicamente, foi o livro que mais sucesso comercial teve, pois era usado em escolas. Ainda que reeditado várias vezes, Edgar não recebeu nada a mais, a não ser a vergonhosa acusação de plagiário.

Por essa ocasião, Sissy apanhara uma gripe forte e não conseguia se recuperar. De tão abatida, até parecia uma das heroínas das obras do marido: lívidas, diáfanas, eram fantasmas que cruzavam as páginas atormentadas de seus poemas e contos. E Virgínia não estava muito diferente.

Ao ver sua mulher fenecendo, Edgar se torturava. Fora culpa dele não poder ter dado a ela o conforto que merecia, nem a alimentação adequada ou o agasalho necessário.

Como sempre, Muddy o confortava:

– Calma, Eddie, não se desespere. Sissy está convalescendo da gripe. Não é sua culpa, meu filho, tanto que nós dois continuamos sãos e passamos pelas mesmas dificuldades. Ela vai ficar boa e logo estará andando pela casa, alegre como sempre.

Os fatos, porém, mostravam outra realidade. Sissy piorava. Uma febrezinha constante, os olhos muito brilhantes afundados no belo rosto, a saúde cada vez mais frágil.

Decidiram chamar um médico. Após minucioso exame, o diagnóstico não poderia ser pior:

– A Sra. Poe está com tuberculose.

– Doutor, não pode haver um engano? Quem sabe a gripe mal curada...

– Infelizmente, Sra. Clemm, os sintomas não deixam margem para dúvida.

– Tem cura, doutor? O senhor conseguirá curá-la? – perguntou Edgar, cheio de ansiedade.

– Cura não posso prometer. Há casos em que conseguimos retardar os efeitos devastadores da doença por um tempo maior. Tudo dependerá dos cuidados, da alimentação e da capacidade de recuperação do organismo da Sra. Poe.

Edgar pediu a Muddy que acompanhasse o médico até a porta. Sozinho com a esposa, agarrou-lhe a mão e fez com que ela jurasse combater a doença com todas as forças.

– Lutaremos juntos, Sissy querida, não vou deixar que a doença venha atrapalhar a nossa felicidade.

– Vou melhorar, Eddie, não se preocupe. Só não quero que você fique nervoso. Isso me faria piorar.

No entanto, o mal que afligia a esposa, os problemas financeiros, a falta de possibilidade de fazer a própria revista literária, o sucesso que não chegava, somados a uma longa fase de abstinência do álcool, fizeram com que o estado emocional de Poe se tornasse crítico. Para acalmar os nervos, recomeçou a beber escondido de Muddy e Virgínia.

Ainda em 1839, a família se mudou para uma casa na Rua Coates. No final do ano, uma editora publicou em dois volumes os *Contos do Grotesco e do Arabesco*, com tiragem de setecentos e cinquenta exemplares.

No ano seguinte, Billy Burton entrou em negociações com George Graham, proprietário da *Atkinson's Casket*. O projeto era fundir as duas revistas. Burton não quis se associar e decidiu, após intermináveis negociações, vender sua parte. Ao assinar o contrato, fez uma última solicitação:

– Peço que o senhor se interesse pelo meu redator Edgar Poe. É um moço de grande capacidade, precisa do emprego, e seus contos são muito apreciados pelos leitores.

– Sendo um pedido seu, o rapaz deve valer a pena. Vou testá-lo por algum tempo.

E assim Poe passou a redigir para a nova *Graham's Magazine*, que contava no início com cinco mil assinantes. O editor, vendo promessa naquele jovem, incumbiu-o de dirigir o negócio, e logo as assinaturas foram alavancadas para trinta e sete mil, equiparando-se, em importância, às concorrentes *Saturday Evening Post* e *Ladies' Home Journal*. Graham enriqueceu e passou a pagar muito bem seus colaboradores. Menos, é claro, o sempre explorado Edgar. Este recebia em torno de oitocentos dólares por ano e mais alguma coisa por trabalho publicado. Já outros, como Henry Wadsworth Longfellow, ganhavam cinquenta dólares por um único poema. Uma grande injustiça para com o talento literário e a capacidade editorial do responsável pelo sucesso.

Ainda assim, o novo redator-chefe trabalhava com afinco. Além de seus contos, intrigava os leitores com os mais variados artigos sobre astrologia, matemática e os modernos rumos da ciência, além de criptogramas, que, para ele, eram um excelente exercício mental.

Como de hábito, Poe não poupava os intelectuais de Nova York e Boston. Incumbido de resenhar novas obras, acabou por desenvolver teorias do que era bom e do que não era em matéria de literatura. Seu senso de humor, ácido e mordaz, fazia a delícia dos leitores, que avidamente procuravam as resenhas, nas quais ele acabava com os escritores medíocres.

No entanto, sabia aplaudir quando deparava com um texto de qualidade. Certa ocasião, caiu-lhe nas mãos um livro chamado *The Watkins Tottle*, escrito por um certo Boz. Poe resenhou:

“Não sabemos nada sobre o autor, a não ser que seus escritos são bem mais ardilosos, espirituosos e disciplinados do que os de nove entre dez

autores britânicos – o que, reconhecamos, é dizer muito, considerando-se a vasta gama de talentos genuínos e propostas honestas praticados nos periódicos da pátria-mãe”. Com o crescimento da revista, houve necessidade da contratação de redatores auxiliares, e até nisso a sorte mostrou-se madrasta. Entre os novos funcionários, havia um ex-pastor batista, Rufus Wilmot Griswold, homem mesquinho e invejoso que, sem motivo aparente e completamente despido da piedade trombeteada nos tempos de pregador, alimentava um ódio profundo por Edgar. Fez o que pôde para conseguir o cargo de redator-chefe da *Graham's* e denegria, sempre que tinha a oportunidade, a imagem de Poe. Tornaram-se inimigos declarados.

Nesse período, Edgar escrevera novas narrativas e procurou a casa editorial que publicara *Contos do Grotresco e do Arabesco*. Teve uma reunião com o editor para mostrar o material.

– Poderíamos acrescentar à nova edição estes contos ainda inéditos. Tenho certeza de que o público gostará deles. Veja: “Os crimes da Rua Morgue”, “O mistério de Maria Rogêt” e “Uma descida no Maelström”. Todos de mistério, são de efeito único, devem ser lidos de uma só vez, têm final surpreendente. Não são fruto apenas da imaginação. Antes de mais nada, constituem um exercício de inteligência, como entendo que deva ser a boa literatura.

– Deixe-me ver – respondeu o editor, alcançando os originais que seu interlocutor espalhara sobre sua escrivaninha.

Depois de poucos minutos, balançou a cabeça, pensativo.

– Sim, parecem bem interessantes, Sr. Poe.

Edgar sentou-se na beira da poltrona.

– Quer dizer que o senhor vai editá-los? Então podemos começar a planejar a inserção deles e...

– Calma! – atalhou o outro. – Eu disse que parecem interessantes, mas não que vá publicá-los.

– Não estou entendendo, senhor.

– Meu caro Sr. Poe, os seus *Contos do Grotesco e do Arabesco*, ainda que de boa qualidade, não trouxeram lucro. Na verdade, como editor da Lea & Blanchard, devo dizer que deram prejuízo.

– Quem sabe numa nova edição? Talvez menor do que a primeira, digamos quinhentos exemplares, e com novos contos...?

– Sinto muito, Sr. Poe – disse o editor, já se levantando e estendendo a mão em despedida.

Edgar saiu arrasado. Mais uma recusa, mais uma frustração. Mais uma vez ter de chegar em casa sem uma notícia boa!

Muddy e Sissy faziam de tudo para animá-lo. Esta última praticamente passava os dias de cama, mas, assim que o seu Eddie chegava, procurava mostrar-se bem-disposta, usando ruge e batom para disfarçar a palidez.

– Você vai ver, querido, como ainda virão até aqui em casa, implorar para que você publique seus contos com eles – dizia, afagando o rosto do marido.

– Sissy tem razão, Eddie. Eu sempre digo que os caminhos não são fáceis para um gênio. Mas um dia você estará nadando em fama e dinheiro. E, quando esse dia chegar, vou querer tudo novo na cozinha – brincou Muddy.

– E compraremos uma casa no campo – riu Sissy.

– Teremos uma carruagem só nossa – repicou Muddy.

– Empregados também.

– E mais gatos para fazer companhia à nossa gatinha...

Nem o esforço das mulheres conseguia melhorar o humor do poeta. Era um fracassado, só as duas é que não queriam enxergar a verdade.

Na *Graham's*, o trabalho era intenso. Além de redator-chefe, escrevia crítica literária, avaliando autores e livros publicados nos Estados Unidos. Um autor muito querido pelos americanos era o inglês Charles Dickens, que, com seus romances, fazia chorar multidões. Um deles, *Barnaby Jones*, vinha sendo publicado em capítulos, e coube a Poe resenhá-lo. Desde logo viu que

estava diante de uma obra magistralmente realizada e não poupou elogios ao autor. Nessa ocasião, ficou sabendo que o tal Boz que elogiara não era outro senão o próprio Dickens.

Dois anos mais tarde, pôde expressar sua admiração ao autor, que fora visitar a América.

O americano e o inglês se encontraram no United States Hotel, na Filadélfia, e lá conversaram por longas horas, trocando ideias sobre literatura.

– Para mim, Sr. Dickens, a poesia não tem sido uma finalidade, mas uma paixão, e as paixões deveriam merecer reverência.

– Sem dúvida, meu caro Sr. Poe. Entrego-me também a minha literatura com a alma e o coração. Se obtenho sucesso, é coisa totalmente secundária.

– Concordo inteiramente. As paixões não devem, nem podem, ser excitadas à vontade, com vista às mesquinhas compensações ou aos louvores, ainda mais mesquinhos, da humanidade.

A empatia e a afinidade foram recíprocas. Poe ofereceu a Dickens dois volumes de contos, solicitando-lhe que, com seu prestígio no meio editorial, tentasse atrair o interesse de alguma editora em publicar um de seus livros na Inglaterra. Os dois se despediram como bons amigos.

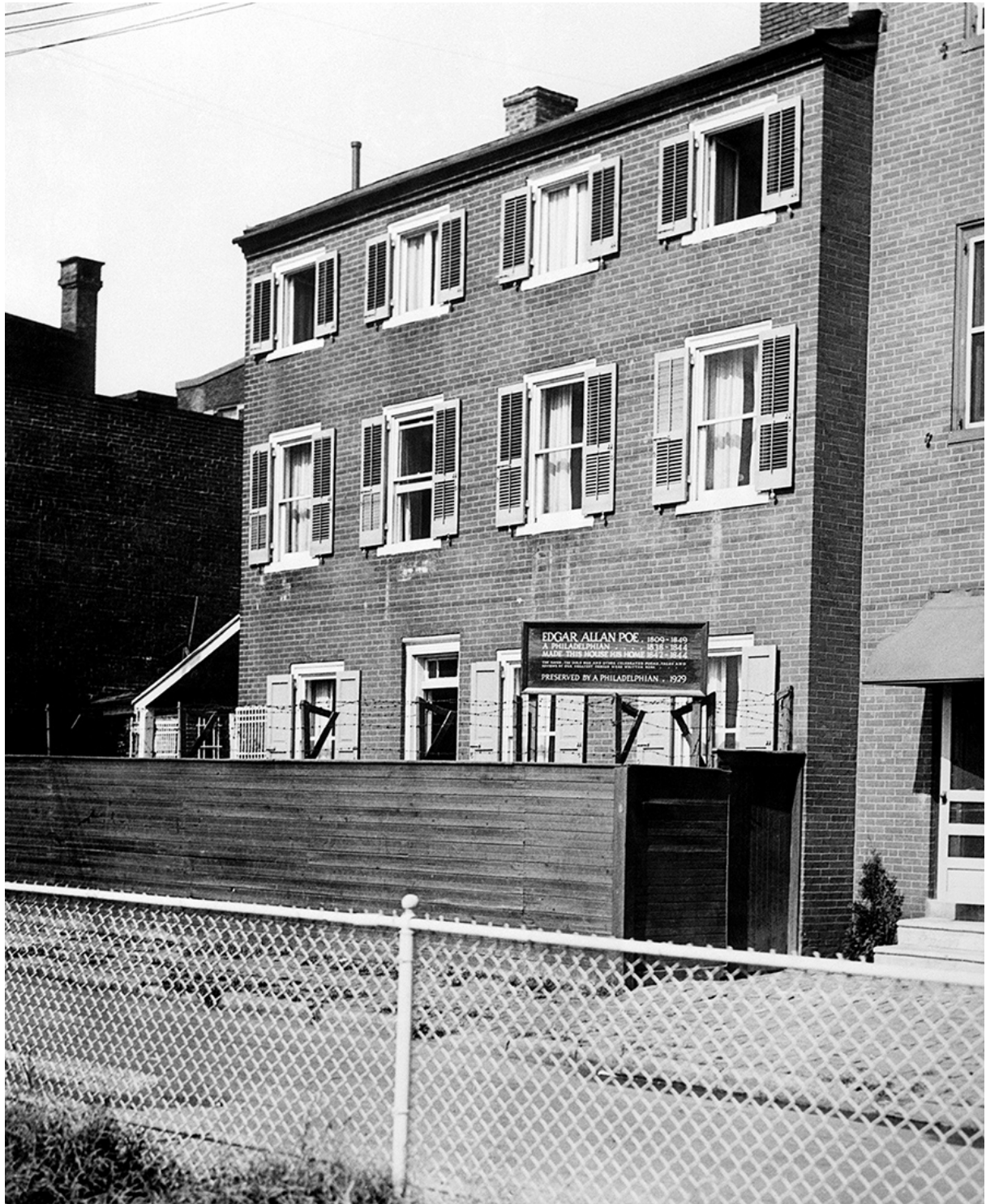


Ilustração para edição francesa de *A Máscara da Morte Rubra*.

Capítulo 16

[1842-1844]

A plenitude
literária. O vício
leva a melhor



Filadélfia: casa onde Edgar Allan Poe morou entre os anos de 1842 e 1844. Preservada por uma associação dedicada à memória do autor, encontra-se aberta ao público.

“ Em geral, as invectivas contra a originalidade são proferidas somente por pessoas, a um só tempo, vulgares e hipócritas. [...] [o tolo] Evidencia, antes, esse ódio vergonhoso que experimenta todo homem ciumento de uma superioridade que não pode atingir. ”

E.A.P., “Marginalia”.

Era o ano de 1842. Poe sentia que na *Graham's* sua carreira não deslanchava como deveria.

Continuava a ganhar uma miséria, ainda que a revista vendesse cada vez mais. Estava insatisfeito, triste, abatido e, sobretudo, preocupado. Sissy definhava a olhos vistos.

Num dia de abril, chegou à redação e deparou com o invejoso Rufus Griswold sentado em seu lugar. Foi recebido com uma medida.

– Entre, meu caro Poe, sinta-se à vontade.

– O que você está fazendo sentado na minha cadeira, na minha sala, Rufus?

– Espere aí! Esta sala e esta cadeira são minhas.

– Desde quando? – Poe perguntou, irritado.

– Desde hoje cedo, quando o próprio Graham me convidou para ocupar o cargo de redator-chefe. Ele está cansado do anterior, que não é confiável.

Poe deu um salto em direção ao hipócrita.

– Não sou confiável por quê? Eu tripliquei as vendas dessa revista, tornei Graham um homem rico! Você só pode estar mentindo. Vou procurar Graham agora mesmo; ele vai desfazer esse engano, vai pôr você no olho da rua.

Rufus mudou subitamente de expressão. O sorriso se transformou em pura maldade, os lábios apertados num ricto de ódio.

– Pois vá, então! Ouça do próprio patrão que um redator-chefe não pode ser um alcoólatra desequilibrado e envolvido com drogas.

Tentando se controlar para não agredir o inimigo, Edgar deu-lhe as costas e foi embora.

Por dias e mais dias, não parava de se lastimar em casa:

– Vocês precisavam ver. O desgraçado parecia um corvo aboletado na minha mesa! E, ainda por cima, me espezinhou, fez pouco da minha pessoa e do meu trabalho. E pensar que eu fiz aquela revista! Meu projeto editorial tornou a *Graham's* uma das maiores revistas dos Estados Unidos. É assim que eles me agradecem!

– Mas você foi procurar o Graham, Eddie? – perguntou Muddy. – Quem sabe isso tudo não passa de intriga e Graham talvez nem saiba por que você foi embora assim de supetão, sem falar com ele.

– Mamãe tem razão – secundou Sissy, que agora praticamente não deixava o leito, tamanha a fraqueza que sentia. – Procure o Sr. Graham, desfaça esse terrível mal-entendido. Você sabe o quanto é invejado.

Nada convencia Edgar. Ele sabia que Rufus tinha dado um jeito de fazer a cabeça do chefe e o lugar não mais lhe pertencia. A dor de ser preterido era tão grande que não queria voltar à redação. Por que Graham não o chamara a sua sala e o dispensara pessoalmente? Será que não poderiam conversar, de homem para homem? Tinha de ser daquela maneira tão torpe?

A pressão foi grande demais. Os últimos acontecimentos – Sissy doente, a falta de dinheiro, o emprego perdido, os livros que não vendiam – levaram Poe novamente à bebida. Sua vida era um círculo vicioso, do qual não havia como escapar.

Até que sumiu de casa. Um dia, dois dias, e nada. Sissy se desesperava:

– Mamãe, alguma coisa terrível deve ter acontecido. Eddie não nos abandonaria dessa maneira.

– Calma, minha filha. Ele está passando por uma fase difícil, provavelmente quer um pouco de solidão. Logo estará de volta.

No entanto, a própria Muddy não se sentia tão tranquila quanto queria parecer.

Mais um dia sem notícias, e Sissy entrou em pânico.

– Mamãe, vá buscar meu Eddie onde ele estiver – rogava, aos prantos. – Sinto que ele está precisando de ajuda. Será que sofreu algum acidente? Será que está...

A terrível palavra não foi pronunciada, Sissy nem queria pensar em tal possibilidade. Mas era o que dia e noite martelava em sua cabeça. Na de Muddy também. Ela bem sabia o quanto o sobrinho era frágil emocionalmente e conhecia seus instintos suicidas.

“Não”, pensou Muddy. – “Nem cogitar uma coisa dessas.”

Vendo a filha cada vez mais abatida com a ausência do marido, prometeu:

– Fique calma, querida. Vou procurar o nosso Eddie e trazê-lo para casa, mesmo que tenha de mover céus e terras. Mas você tem de me prometer que vai voltar a se alimentar bem e botar esse desespero de lado, para, quando ele chegar, encontrar você bonita e forte.

A força interior daquela mulher era realmente excepcional. Precisava saber do paradeiro de Eddie, pelo bem de sua filha. Era isso que se propunha e era isso que faria, custasse o que custasse.

Começou a fazer pesquisas e seguir pistas, que a conduziram a Nova York. Cheia de apreensão e enfrentando mil dificuldades, Muddy buscava, indagava, ficava a ponto de desanimar de encontrar seu genro e quase filho adorado. Ia a hotéis, pensões, redações de jornais, hospitais e especialmente bares, levando consigo um retrato de Eddie.

– Vocês o viram? – perguntava, procurando esconder o desespero. – Será que alguém sabe de seu paradeiro?

Finalmente, seus esforços foram recompensados. O poeta tinha sido visto em Jersey City andando pelas ruas, completamente fora de si.

Muddy não perdeu tempo. Dirigiu-se àquela cidade e, assim que o viu, levou um choque: Edgar parecia um farrapo humano. Aproximou-se e, com carinho, o admoestou:

– O que é isso, Eddie? O maior poeta dos Estados Unidos andando por aí como um pobre coitado? E quase matando de susto a pobre Sissy? Vamos, controle-se e voltemos para casa.

Na verdade, Edgar tinha ido a Nova York. Lá chegando, descobriu que a antiga namorada, Mary Devereaux, morava naquela cidade. Totalmente embriagado, fez um escândalo diante da casa da moça. Para evitar escarcéu maior, Mary permitiu que ele entrasse para o chá e depois mandou-o embora. Daí em diante, ficou perambulando desnorteado, até ser encontrado pela sogra.

Muddy sempre conseguia exercer um efeito tranquilizante sobre o sobrinho, que se deixou levar docemente, murmurando frases ininteligíveis, por vezes bradando aos céus contra a sina que lhe reservaram.

Assim o poeta voltou para casa. Sissy, quase fora de si, correu a recebê-lo.

– Nunca mais faça isso, ouviu, Eddie? Nunca mais. – Ela chorava, aninhada em seus braços.

– Desculpe-me, querida, desculpe o seu marido tão miserável, a quem só foram reservados insucessos, sobre quem deve pesar alguma maldição. Não fosse por você e Muddy...

– Não fale assim, Edgar, você sabe o quanto o amo e respeito. Eu preciso de você como do ar que respiro, está me entendendo? Tantas coisas me passaram pela cabeça... Imaginei você doente, ferido, abandonado à própria sorte. Oh, Eddie, foram dias e noites de pesadelo!

– Mas agora estou aqui, minha adorada. Não precisa mais se preocupar, nunca mais sairei do seu lado. Só mesmo a morte poderá nos afastar.

Sissy tapou a boca do marido com sua mãozinha esquelética:

– Não vamos falar em morte, querido, nem vamos lembrar que ela existe. Agora que estamos juntos, pensemos na vida.

E assim, entre lágrimas e risos, Edgar retomou o que passara a ser um padrão em sua vida: procurar trabalho, fazer malabarismo para pagar as contas e escrever, sempre escrever...

Foi nessa época que criou os contos “O escaravelho de ouro”, “O coração delator” e “O gato preto”. Além disso, trabalhava num poema ao qual dera o nome “O corvo”, ainda não em sua versão definitiva.

Para um escritor que decidira viver de literatura, as coisas se complicavam. A saúde de Sissy piorava, e Muddy também estava doente. Era preciso comprar comida e remédios, mas não havia dinheiro. Então, ele decidiu vencer o orgulho. Numa tarde de inverno, irrompeu na redação da *Graham's*, de onde saíra tão magoado, e recitou os versos do novo poema, com a intenção de que fosse publicado. O editor convocou os demais funcionários para que opinassem, estabelecendo a condição de que houvesse consenso. A decisão foi contrária à publicação, mas, diante da penúria do antigo redator-chefe, fizeram uma coleta, na qual arrecadaram quinze dólares. Apesar de pouco, era melhor que nada.

No início de 1843, a *Graham's* concordou em publicar outro poema de Poe, “O verme vencedor”. No mesmo ano, foi lançada nova edição de contos, os “Romances em prosa de Edgar A. Poe – n.º 1”, que incluía “Os crimes da Rua Morgue” e “O homem que foi desmanchado”. Como sempre, um total fracasso de vendas.

Edgar se desesperava. Bem de acordo com seu feitio impulsivo, declarou à família que voltariam para Nova York. Dessa vez, não mais renunciou grandes sucessos com a mudança, como costumava fazer no passado; a confiança que um dia o movera esgarçara-se completamente. Apenas decidiu que não havia mais o que fazer na Filadélfia.

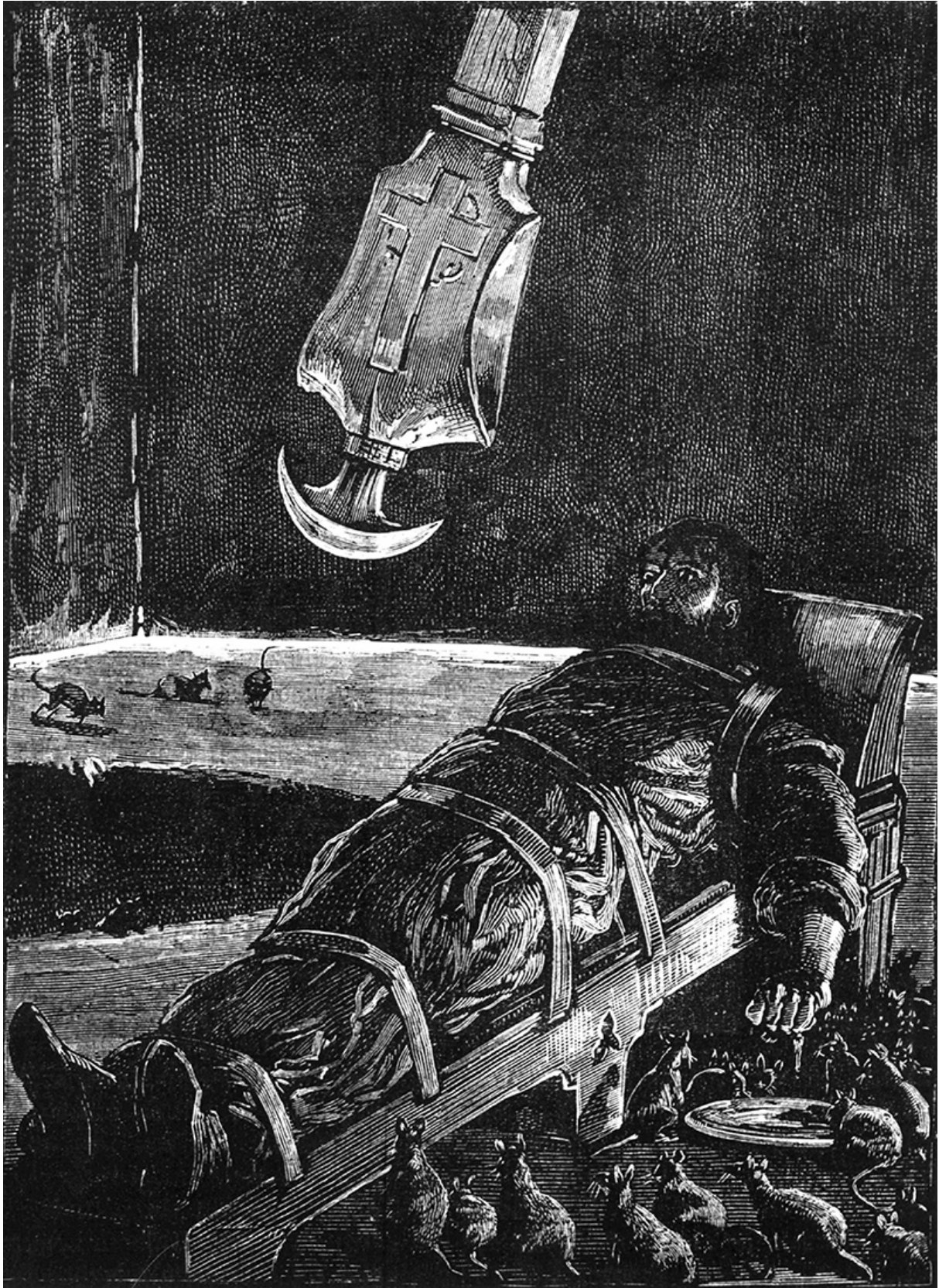


Ilustração para o conto “O poço e o pêndulo”.

Francis J. Grund Esq
with Mr Poe's respects
U. S. Hotel

THE
PROSE ROMANCES OF EDGAR A. POE,
AUTHOR OF "THE GOLD-BUG," "ARTHUR GORDON PYM," "TALES
OF THE GROTESQUE AND ARABESQUE,"
ETC. ETC. ETC.

UNIFORM SERIAL EDITION.

EACH NUMBER COMPLETE IN ITSELF.

No. I.

CONTAINING THE

MURDERS IN THE RUE MORGUE,

AND THE

MAN THAT WAS USED UP.



PHILADELPHIA:
PUBLISHED BY WILLIAM H. GRAHAM,
NO. 98 CHESTNUT STREET.
1843.

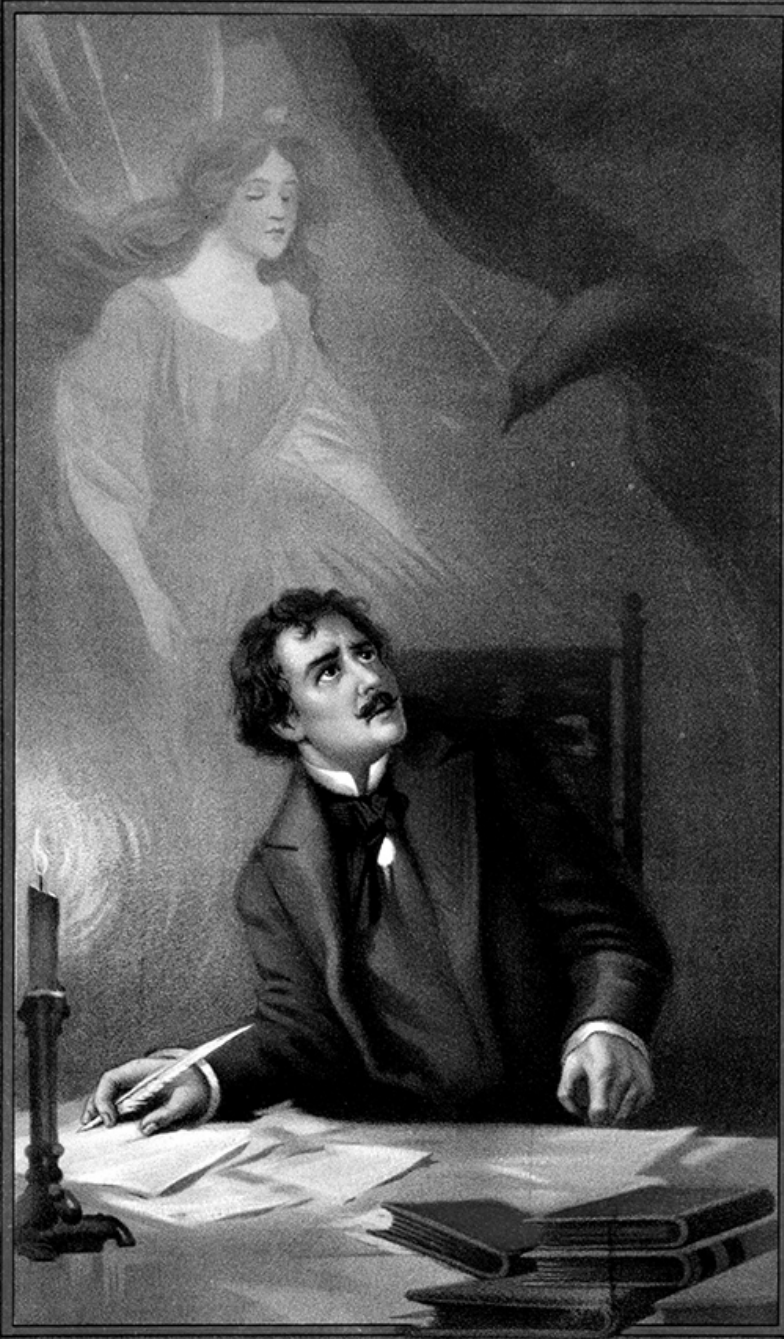
Price 12½ cents.

Primeira edição de *Os Romances em Prosa de Edgar A. Poe* – n. 1, 1843.

Capítulo 17

[1844-1846]

Fama e desgraça,
as parceiras
constantes



MR HENRY LUDLOWE
IN
THE RAVEN

THE LOVE STORY OF EDGAR ALLAN POE
DIRECTION
HAZELTON & NORTH BY GEORGE HAZELTON

Cartaz da peça *O Corvo*, estrelado por Henry Ludlowe (litografia de George Hazelton).

“ *‘Por certo’, disse eu, ‘são estas suas vozes usuais.
/ Aprendeu-as de algum dono, que a desgraça e o
abandono / Seguiram até que o entono da alma
se quebrou em ais, / E o bordão de desesp’rança
de seu canto cheio de ais / Era este ‘Nunca mais’.*
”

E.A.P., “O corvo”, 1844, tradução de Fernando Pessoa.

Sissy e Edgar chegaram a Nova York com onze dólares no bolso e sem nenhuma perspectiva.

Hospedaram-se num hotel perto da estação de trem, o mais barato que encontraram, e novamente teve início a conhecida rotina de procurar emprego e receber negativas. Por sorte, a publicação de dois contos e um poema garantiu algum dinheiro.

Edgar queria poupar Sissy de maiores esforços, então ele mesmo buscou moradia. A sorte, dessa vez, sorriu-lhe. Na estrada de Bloomingdale, afastada do centro, havia uma bela casa de campo, voltada para o Rio Hudson, cujo proprietário, Patrick Brennan, plantava flores, hortaliças e frutas para vender na cidade. O lugar era realmente encantador, de uma beleza e paz inigualáveis, e a comida, saudável e farta.

Feliz da vida, voltou ao hotel a fim de dar a notícia à esposa:

– A propriedade é simplesmente divina, Sissy. Tenho certeza de que lá você vai recuperar a saúde.

– Mas... e o dinheiro do aluguel? Pelo que você está me contando, deve ser caro...

– Não se preocupe, querida. Mesmo porque falei com o Sr. Brennan, e ele vai nos alugar o sótão, mais barato e tão encantador quanto o resto da casa. Já podemos chamar Muddy para que venha se juntar a nós.

Maria Clemm, morrendo de saudade da filha e do genro, veio o mais depressa que pôde. Mais contente ficou ao saber de todas as novidades: a publicação dos contos e poemas, o dinheiro bem-vindo, a casa à beira do rio.

Só se entristeceu com o aspecto de Sissy, mais magra e pálida do que da última vez em que a vira.

Feita a mudança, a família estabeleceu seus hábitos. Mãe e filha, em cadeiras de balanço, descansavam no terraço, olhando as águas do Hudson. A vista era magnífica, e o ar, puro. Sissy, querendo ou não, tinha de tomar os sucos de frutas que Muddy preparava, comer as saladas que lhe oferecia, a comida farta que era servida às refeições. Edgar alternava-se na busca de emprego e na produção literária. Havia um pequeno escritório com alguns móveis, bem embaixo do sótão, entre eles uma estante de livros e um busto de Minerva no topo. Nesse cômodo, Edgar encontrou a versão definitiva para seu poema “O corvo”.

Um fim de tarde, após horas fechado no seu escritório, chamou as mulheres para que ouvissem:

*– Abro a janela e eis que, em tumulto, a esvoaçar, penetra um vulto:
– é um Corvo hierático e soberbo, egresso de eras ancestrais.
Como um fidalgo passa, augusto, e, sem notar sequer meu susto,
adeja e pousa sobre o busto – uma escultura de Minerva,
bem sobre a porta; e se conserva ali, no busto de Minerva,
empoleirado, e nada mais.*

Muddy ficou surpresa.

– O busto de Minerva...Você usou o escritório para ambientar o poema!

– Não só aqui, mas em outras partes também. Falo da seda rubra das cortinas, do suave arfar que elas fazem, da poltrona de veludo que tenho o hábito de girar de um lado para outro enquanto busco inspiração.

Eddie leu o poema inteiro. Ao chegar à última estrofe, mudou a entonação, dando-lhe um cunho de terrível tristeza e resignação. Sua voz dominava a noite que se aproximava:

*– E lá ficou! Hirto, sombrio, ainda hoje o vejo, horas a fio,
sobre o alvo busto de Minerva, inerte, sempre em meus umbrais.
No seu olhar medonho e enorme o anjo do mal, em sonhos, dorme,
e a luz da lâmpada, disforme, atira ao chão a sua sombra.
Nela, que ondula sobre a alfombra, está a minha alma;
e, presa à sombra,
não há de erguer-se, ai! nunca mais!*

Fez-se silêncio na sala.

– Então? O que acharam? – perguntou Edgar, ansioso.

Ambas estavam muito emocionadas para responder. Muddy, os olhos cheios de lágrimas, apenas balançou a cabeça em aprovação. Sissy, no entanto, arriscou um comentário:

– Eddie, o poema é lindo, agora ficou perfeito. Mas acho tão lúgubre, tão sombrio... Dá até medo. Faz com que eu sinta um arrepio... uma sensação ruim... como um frio na alma.

– Querida, esse é o maior elogio que você poderia fazer! Esse poema, como qualquer outro que mereça o nome, além da beleza, tem de levar à mais alta exaltação das emoções. Foi exatamente o que você sentiu. Aí reside a essência da arte poética. Veja que, apesar de “O corvo” não ser um poema curto, consegui manter, em vocês, o mesmo grau de emoção do primeiro ao último verso, concordam?

Ambas assentiram. O poema era realmente maravilhoso.

– E pensar que levei anos para chegar à versão que me agrada! No fim das contas, foi uma sorte aquele miserável do Graham ter se recusado a publicá-lo quando implorei na editora, diante de todos.



O Corvo – litogravura feita em 1875 pelo famoso artista francês Edouard Manet.

Após o desgaste emocional de realizar uma obra perfeita, Edgar sentiu um grande vazio. Tornou-se quieto e retraído, passava longas horas perambulando, imerso nos próprios pensamentos. Deixou de escrever, deixou de procurar emprego, deixou de se preocupar com o dinheiro que minguava dia a dia.

Muddy entendia o que se passava no íntimo do poeta e respeitava seu recolhimento. Mas, como o estado de saúde de Sissy declinasse, decidiu, ela própria, procurar um trabalho para o genro antes que não tivessem dinheiro nem para pagar o aluguel. Foi direto ao *Weekly Mirror*, cujo editor, Nathaniel Parker Willis, conhecia de nome. Edgar costumava referir-se a ele com respeito.

Recebida por Willis, não se envergonhou de implorar:

– Por favor, Sr. Willis, dê-lhe uma chance. Ele acaba de escrever um dos poemas mais belos da língua inglesa. Tanto esforço intelectual, tanta emoção posta a serviço da arte deixou-o exausto por alguns dias. Mas agora já está recuperado. Garanto que, se o senhor lhe der uma oportunidade, não se arrependerá. Além do mais, minha filha está doente, muito doente, e Edgar

precisa de um emprego desesperadamente... Caso contrário, que Deus nos ajude!

– Minha senhora, conheço a obra do seu genro e devo dizer que lhe tenho o maior apreço, seja como poeta, contista e mesmo editor. No entanto, também conheço sua fama de instabilidade emocional.

– Dessa vez será diferente, Sr. Willis. Por favor, atenda ao apelo de uma mãe desesperada. Se não confiasse na imensa capacidade de Edgar, não estaria aqui lhe implorando um cargo que certamente reverterá em benefício de seu jornal.

Willis hesitava.

– Preciso de alguns dias para dar uma resposta. Tenho planos de expandir os negócios, talvez até mesmo fazer circular o jornal diariamente... quem sabe um suplemento semanal de variedades. Hummm, ainda não sei...

Muddy aproveitou a deixa:

– O senhor não poderá contar com melhor colaborador nessa fase de expansão. Eddie conseguiu multiplicar a tiragem de todos os jornais e revistas onde trabalhou. Com o *Weekly Mirror* não vai ser diferente.

Willis ficou quieto por alguns instantes. Em seguida, abriu um sorriso:

– Pois bem, Sra. Clemm. Sua força me convenceu. Diga ao Poe para me procurar amanhã. Vamos fazer uma experiência.

Muddy estava radiante.

– Muito obrigada, Sr. Willis, muito, muito obrigada! O senhor não vai se arrepender.

Willis olhou-a com bondade.

– Faço votos, Sra. Clemm... E diga ao seu genro que ele tem a sorte de possuir uma sogra maravilhosa.

Edgar apresentou-se no dia seguinte, conforme combinado. Mostrou-se disposto e cheio de ideias.

– Sr. Willis, podemos fazer do *Weekly Mirror* um jornal de classe, com muita literatura e também variedades.

Willis agradeceu-se daquele poeta de olhos fundos, que agora brilhavam diante das novas perspectivas.

– Prepare-se para trabalhar muito, Poe. O jornal passará a se chamar *Evening Mirror* e será diário. Você será o redator.

– Mas isso é ótimo, Sr. Willis! Tenho desde já uma oferta: a publicação de um poema que levei muitos anos para considerar terminado, talvez o melhor da minha produção. Chama-se “O corvo” e gostaria que o senhor o lesse.

– Sem dúvida, lerei com prazer. Se eu gostar, poderemos publicá-lo.

Na edição de 29 de janeiro de 1845 do novo *Evening Mirror*, saiu impresso o poema, sob o pseudônimo de “Quarles”. Em fevereiro, a *American Whig Review* também publicou “O corvo”, porém assinado pelo autor. Várias outras revistas, diante do sucesso impactante que o poema causava, fizeram questão de divulgá-lo também.

Edgar A. Poe acabava de se tornar célebre.

Os convites para festas, conferências, leituras públicas não paravam de chegar à redação do *Mirror* e à casa dos Poes. Nelas, Edgar não se cansava de expor sua tese de que não era a inspiração da musa, mas sim uma operação da inteligência que tornava um poema digno do nome, o mesmo se aplicando à prosa.

– O requisito vital de toda obra de arte é a unidade, ou seja, o efeito que faz com que leiamos de uma só sentada. É por isso que a composição não deve ser extensa. Após uma meia hora, no máximo, ela se abate, falha, segue-se uma reação, e então o poema não é mais poema.

– E o *Paraíso perdido*, de Milton? E a *Ilíada*, de Homero? Deixam de ser obras poéticas? – aparteava alguém da plateia.

– Ora, duvido que alguém leia o *Paraíso perdido* com o mesmo entusiasmo do início ao fim. Haverá necessariamente momentos de grande emoção

seguidos por outros de depressão, passagens de verdadeira poesia seguidas por outras de vulgaridade. Para mim, trata-se de um conjunto de poemas menores. Quanto à *Ilíada*, é tão somente uma série de líricas. Como tem intenção épica, afirmo que está baseada num conceito imperfeito de arte. De qualquer modo, já se foi o tempo dessas anomalias antigas.

Era comum a reação calorosamente contrária de algum intelectual:

– Por favor, Sr. Poe! Chamar a *Ilíada*, o mais popular dos épicos, de anomalia me parece uma aberração.

– Meu caro senhor, se no passado algum poema bem longo foi realmente popular, o que eu duvido, é claro, pelo menos, que nenhum poema bem longo será popular de novo.

Esse esgrimir de opiniões se estendia por horas e era bem ao gosto da língua sempre afiada de Poe, que não se constrangia nem um pouco de ir contra os cânones e mesmo de atacar os poetas amados pelo público, como era o caso de Longfellow. Finalizava com a assertiva:

– É meu desígnio, nessas palestras a que sou convidado, deixar bem claro que nenhum ponto da composição de “O corvo” se deve ao acaso ou à intuição. O poema caminhou, passo a passo, durante longos anos, até completar-se, com a precisão e a sequência rígida de um problema matemático.

De tão empolgado com sua tese, chegou mesmo a escrever uma teoria da composição, para explicar a feitura de “O corvo”. Sua fama já era tamanha que decidiu sair do *Mirror* e tornar-se sócio do *Broadway Journal*, onde pretendia, finalmente, levar adiante o velho projeto de fazer uma revista literária digna do nome.

Dizia a seus dois sócios:

– Um dia ainda teremos uma revista literária nacional, sem ilustrações de moda, receitas de culinária e outras pieguices. Nela haverá um amplo espaço para debates entre eruditos cuja opinião realmente importe, com contos,

poemas e ensaios verdadeiramente americanos e de alta qualidade. Nosso público leitor será a nata da intelectualidade. Já tenho o nome faz tempo: *The Penn* ou *The Stylus*. O que vocês acham?

Insuflado pela glória, passou a beber como nunca. Continuava a atacar os escritores da época, centrando-se em Henry Wadsworth Longfellow, poeta de Boston muito conceituado, que começara a detrair desde os tempos da *Burton's*, prosseguindo no *Mirror* e, agora, em seu próprio jornal. Acusava o poeta de plagiar descaradamente. Longfellow simplesmente não revidava os ataques, porém os colegas escritores fecharam-se a sua volta e passaram a responder, por meio de cartas enviadas aos jornais.

Na verdade, Poe chegara a elogiar um diário de viagens de sua autoria fazia algum tempo, o *Hyperion*, mas depois mudou de ideia, decerto tomado de inveja. Longfellow era tudo aquilo a que ele aspirava na vida: um aristocrata, de ótima família, professor em Harvard, reconhecido e amado pelo público, casado com uma rica herdeira que trouxera com o dote uma esplêndida mansão, onde o casal morava.

Ao mesmo tempo, procurava junto a editores e autores, até mesmo aqueles que havia atacado em suas resenhas, apoio financeiro para editar a tão sonhada revista. É claro que não conseguiu.

– Imaginem! – comentavam nos círculos literários. – Poe veio me procurar pedindo dinheiro para a tal revista. Justo ele, ranzinza e difícil...

– E, ainda por cima, quer ditar regras sobre o que deve e o que não deve ser lido segundo suas próprias concepções. O homem é um poço de arrogância!

– E depois desse “O corvo”, então? Sabem o que ouvi contar? Que numa leitura do poema numa casa em Richmond, um escravo perguntou por que *master* Poe não pegava uma vassoura e expulsava aquele pássaro velho da casa de uma vez por todas.

Foi uma gargalhada só! O poeta conseguira se indispor com todo o meio artístico americano.

A fama mostrava-se pesada demais. Em março de 1845, dois meses após a primeira publicação de “O corvo”, Edgar era visto trocando as pernas pelas ruas, completamente embriagado, berrando disparates:

– Esperem só! Eu vou ler “O corvo” para a rainha Vitória e toda a família real. Fui convidado, sim, senhores! Queria que John Allan, aquele miserável que um dia chamei de pai... que sua alma queime no inferno... estivesse lá para ver.

Audições públicas passaram a ser grande moda nessa época, especialmente em Boston. Escritores e poetas liam suas obras, recebendo um cachê. Multidões acorriam a tais eventos. Com a recém-adquirida projeção, Edgar foi convidado a se apresentar a uma plateia ávida, que lotou o anfiteatro do Teatro Odeon, de Boston, naquele 16 de outubro de 1845. Todos queriam ouvir o que o próprio autor teria a dizer sobre o seu magnífico poema.

No entanto, o que os esperava foi um espetáculo degradante. Após uma longa e desinteressante palestra sobre a China, Poe começou a bajular autores de segunda categoria, ao mesmo tempo que atacava sem piedade seu alvo preferido, o poeta Longfellow, filho e orgulho da terra. Ainda por cima, frustrou o público, pois, em lugar de “O corvo”, declamou o longo, cansativo e intrincado poema “Al Aaraaf”, que escrevera havia tanto tempo. Críticas pipocavam da plateia, e Poe reagiu mal, depreciando os escritores daquele “pântano que era Massachusetts”. Lá pelas tantas, descontrolou-se:

– Estou farto dos escritores de Boston, desse magnânimo conluio que controla há muito tempo o destino das letras americanas. Temos de dar um basta a essa influência nefasta da Nova Inglaterra sobre as letras, impedindo o surgimento de uma verdadeira literatura nacional.

Como se não bastasse, afirmou ter sido convidado para a palestra em Boston tão somente para ser humilhado.

O assunto foi pauta de jornais e tema de conversas nas rodas sociais e intelectuais por vários dias. O escritor enredava-se na própria teia de autodestruição, comprometendo o recém-adquirido prestígio pelo qual tanto lutara.

Dele se falava que muitas vezes confundia o frasco de ácido cianídrico com seu tinteiro!

Ainda em 1845, foi publicado pela Wiley & Putnam seu oitavo livro, *Contos de Edgar A. Poe*, que acrescentava três contos novos ao já lançado na Filadélfia: “O gato preto”, “Os crimes da Rua Morgue” e “O mistério de Maria Rogêt”. A mesma casa editorial publicou também *O Corvo e Outros Poemas*, aproveitando a onda de renome do autor.



Ilustração para a versão francesa de *Os Crimes da Rua Morgue*, feita pelo gravurista Eugene Michel Abot (1836-1894).

No entanto, os negócios não iam bem. Os dois sócios de Poe no jornal se retiraram da sociedade, e ele ficou como único dono e editor. Quanto mais as dívidas se amontoavam, mais ele se entregava à bebida. Para piorar, Virgínia passou a ter crises de hemoptise e precisava de cuidados. Os livros não rendiam o suficiente. A família se desesperava.

– Eddie, você vai sair outra vez? – murmurava Virgínia.

Edgar olhava a mulher, de uma palidez comovente, os cabelos muito negros contrastando com a alvura dos travesseiros, os olhos febris. Continuava linda, mas cada vez mais adquiria um aspecto sobrenatural, como se fosse um espírito que abandonava o corpo.

– Sissy, fui convidado para um sarau, e depois vai ter um jantar em minha homenagem. Não posso deixar de ir, querida. Você entende, não? Precisamos aproveitar a boa maré para vender mais livros.

– Ah, Eddie... Agora não tem mais noite que você fique em casa.

– Prometo que voltarei o mais cedo possível.

– Eddie, prometa-me outra coisa.

– O que você quiser...

– Que você não vai beber. Pelo menos, não vai beber muito.

– Dou minha palavra de honra. Mas agora tenho de ir.

Com um rápido beijo na testa da esposa, despedia-se, dizendo-lhe que não se preocupasse, logo estaria de volta.

Depois que Eddie saía, as duas mulheres se lamentavam.

– Mamãe, não sei aonde Eddie vai parar com tantas festas e jantares.

– Ele precisa ir, minha filha. Sei de sua preocupação; pensa que não me preocupo também? Não fosse a bebida... Canso de alertar Eddie sobre o estrago que o álcool já causou em nossa família, mas parece que ele não se dá conta.

De fato, mal fechava a porta atrás de si, Edgar esquecia as boas intenções. Frequentava a agitada noite de Nova York, com seus restaurantes, teatros e tentações. Ia sempre acompanhado, mas disso nem Sissy nem Muddy desconfiavam. A dama se chamava Fanny Osgood, por quem Edgar nutria devoção. Não era só ele. Seu inimigo Rufus Griswold, o ex-pastor batista que lhe puxara o tapete na *Graham's*, também lhe disputava a atenção.

– Sra. Osgood, perdoe-me o atrevimento, mas peço-lhe que se afaste desse patético Poe, um bêbado que também é dado ao uso de ópio, nada digno de sua amizade.

Fanny o repudiava prontamente:

– Sr. Griswold, peço que guarde suas opiniões para si. Desde a primeira vez que vi Edgar, ele sempre agiu como um modelo de elegância e distinção. Não serão seus ataques à pessoa dele que me farão mudar de ideia.

Os elogios só faziam aumentar o ódio que Rufus nutria por Poe. No fundo, sabia da superioridade do poeta em todos os aspectos e não podia se conformar com isso. Desmanchava-se em autocomiseração: não bastava tanta desgraça em sua própria vida? Uma carreira de escritor que não deslanchara, a esposa e a filha mortas tão precocemente... e agora que se interessara por Fanny Osgood, via seus planos atrapalhados por aquele crápula bêbado! Haveria de se vingar de alguma forma. Ele que esperasse...



Rufus Wilmot Griswold: antologista e destruidor da imagem de Poe.

Capítulo 18

[1846-1849]

Fim das
esperanças: a
derrocada final



Frances Sargent Osgood

From the original painting by Chappel in the possession of the publishers

Johnson, Fry & Co. Publishers, New York.

Entered according to act of Congress, A.D. 1872, by Johnson, Fry & Co. in the office of the Librarian of Congress at Washington.

Frances Sargent Osgood. 1873

Fanny Osgood: uma das mais populares escritoras de seu tempo. Foi objeto da devoção de Edgar Allan Poe e de Rufus Griswold.

“ Ligeia adoecera. Os olhos ardentes brilhavam com gloriosa e demasiada refulgência; os dedos pálidos adquiriram uma transparência cérea e fúnebre; as veias azuladas da alta fronte alteavam-se aos influxos da mais ligeira emoção. Percebi que ela ia morrer. ”

E.A.P., “Ligeia”, 1839.

Uma existência que tinha
começado com uma série de
sonhos quase sempre
transformados em frustrações
de repente precipitou-se, tal qual
um trem desgovernado.

Em 1846, o *Broadway Journal* foi à falência. Os credores se amontoavam de punhos fechados diante das portas cerradas para sempre. Como se não fosse com ele, Poe se embebedava e procurava diversão na companhia de Fanny Osgood e vários amigos do círculo literário. Como um messias ébrio, pontificava em discursos iluminados:

– Vocês acham que os horrores da alma de que trato em minha obra são pura ficção? Que as distorções de personalidades são ocasionais? Pois estão enganados! A maldade é inerente ao ser humano. Já nascemos marcados pelo mal. Os desejos do homem são sinistros. Somente através da reflexão é que superamos as abominações da Natureza, a qual nos fez canibais, homicidas, parricidas, para chegarmos ao Belo e ao Nobre. Não acenei com a sugestão de canibalismo gratuitamente no meu romance *O Relato de Arthur Gordon Pym*, não, senhores! Se acabam a água e os víveres, os marinheiros se lançarão uns sobre os outros como lobos esfaimados. É uma realidade. Qualquer pessoa desta distinta plateia faria o mesmo...

Com o agravamento da doença de Virgínia, o poeta procurou outro lugar para morar. Encontrou uma casa em Fordham, pequena vila nos arredores de Nova York, e para lá levou a doente e sua mãe.

– Agora, sim, a Sissy vai melhorar. – afirmava, cheio de esperança. – O lugar é lindo, cheio de sol e ar puro, cercado de jardins.

De fato, Fordham era tudo isso. Campinas a perder de vista, flores por todo canto, muito verde...

Mal se instalaram na nova casa, começou o frio. Não havia dinheiro para comprar carvão e lenha para a lareira, nem roupas que aquecessem. Edgar estendia sobre a mulher seu batido sobretudo negro. Muddy colhia verduras nas hortas próximas para que não morressem de fome. Os proprietários não se opunham. Quem seria capaz de negar um pouco de alimento para uma viúva desamparada? Até a gata Caterina parecia pressentir a tragédia no ar, não abandonando a doente um minuto sequer.

Sissy piorava. Em completo desatino, Poe escreveu para uma amiga dos tempos dos saraus literários em Nova York, Mary-Louise Shew. Louie, como era chamada, sabendo de todo o desespero e privações por que a família passava, veio pessoalmente oferecer seus préstimos. Cuidou de Poe e Virgínia, deu apoio a Muddy e até os ajudou financeiramente.

Na madrugada de 30 de janeiro de 1847, aos vinte e cinco anos, Virgínia Eliza Clemm Poe deu o último suspiro.

– Sissy, minha adorada Sissy, não me deixe; não me abandone, meu amor! – berrou o desarvorado poeta sobre o corpo inerte da mulher. E desmaiou a seu lado.

Coube a Louie tentar consolar o viúvo e Muddy. Esta, apesar de tudo, procurava abafar a própria dor diante do estado lamentável do genro. Choravam abraçados um ao outro.

– Vamos, vamos, Edgar, ela está melhor assim – dizia Muddy, tentando convencer a si mesma.

O enterro no pequeno cemitério correu em absoluto silêncio, só cortado pelos soluços da esquelética figura de negro, enrolada no sobretudo que aquecera os últimos dias da esposa.

Dias depois, inconformado com a perda, Edgar teve um colapso nervoso.



Casa de campo em Fordham (hoje Bronx, Nova York), para onde Poe levou a esposa, Virgínia, em busca de ar mais puro. Ela veio a falecer nessa casa. Lá também foram escritos *Annabel Lee*, *Ulalume*, *Os Sinos* e *Eureka*, última obra do autor.



Fordham: interior da casa de campo.

Capítulo 19

[1847]

Eureka: em busca
do renascimento
literário e
sentimental



Réplica da mesa de trabalho de Edgar Allan Poe na casa de campo de Fordham.

“ O que eu propus revolucionará (no devido tempo) o mundo da ciência física e metafísica. Eu o digo calmamente – mas o digo. [...] Não obstante, é como um poema somente que quero que este trabalho seja julgado após a minha morte ”

E.A.P., *Eureka*, 1848.

Com a morte de Sissy, Edgar tornou-se um poço de melancolia e tristeza. Pior do que em qualquer outra época de sua vida, a depressão associada à bebida tornou-o um espectro ambulante.

Num esforço quase sobre-humano, juntou forças e começou a escrever o que consideraria sua obra definitiva, um poema em prosa que denominou *Eureka*. À medida que avançava o texto, expunha para quem quisesse ouvir:

– Consegui identificar todo o mistério da vida! É uma parte de Deus. Desde pequeno observo o céu, o limite visível desse Universo cuja gênese e aniquilação posso facilmente explicar.

Levou o manuscrito a George Putnam, seu editor.

– George, o que eu apresento aqui é verdadeiro e portanto não pode morrer, ou se for por quaisquer meios forçado a morrer, ele se levantará novamente para a vida eterna. Veja bem a ideia central: na unidade original da primeira coisa está a causa secundária de todas as coisas com o germe de seu inevitável aniquilamento.

Sem deixar o outro esboçar qualquer gesto de assentimento ou discórdia, continuou:

– O que propus revolucionará o mundo da ciência física e metafísica. Mostro com clareza as conexões entre a natureza, Deus, o cosmo e a alma

humana. Espaço e tempo são uma só coisa. Digo isso com tranquilidade. Veja a dedicatória que fiz: “Aos que creem firmemente que somente os sonhos são realidade”... E também dedico a Alexander von Humboldt, o grande pesquisador alemão que tanto respeito.

Putnam hesitou:

– Como pretende revolucionar os princípios em vigor se nem cientista você é?

– Foi por isso que não denominei *Eureka* de tratado, e sim de poema em prosa. Além de escritor, como editor tenho de me manter sempre informado. E é o que venho fazendo a vida inteira. Desde criança tenho particular curiosidade pela ciência. Acompanho todos os artigos sobre desenvolvimento científico. Astronomia, matemática, física, química, frenologia, hipnotismo, taxonomia, cranioscopia, mesmerismo, anatomia... sei até mesmo quais os tipos de embalsamamento usados pelos antigos egípcios e também...

Continuou enumerando seu vasto saber, o que era a mais pura verdade, até que Putnam, seduzido pela exaltação do autor, concordou:

– Está bem, está bem. Vamos publicar.

Ainda não satisfeito, Edgar, o olhar desatinado, acrescentou:

– Esse livro é importantíssimo, revolucionário! Vamos fazer logo, imediatamente, uma tiragem de cinquenta mil exemplares...

– Calma, calma. Primeiro faremos quinhentos. Se houver boa aceitação, editaremos mais.

Ao entregar os originais, Poe sentia-se completamente exausto e decidiu procurar um médico.

Depois de examiná-lo, o facultativo deu o diagnóstico:

– Sr. Poe, seu coração está fraquejando. As coronárias estão comprometidas. Além disso, posso afirmar que há um quadro de lesões cerebrais.

– E quanto ao tratamento, doutor?

– Infelizmente, devo dizer-lhe que seu estado é bastante delicado e irreversível. Não há tratamento, apenas cuidados. Para viver melhor o tempo que lhe resta, é preciso muito descanso e, sobretudo, nada, absolutamente nada de álcool. Mantenha-se bem longe da garrafa. Ela é sua pior inimiga.

Antes da publicação de *Eureka*, Poe apresentou sua nova obra numa conferência na Biblioteca Social de Nova York. Pretendia, com isso, levantar fundos e assim concretizar a velha ideia da revista que seria um foro para opiniões honestas e destemidas.

O auditório manteve-se fascinado durante toda a palestra. Poe descortinava aos ouvintes os mistérios de Deus e da natureza, de nebulosas e da matéria, da massa, da gravidade, dos ciclos e ritmos cósmicos, do começo e do fim do Universo, tudo regido pelo Coração Divino.

Houve um aparte:

– Da maneira como o senhor acaba de expor, parece-me que sua obra cultua o divino na natureza. O senhor defende o panteísmo, Sr. Poe?

– Em absoluto. Quando falo do divino na natureza, refiro-me àquele calmo exercício de consciência, àquela profunda tranquilidade de autoexame pelo qual nós podemos esperar alcançar a presença da verdade mais sublime e encará-la devagar.

Apesar do interesse despertado, a vendagem do livro foi baixa.

Sem perder as esperanças, o poeta viajou para Richmond, Providence, Lowell, Filadélfia e Baltimore, no afã de divulgar aquela que considerava sua obra definitiva. No entanto, os momentos lúcidos eram cada vez mais raros. Geralmente apresentava-se alcoolizado e declamava longas passagens de seu livro em bares e lugares públicos sem que fosse solicitado, fazendo triste figura. Os frequentadores, não sem razão, o tomavam por louco.

Quando completou dois anos de viuvez, decidiu que era hora de casar-se novamente, apesar de continuar amando devotadamente sua Sissy.

Na verdade, Poe precisava de uma musa para preencher o vazio deixado pela esposa. Alguém que lhe servisse de inspiração, que exaltasse o amor ideal. Qualquer presença feminina, gentil, simpática, compreensiva, serviria; a imaginação criaria o mais importante.

Interessou-se por algumas mulheres: Marie-Louise Shew, Annie Richmond e Sara Helen Whitman, conhecida poetisa de Providence. Não sabia qual pretendente escolher, até que se decidiu por Sara Helen. Propôs-lhe casamento. Apesar de seis anos mais velha e temer não aguentar as emoções de um amor temporão por ser cardíaca, acabou aceitando a proposta, com a condição de que ele parasse de beber. Edgar não conseguiu manter a promessa. Apareceu embriagado na casa da noiva, e, por isso, o compromisso foi desfeito.



Sara Helen Whitman, a poetisa de Providence. Aceitou o pedido de casamento feito por Poe, mas logo rompeu o compromisso.

Entristecido, resolveu partir para Richmond, cidade onde passara boa parte da infância e juventude e de onde partira anos mais tarde carregando uma pesarosa desilusão.

Naquela cidade reencontrou seu amor de adolescência, Sara Elmira Royster Shelton, que àquela altura estava viúva.

Poe aproveitou a situação para se declarar, revelando-lhe um amor que carregara consigo durante vinte e dois anos e que agora gostaria de ver concretizado. Elmira se emocionou com a inesperada confiança.

– Só quero um tempo para pensar, Edgar.

– Não demore muito, querida Elmira. Seu pai nos afastou, escondeu as cartas que eu escrevia diariamente quando fui para a faculdade, fez com que você se casasse com outro. Chegou a hora de repararmos o mal que ele nos causou.

Em agosto de 1849, um mês depois da ardorosa declaração de amor, Elmira concordou em se tornar sua esposa. O casamento foi marcado para 17 de outubro, e a noiva estava feliz com a perspectiva da realização de um sonho juvenil.

– Minha querida, você teria alguma coisa contra se eu trouxer minha tia Maria Clemm para morar conosco assim que estivermos casados? Assim, eu pouparia os gastos de manter uma casa para Muddy. E ela é um anjo, sempre foi como uma mãe para mim.

– Claro que não tenho nada contra, querido.

Edgar declarou, satisfeito:

– Então, está decidido. Eu gostaria que Muddy viesse assistir ao nosso casamento.

– Ora, é só convidá-la.

– Já convidei – respondeu, sorridente.

– Qual foi a reação de sua tia? Afinal, faz somente dois anos que a filha dela morreu...

– Você não conhece a Muddy. É a pessoa mais desprendida que conheço. Ficou muito contente por saber que estou feliz de novo. Garanto que vocês vão se dar muito bem.

Os dias passavam depressa, e a data do grande evento se aproximava. Elmira estava longe de imaginar que em breve sofreria a maior desilusão de sua vida.

Capítulo 20

[Out. 1849]

O corvo pousa no
ombro do gênio

Annabel Lee.

By Edgar A. Poe

It was many and many a year ago,
In a kingdom by the sea,
That a maiden there lived whom you may know
By the name of Annabel Lee:—
And this maiden she lived with no other thought
Than to love and be loved by me.

She was a child and I was a child,
In this kingdom by the sea;
But we loved with a love that was more than love—
I and my Annabel Lee—
With a love that the winged seraphs of Heaven
Coveted her and me.

And this was the reason that, long ago,
In this kingdom by the sea,
A wind blew out of a cloud, chilling
My beautiful Annabel Lee—
So that her high-born kinsmen came
And bore her away from me,
To shut her up in a sepulchre
In this kingdom by the sea.

The angels, not half so happy in Heaven,
Went envying her and me:—
Yes, that was the reason (as all men know,
In this kingdom by the sea)
That the wind came out of the cloud by night,
Chilling and killing my Annabel Lee.

But our love it was stronger by far than the love
Of those who were older than we—
Of many far wiser than we—
And neither the angels in Heaven above,
Nor the demons down under the sea,
Can ever discover my soul from the soul
Of the beautiful Annabel Lee:—

For the moon never beams, without bringing me dreams
Of the beautiful Annabel Lee;
And the stars never rise, but I feel the bright eyes
Of the beautiful Annabel Lee;
And so, all the night-tide, I lie down by the side
Of my darling, my darling, my life and my bride
In her sepulchre there by the sea—
In her tomb by the sounding sea.

*“ Verdade! Nervoso – muito, muito,
espantosamente nervoso eu estava e estou; mas
por que você acha que estou louco? ”*

E.A.P., “O coração delator”.

O que teria se passado na cabeça intranquila do poeta naquele 26 de setembro de 1849?

Após deixar os originais do poema “Annabel Lee” com o editor da *Messenger* e pedir um adiantamento de cinco dólares, Edgar fez uma visita à noiva ao cair da tarde. Despediu-se dela dizendo que na tarde seguinte iria vê-la, como de costume.

Passando por um restaurante, viu alguns amigos. Chamaram-no:

– Olá, Edgar. Venha, sente-se conosco.

Ele aparentava estar completamente sóbrio, muito animado com a proximidade do casamento, mas ao mesmo tempo deprimido e nervoso, num estado em que alegria e melancolia excessivas se misturavam de modo quase insuportável. Era muita mudança na vida de alguém tão instável. Não tinha sossego, mexia-se na cadeira, levantava-se, demonstrava claramente a perturbação.

De repente, disse-lhes que acabara de decidir ir a Nova York naquela mesma noite. Tentaram dissuadi-lo:

– Por que viajar à noite? Assim, sem mais nem menos?

– Isso mesmo, Edgar. Que ideia a sua! Vá dormir e amanhã você marca sua viagem com calma.

– Não, meus amigos, vou hoje mesmo; eu soube que tem um navio que vai zarpar de madrugada.

– Mas o que há de tão urgente em Nova York para que você embarque nessa pressa?

– Tenho muitas providências a tomar, não posso ficar aqui esperando – replicou, agitadíssimo. – Vou fechar a casa de Fordham e trazer a mudança de minha tia Maria. Faço questão de que ela esteja presente ao casamento. Eu a considero como mãe, e estou muito feliz que venha e more conosco. Elmira não fez nenhuma restrição.

– Elmira sabe que você parte hoje?

– Não, claro que não! Mesmo porque acabei de decidir. E não teria contado de qualquer maneira. Ela ficaria preocupada. Sabem como são as mulheres: veem problemas e perigos em tudo.

Já que ele estava resolvido, não havia nada a fazer. Alguns dos presentes resolveram acompanhá-lo até o cais. As despedidas se deram num misto de apreensão e alegria:

– Não vá deixar a noiva esperando na igreja, hein, Edgar?

– Acho que você está querendo fazer sua última noite de solteiro bem longe daqui.

Edgar subiu a bordo e acenou ainda uma vez. A partida do navio estava prevista para as quatro horas da madrugada.

No dia seguinte, Elmira acordou com o coração pesado. Alguma coisa não andava bem. Levantou-se e, como todos os dias, tratou de seus afazeres domésticos, tomando algumas providências com relação à festa do casamento. Entretanto, durante todo o tempo, sentia que alguma coisa não andava bem. Mandou que a empregada fosse até a casa do Sr. Poe e pedisse a ele que viesse vê-la sem falta.

Meia hora depois, a empregada voltou com a notícia:

– O Sr. Poe não está, senhora. Viajou ontem à noite.

– Como? – afligiu-se Elmira. – Viajou para onde?

– Não souberam informar. Apenas viram o Sr. Poe saindo com sua mala. Ele disse ao porteiro que estava de partida, mas que voltaria dentro de alguns dias.

Elmira sentiu um baque. Cada vez mais inquieta, exclamava:

– Eu sabia que havia algo errado! Eu bem que sabia! Onde andaré Edgar?

Após várias paradas ao longo do percurso, no dia 29, o navio aportou em Baltimore, e Poe desceu a terra.

Era época de eleições estaduais, e a cidade fervilhava com as manifestações de campanha dos candidatos. Para ganhar votantes, os cabos eleitorais levavam o povo a suas sedes, onde distribuíam alguns trocados e muitas doses de uísque. Nas zonas eleitorais, votariam mais de uma vez. Não havia registro ou qualquer controle; bastava se apresentar perante o juiz do pleito. Quanto mais dinheiro e bebida, maior o número de votos para tal e qual candidato. A bebedeira na cidade era geral, e, à medida que o dia 3 de outubro se aproximava, mais aumentava a confusão.

Na mesma tarde em que chegou, Edgar foi visitar um amigo, Nathan Brooks. A visita foi constrangedora, pois o poeta estava completamente embriagado. Os dias que se seguiram estão envoltos em mistério quanto a suas andanças. Teria ido até a Filadélfia, de onde recebera uma proposta de cem dólares para fazer a revisão de alguns poemas? Ou teria ficado perambulando pela cidade, juntando-se à multidão de eleitores atrás de copos e mais copos de uísque? O médico já o havia alertado para que mantivesse distância da garrafa. A verdade é que, no dia da eleição, Poe foi visto numa taverna da Rua Lombard, bem próxima à sede de um dos partidos, onde votantes eram aliciados, sobretudo por meio do álcool.

A multidão nas ruas berrava palavras de ordem a favor de seus candidatos. Conjuntos musicais tocavam hinos dos partidos, e, entre

discussões, brigas e abraços, aguardava-se, no meio do crescente desvario etílico, o término do pleito. Não eram poucos os eleitores de cabresto que, àquela altura, beijavam a calçada, totalmente embriagados, sem que ninguém lhes desse importância. Um deles, no entanto, chamou a atenção: debatia-se num estado de *delirium tremens*.

Enquanto isso, em sua casa, o dr. James Snodgrass comentava com a esposa:

– Hoje vou ter muito trabalho, mais ainda do que nos últimos dias. Essa bebedeira generalizada nas eleições deveria ser proibida.

Nem bem acabou de falar, a empregada entrou na sala com um bilhete urgente.

O médico viu do que se tratava e balançou a cabeça, tristemente.

– Parece que eu estava adivinhando. Ouça:

“Prezado dr. Snodgrass,

Um cavalheiro, não muito velho, no colégio eleitoral do quarto bairro de Ryan, que atende pelo nome de Edgar Allan Poe, parece estar em grandes apuros e diz que é conhecido do senhor. Eu lhe garanto que ele está precisando de auxílio imediato.

Atenciosamente, Joseph Walker”.

O médico enrugou a testa.

– Mais uma do meu velho amigo Poe. Eu nem sabia que ele estava em Baltimore. Provavelmente encheu a cara de novo. Vou ver o que aconteceu.

– A que horas você volta?

– Tudo depende do estado desse poeta desmiolado, querida. Pelo que conheço dele, acredito que não vá ser tão cedo.

O dr. Snodgrass encontrou Poe na taverna, sentado, completamente apático, usando roupas sujas e esfarrapadas que certamente não eram suas, pois mal lhe cabiam. Estava cercado por um bando de indivíduos de

péssimo aspecto. Tratou logo de afastar os curiosos e, após um rápido exame, pediu um carro e levou o doente ao Hospital Washington, onde foi entregue aos cuidados do médico de plantão, dr. Moran.

– Dr. Snodgrass, não preciso dizer que o estado de seu paciente é gravíssimo.

– Eu sei, eu sei. Assim que me avisaram, fui ver Poe, que é um velho amigo. Já o encontrei assim. Nada havia a fazer senão trazê-lo para o hospital.

Enfermeiros chamados às pressas pelo dr. Moran tentavam conter o doente, que se debatia em novo acesso, o corpo todo trêmulo.

– Bem, acho que vou voltar para minha casa. Nesses dias de eleição nosso trabalho dobra. De nada adianta ficar aqui ao lado de Edgar. Tenho certeza de que o deixo em ótimas mãos.

– Pode ir sossegado. Qualquer alteração no estado dele, mandarei avisá-lo.

– Vou providenciar para que os parentes de Edgar que ainda moram aqui sejam notificados.

De fato, os poucos parentes restantes compareceram ao hospital, trazendo roupas limpas e tentando colaborar na medida do possível. Por alguma razão, Maria Clemm não foi avisada sobre o estado do sobrinho.

A esposa do Dr. Moran veio várias vezes visitar o enfermo, procurando acalmá-lo e rezando à sua cabeceira alguns trechos do Evangelho:

– “Não se turbe vosso coração; credes em Deus, crede também em mim...”.

Em raros momentos, Edgar recobrava a consciência.

– Moro em Richmond e tenho esposa. Ela se chama Elmira... Avisem a todos, por favor.

Às vezes, ouviam-se seus gritos pelos corredores do hospital:

– Reynolds, Reynolds.

– Quem ele está chamando? – perguntavam-se.

– Não sei, já tentei de todas as formas que ele me dissesse quem é Reynolds – respondia a enfermeira-chefe. – O doutor acha que ele está delirando.

Os chamados por Reynolds tornavam-se cada vez mais constantes e desesperados, como se desse personagem desconhecido dependesse sua salvação.

Foi uma agonia lenta, cheia de terríveis pesadelos. Era evidente que o final estava próximo.

– “Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora, eu vo-lo teria dito” – prosseguia a esposa do médico.

– Reynolds, Reynolds...

– “...pois vou preparar-vos o lugar. E, quando eu for e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que, onde eu estou, estejais também.”

A mulher olhou para o moribundo: nenhuma reação naquele rosto que já não parecia mais pertencer a este mundo. Então, ela murmurou uma última frase:

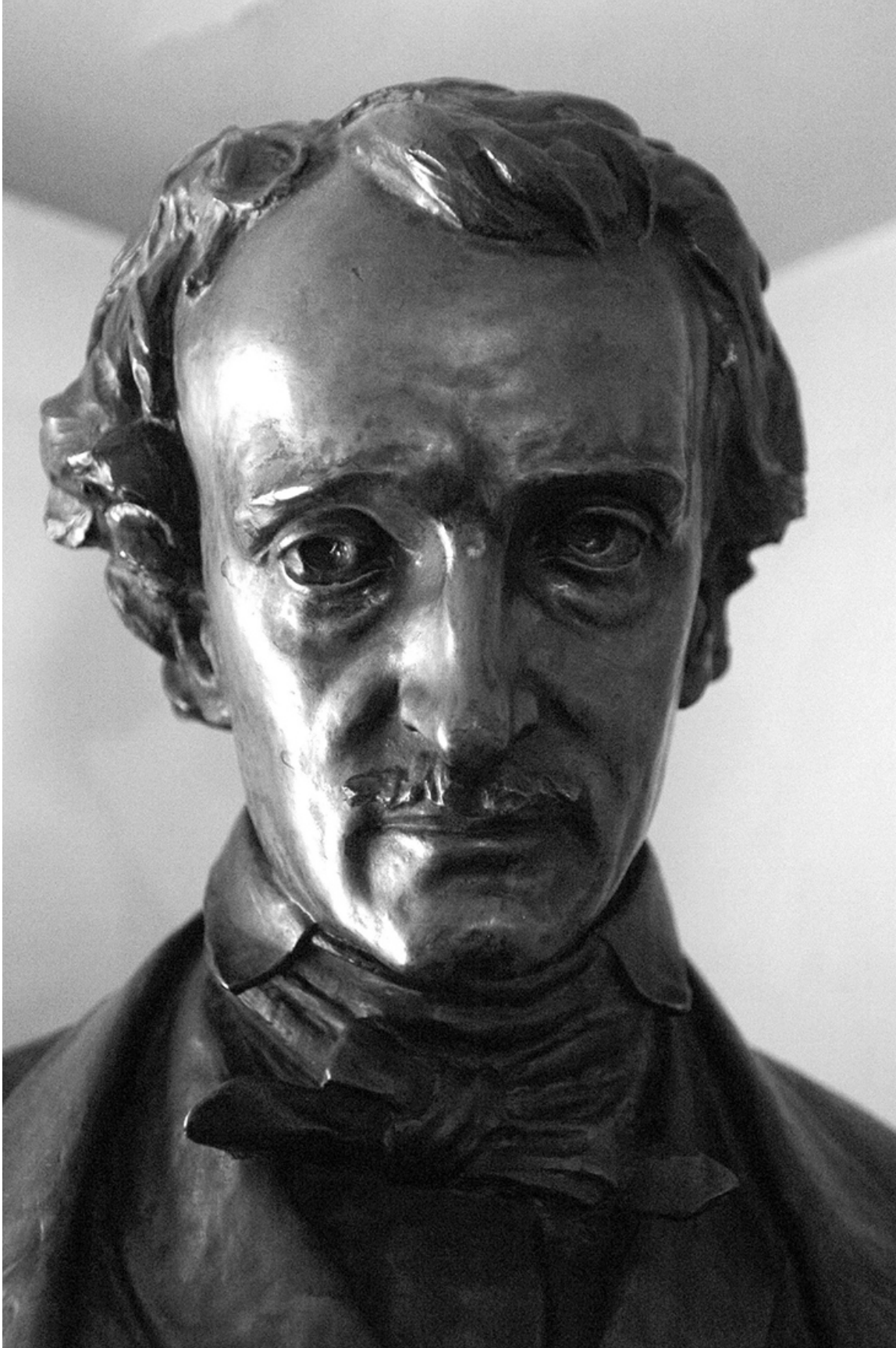
– “Deixo-vos a minha paz, a minha paz eu vos dou”.

Com isso, fechou o Evangelho, persignou-se e se retirou.

Na madrugada de 7 de outubro de 1849, Edgar Allan Poe, agora praticamente sem forças para emitir algo além de um sussurro, continuou a chamar por Reynolds. Por fim, abriu muito os olhos e disse suas últimas palavras, testemunhadas pelo médico, Dr. Moran:

– Senhor, tende piedade da minha pobre alma.

Depois disso, nada mais. Acabava-se a trágica existência de um gênio.



Busto de bronze de Edgar Allan Poe.

Capítulo 21

A fama chega a
partir do Velho
Mundo – uma
carta emocionada
para Muddy

HISTOIRES EXTRAORDINAIRES

PAR

EDGAR POE

TRADUCTION DE

CHARLES BAUDELAIRE



EDGAR POE, SA VIE ET SES ŒUVRES
DOUBLE ASSASSINAT DANS LA RUE MORGUE
LA LETTRE VOLÉE
LE SCARABÉE D'OR — LE CANARD AU BALLON
AVENTURE SANS PAREILLE D'UN CERTAIN HANS PFAAL'
MANUSCRIT TROUVÉ DANS UNE BOUTEILLE
UNE DESCENTE DANS LE MAELSTROM — LA VÉRITÉ
SUR LE CAS DE M. VALDEMAR — RÉVÉLATION MAGNÉTIQUE
LES SOUVENIRS DE M. AUGUSTE BEDLOE
MORELLA — LIGEIA — METZINGERSTEIN

PARIS

MICHEL LÉVY FRÈRES, LIBRAIRES-ÉDITEURS

RUE VIVIENNE, 2 bis

—
1856

Página de rosto de *Histoires Extraordinaires (Histórias Extraordinárias)*, de Edgar Allan Poe.
Tradução de Charles Baudelaire. Paris, 1856.

“ *O verdadeiro gênio estremece diante da
incompletude – imperfeição – e prefere o silêncio
a dizer algo que não seja tudo que deve ser dito
[...]* ”

E.A.P., sobre ouvir o gênio, 1848.

A Maria Clemm

(Carta publicada no jornal Le Pays, França, em 25 de julho de 1854.)

Há muito tempo, senhora, que eu desejava alegrar vossos olhos maternais com esta tradução de um dos maiores poetas deste século; mas a vida literária é cheia de sobressaltos e impedimentos, e temo que a Alemanha me tome a frente no cumprimento desta piedosa homenagem à memória de um escritor que, como os Hoffmanns, os Jean-Pauls, os Balzacs, é menos de seu país que cosmopolita. Dois anos antes da catástrofe que ceifou horripelmente uma existência tão plena e tão ardente, eu me esforçava já para fazer conhecer Edgar Poe aos literatos de meu país. Mas, então, a tempestade permanente de sua vida era para mim coisa desconhecida; eu ignorava que essas vegetações luxuriantes eram o produto de uma terra vulcanizada. E quando, hoje, comparo a ideia falsa que eu fazia de sua vida com o que ela foi realmente, o Edgar Poe que a minha imaginação havia criado – rico, feliz, um jovem cavalheiro de gênio, vagando por vezes pela literatura em meio às mil ocupações de uma vida elegante – com o verdadeiro Edgar – o pobre Eddie, aquele que vós amastes e socorrestes, aquele que eu farei a França conhecer –, esta irônica antítese me enche de um enternecimento intransponível. Vários anos se passaram, e seu fantasma tem sempre me obsedado. Hoje, não é apenas o prazer de mostrar suas belas obras que me possui, mas também o de escrever por cima o nome da mulher que foi para ele tão boa e tão doce. Tal como vossa ternura pensava suas feridas, ele, por sua vez, embalsamará vosso nome com sua glória.

Vós lereis o trabalho que compus sobre sua vida e suas obras; vós me direis se eu compreendi bem seu caráter, suas dores e a natureza especial de seu espírito; se me enganei, vós me corrigireis. Se a paixão me fez errar, vós me retificareis. De vossa parte, senhora, tudo será recebido com respeito e reconhecimento,

mesmo a censura delicada que pode suscitar em vós a severidade que empreguei para com os vossos compatriotas, sem dúvida para aliviar um pouco o ódio que inspiram à minha alma livre as sociedades mercantilistas e fisiocráticas.

Eu devia esta homenagem pública a uma mãe cuja grandeza e bondade honram o mundo das letras tanto quanto as maravilhosas criações de seu filho. Eu seria mil vezes feliz se um raio provindo dessa caridade, que foi o sol de sua vida, pudesse, através dos oceanos que nos separam, recair sobre mim e me reconfortar com seu calor magnético.

Adeus, senhora; dentre as diferentes saudações e fórmulas de cumprimento que podem terminar uma missiva de alma a alma, não conheço outra que exprima melhor os sentimentos que a vossa pessoa me inspira: “Bondade, bondade”.

Ch. Baudelaire

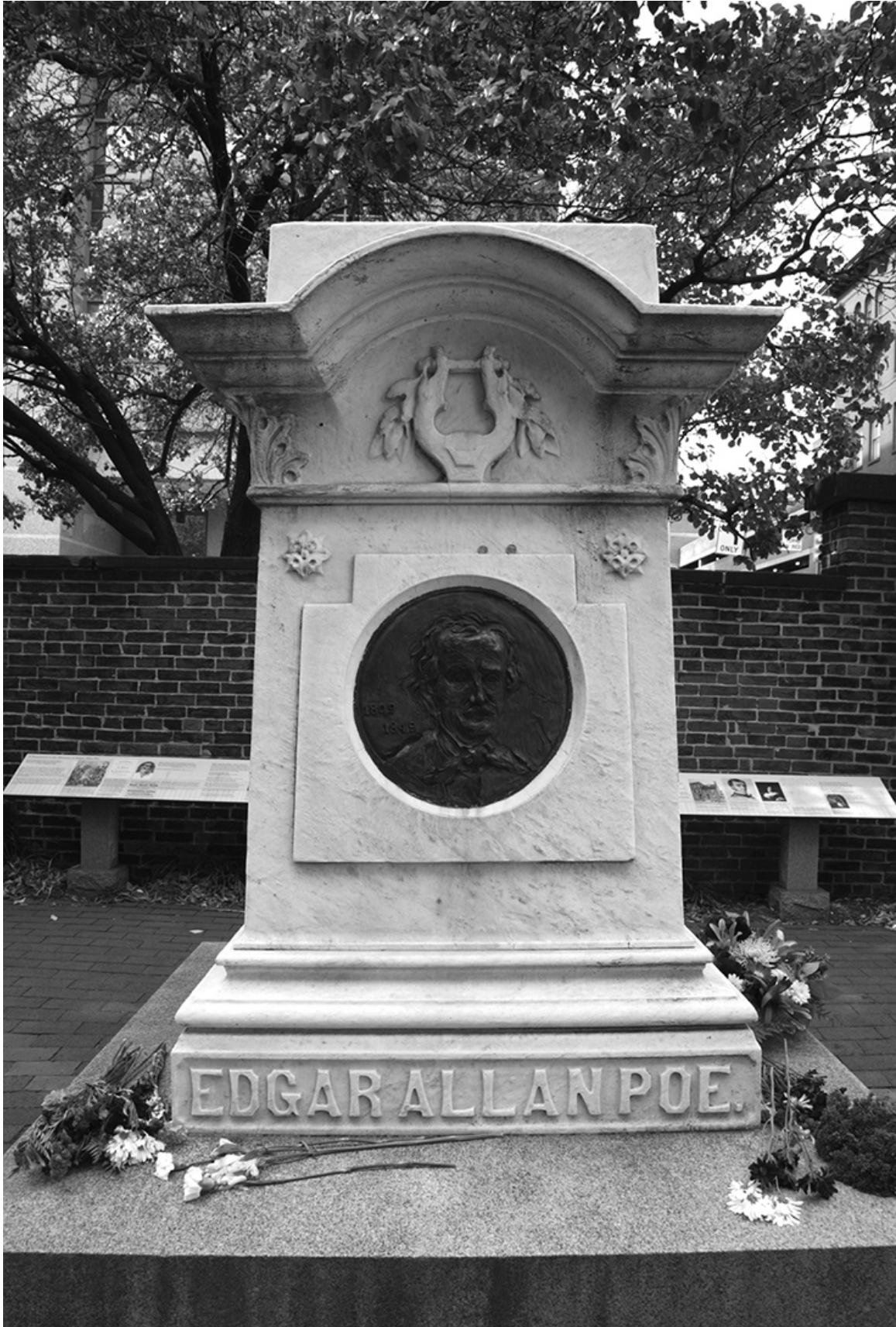
Muddy não foi avisada a tempo de ver o sobrinho adorado ainda com vida. Mortificada, sem os dois grandes amores de sua vida, Sissy e Edgar, encontrou consolo na família e na carta acima transcrita, enviada por Charles Baudelaire, poeta francês que, em 1849, conheceu a obra de Edgar Allan Poe e se apaixonou por ela, traduzindo-a para o francês e divulgando o autor por meio de ensaios e publicações. Entusiasmado, o autor de uma única obra, *Flores do Mal*, proclamava:

– Pena que eu só tenha conhecido o nome desse grande poeta após a sua morte! Como eu, ele sabia que uma paixão frenética pela arte é um câncer que devora todas as outras coisas.

Foi assim que todo o trabalho de Poe ganhou a Europa, fazendo um sucesso retumbante, ainda que póstumo. Ironicamente, só depois disso é que foi reconhecido e imortalizado nos Estados Unidos como um de seus maiores escritores.

Capítulo 22

Bizarrices na
vida e na morte:
dois enterros e o
visitante noturno



Túmulo de Edgar Allan Poe, em Baltimore.

“ *Bizarrices na vida e na morte: dois enterros e o
visitante noturno. Quem sou eu? – Ah, verdade!
Sou Belzebu, príncipe das moscas. Acabo de
retirar-te de um caixão de pau-rosa marchetado
com marfim [...] ,,*”

E.A.P., “O Duque de L’Omelette”.

Pouquíssimas pessoas compareceram ao enterro de Poe. Seu túmulo, no jazigo da família do pequeno cemitério paroquial da Igreja de Westminster, em Baltimore, foi marcado apenas por um pequeno bloco com o número 80, nada informando sobre quem lá repousava.

Mas, assim como Edgar casou-se com Virgínia duas vezes em cerimônia envolta no maior mistério, o mesmo se deu em sua morte. Para o gênio do terror, nada menos que dois enterros. Passados vinte e seis anos de sua morte, a fama já importada da Europa, uma professora de inglês, Sara Sigourney Rice, interessou-se pela vida do poeta e organizou, com a ajuda de seus alunos, uma campanha de arrecadação de fundos para a construção de um memorial. Em 1875, foram transportados os restos mortais para local de maior visibilidade e inaugurado o monumento, com

pompas e presença de nomes importantes. Lá também repousam Virgínia e Maria Clemm. Juntos por toda a eternidade.

Como acenado na introdução, desde 1949, na madrugada de 19 de janeiro, data de seu aniversário, Poe recebe uma visita: um misterioso estranho entra no cemitério de Westminster todo vestido de negro, exceto por um cachecol branco enrolado em torno do pescoço e cobrindo quase que inteiramente o rosto. Uma bengala com castão de prata na mão, o visitante deposita no túmulo do escritor três rosas vermelhas e meia garrafa de conhaque francês, numa singela comemoração – ou, para alguns, num ritual macabro que inibe as pessoas de se aproximarem do desconhecido, a quem se deu o nome de “Poe Toaster”, aquele que brinda Poe. Seriam as rosas uma homenagem para cada membro da pequena família, Edgar, Sissy e Muddy? E a garrafa de conhaque sempre pela metade? Essa cerimônia sofreu ligeira modificação em 1993. O visitante deixou um bilhete no qual se lia: “A tocha será passada”. Entretanto, o brinde prosseguiu nos anos seguintes e só foi interrompido em 2010, um ano após o bicentenário do nascimento do poeta. Vá se explicar...

Capítulo 23

A grande
brincadeira final –
o desafeto se torna
testamenteiro
literário. O tiro sai
pela culatra

“ [...] o sistema todo, para ele, era uma impostura.

Essa convicção deu ao seu caráter judicioso e naturalmente inamistoso uma direção. [...] ele considerava a sociedade composta inteiramente de vilões. „

Rufus W. Griswold, no obituário de Poe que escreveu sob o codinome “Ludwig”, 1849.

Bizarros caminhos do acaso fizeram com que Rufus Griswold conseguisse convencer Maria Clemm de que fora a vontade de Poe fazê-lo seu testamenteiro.

Possivelmente, aproveitando-se da fragilidade em que se encontrava a enlutada Muddy, usou de sabe-se lá quais artimanhas para apoderar-se de todos os escritos que ela guardava com desvelo.

Pelas mãos invejosas de Rufus, Poe passou a história como um homem desprezível, enlouquecido, esfarrapado, demoníaco, bêbado e drogado.

Sabemos que a imagem não corresponde à realidade. De certa maneira, porém, veio acrescentar fama ao autor, tornando-o quase um arquétipo do desprezível, do que há de pior no ser humano. Nem uma palavra sobre o homem tão apegado à família, amoroso e educado, tão preocupado com seu aspecto exterior que o levava a vestir-se bem, ainda que sua roupa negra já estivesse um tanto brilhosa pelo uso constante. Depoimentos e cartas atestam sua conduta cavalheiresca, especialmente para com as mulheres, que se apaixonavam pelo ideal do amor que ele encarnava. Griswold exagerou o lado obscuro de Poe e nada disse sobre seu lado solar. Conseguiu o efeito contrário do que pretendia: aumentou o interesse do

público leitor. O perfil distorcido que retratou ajudou a compor o personagem. A lenda tornou-o mais instigante.

O autor tem legiões de fãs pelo mundo todo, sites e blogs, clubes de amigos, sociedades literárias, gente que não deixa sua vida e obra cair no esquecimento, que o reverenciam e cultuam. São verdadeiros “Poe freaks”, fanáticos por Poe.

Agora, pergunta-se: quem ouviu falar de Rufus Griswold? Para ele, sobrou o papel de vilão da história. Bem vaticinou Poe quando teve seu cargo de redator-chefe da *Graham's* surrupiado por meio de intrigas do subalterno:

– Você vai mergulhar no esquecimento. Seu nome só vai ser lembrado como o servo infiel que abusou da minha confiança.

Mas quem foi, afinal, o tal Rufus? Um ex-pastor batista que não se acanhava em apresentar diplomas falsos de doutor em Teologia e Direito, nem em forjar cartas e inventar situações para defender os próprios interesses, passando por cima de quem quer que fosse. Era odiado pela maioria das pessoas com quem convivia. No entanto, organizava antologias e foi, durante anos a fio, contratado por diversas editoras. Como não raro acontece com os médiocres destituídos de caráter, conseguiu se tornar uma espécie de fazedor ou demolidor de carreiras literárias. Disso extraía poder e sabia como utilizá-lo. Ele mesmo nunca escreveu nada importante, daí a inveja doentia que nutria por aquele que esbanjava talento e imaginação. Fez-se executor literário e memorialista de Poe e assim pôde extravasar todo o seu rancor. Não conseguiu.

Até em pequenos detalhes buscou vingança. Edgar nunca assinara “Allan” em suas obras. Era sempre Edgar Poe, ou E. A. Poe, ou Edgar A. Poe. Não desejava homenagear o padrasto; não tinha motivo para tanto.

Griswold fez questão de grafar o nome por inteiro: Edgar Allan Poe, que assim passou à história. Aliás, John Allan é outro que só é lembrado por sua ingratidão para com o filho de criação que não quis adotar. Não fosse por Edgar, o sobrenome Allan cairia em total esquecimento.

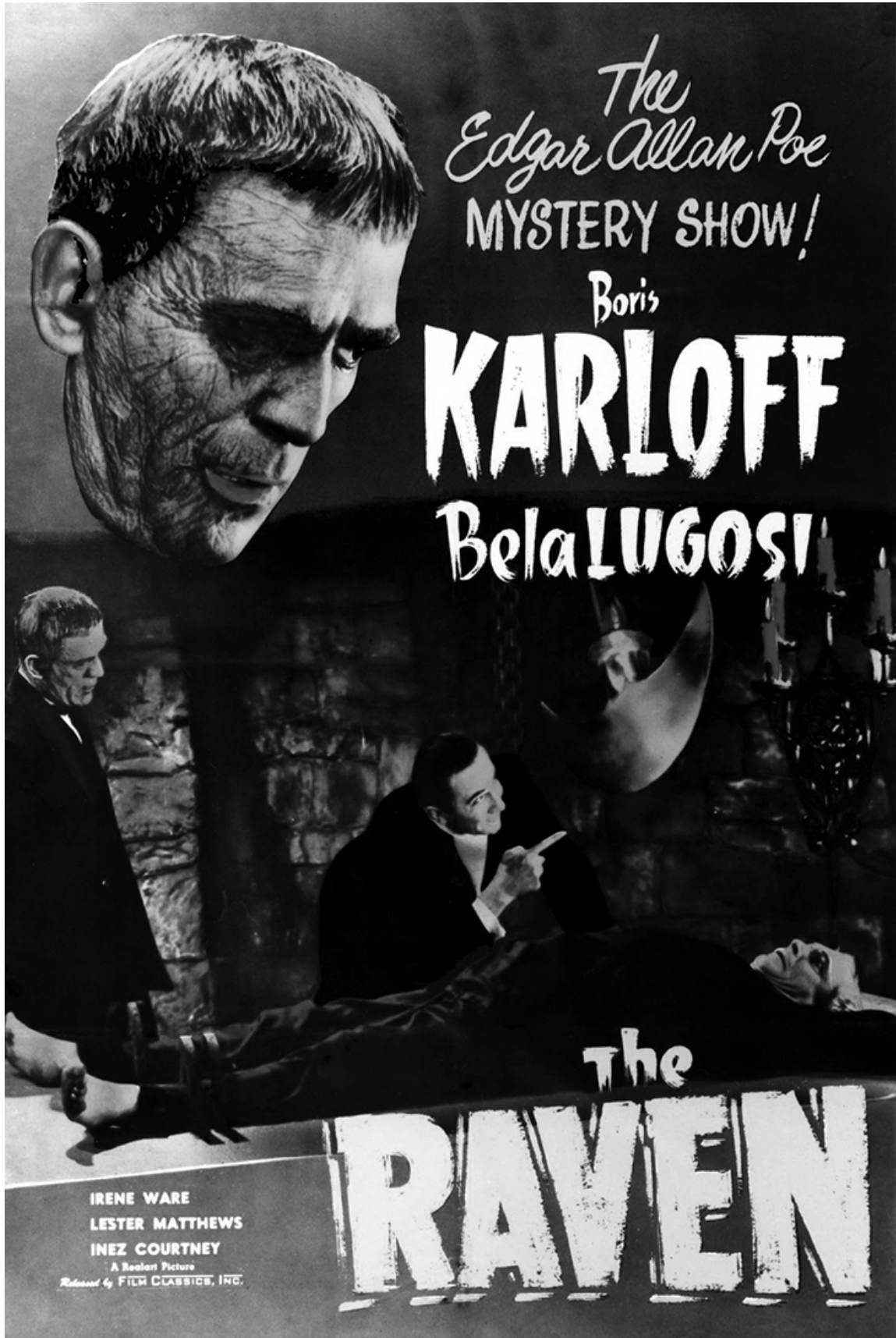
Quanto a Poe, após a fama trazida da Europa graças a Baudelaire, recebeu o reconhecimento no seu país de origem. Em 4 de maio de 1885, o *Actor's Monument*, uma escultura do escritor encomendada a Richard H. Park, foi inaugurado no Metropolitan Museum em Nova York, numa cerimônia que contou com a presença de grandes personalidades da cultura americana. Na ocasião, o ator teatral Edwin Booth, dos mais respeitados de sua época, fez uma apresentação de obras de Poe. Shakespereano, tido, inclusive na Europa, como o melhor intérprete de Hamlet, Edwin Booth não deve ser confundido com seu irmão, também ator, John Wilkes Booth, que, em 1865, assassinou o presidente americano, Abraham Lincoln.

Desde 1994, essa estátua encontra-se no Poe Museum, em Richmond, Virgínia.

Como coroamento de uma vida dedicada às letras, Poe, em 1910, entrou para o Hall da Fama, em Nova York.

Capítulo 24

Por que ler Poe?



The
Edgar Allan Poe
MYSTERY SHOW!

Boris
KARLOFF
Bela **LUGOSI**

The
RAVEN

IRENE WARE
LESTER MATTHEWS
INEZ COURTNEY
A Realart Picture
Released by FILM CLASSICS, INC.

O Corvo: cartaz do filme protagonizado por Boris Karloff e Bela Lugosi.

*“ Na primeira vez que abri um de seus livros, vi,
para minha surpresa e delícia, não apenas certos
temas com os quais havia sonhado, mas
sentenças inteiras nas quais eu próprio teria
pensado, escritas por ele vinte anos atrás. ”*

Charles Baudelaire (1821-1867).

Esteta, crítico mordaz, ensaísta,
excêntrico, criador do gênero
policial, pioneiro da ficção
científica, mestre do suspense e
do terror.

Se esses não forem motivos suficientes para atrair a atenção do leitor, vamos lembrar que Poe influenciou grandes escritores, poetas, músicos, dramaturgos, cineastas. Seu legado chega até nossos dias.

Na música, Claude Debussy compôs óperas baseadas em “A queda da casa de Usher” e “O diabo no campanário”. Uma pena que tenha morrido antes de completá-las. O russo Sergei Prokofiev também usou obras do poeta como inspiração. Maurice Ravel creditou ao ensaio de Poe sobre a gênese do poema seu aprendizado da técnica musical. Na música popular, Joan Baez cantou músicas que fazem referência a personagens de Poe. Até na capa do disco dos Beatles *Sgt. Pepper’s Lonely Hearts Club Band* aparece seu rosto em um canto.

No cinema, fiquemos com Alfred Hitchcock, para não falar de tantos outros. O diretor inglês afirmava que seu interesse pelo suspense havia nascido ao ler Poe. São dois mestres que sabem como arrepiar as audiências.

Na literatura, então, a lista é interminável. Poe deixou imensa filiação literária. Tido por H. P. Lovecraft como seu “deus da ficção”, exerceu influência sobre grandes nomes, como Proust, Dostoiévski, Mallarmé, Paul

Valéry, Kafka, Cortázar, Joseph Conrad, Henry James, Faulkner, Vladimir Nabokov, entre muitos outros. Sem esquecer, é claro, o famosíssimo Stephen King, lídimo representante de Poe nos dias atuais, além de toda a coorte de vampiros e outros terrores que habitam a lista dos livros mais vendidos.

Na cultura norte-americana e nos esportes, o poeta está presente em camisetas, mouse pads, canecas e demais suvenires. Existe até mesmo um time de futebol, o Baltimore Ravens (Os Corvos de Baltimore), cujas três mascotes se chamam Edgar, Allan e Poe.

Ele é também objeto de indagação psicanalítica: complexo de Édipo? Bipolaridade? Qual o mal que afligia a alma de Edgar Allan Poe e se extravasou em sua obra?

Impossível reduzi-lo a categorias. O importante é que continua sendo um ícone moderno.



A Máscara da Morte Rubra: dois cartazes para o filme de Roger Corman, em 1964.



O Poço e o Pêndulo: dois cartazes para a versão cinematográfica com Barbara Steel e Vincent Price, 1961.

Capítulo 25

Os filhos de Dupin

*“Poe é, no meu entendimento, o supremo escritor
de contos de todos os tempos.”*

Sir Arthur Conan Doyle (1859-1930).

Sherlock Holmes, Hercule
Poiret, Comissário Maigret,
Nero Wolfe... quem não ouviu
falar deles? Holmes, criação do
genial Arthur Conan Doyle;
Poiret, de Agatha Christie;
Maigret, de Georges Simenon;
Nero Wolfe, de Rex Stout.

Todos detetives famosos, donos de mentes brilhantes que deslindam, de forma científica, crimes aparentemente insolúveis. Um prato cheio para leitores ávidos de aventura e inteligência aliadas ao suspense.

Esses e tantos mais que se seguiram são variações maiores ou menores sobre o mesmo tema, ramificações de uma árvore cuja semente foi lançada por Edgar Allan Poe ao criar Charles Auguste Dupin, o primeiro detetive na história da literatura. Suas três aparições, em “Os crimes da Rua Morgue”, “O mistério de Maria Rogêt” e “A carta roubada”, foram suficientes para criar escola.

Nas palavras de Conan Doyle, “Dupin é imbatível”. Esse é um caso em que o aluno brilhante e famoso em vida se rendeu com humildade diante do gênio criativo daquele a quem considerava mestre.

Acrescentamos, ainda, na mesma categoria de personagem detetivesco, o misantropo William Legrand, em “O escaravelho de ouro”. Por meio de seu intelecto, ele conseguirá descobrir o tesouro enterrado do Capitão Kidd, decifrando uma complicada mensagem criptográfica. Daí em diante há toda uma geração de escritores que usam o tema: o exercício intelectual da procura de um objeto, seja ele um tesouro ou qualquer outra coisa, acaba por significar muito mais do que a descoberta em si.

Capítulo 26

Dizem, mas não
provam

“ Vocês que leem estão ainda entre os vivos, mas eu, que escrevo, desde há muito ingressei no reino das sombras. Pois, em verdade, coisas estranhas acontecerão, e coisas secretas serão reveladas, e muitos séculos decorrerão antes de os homens terem conhecimento destas memórias. E, quando o tiverem, demonstrarão uns descrença, outros dúvida; poucos hão de achar sobre que refletir nas palavras aqui traçadas com pena de ferro. ”

E.A.P., *Sombra* – Uma Parábola.

Teria Poe sido realmente um alcoólatra, conforme a imagem que nos passou seu executor literário?

Que ele afogava as mágoas na bebida é fato. E não eram poucas: família para sustentar, esposa doente, um trabalho estressante e mal remunerado, recusas constantes por parte dos editores.

Ser editor de revistas e jornais é tarefa árdua: prazos a cumprir, agenda, espaço, pauta, notícias, fechamento. Ainda mais se o editor acumular as funções de principal colaborador, escrevendo resenhas de livros, publicando contos, fazendo crítica literária, respondendo a cartas de leitores.

Era isso tudo o que se esperava de Edgar e que fazia multiplicar as vendas. Ele vivia em permanente estado de tensão, com pouco tempo para criar a própria literatura. Fez da bebida, para a qual tinha baixíssima tolerância, sua válvula de escape.

No entanto, era só querer e passava meses e meses sem ingerir uma gota de álcool sequer, perfeitamente sóbrio, o que deixa dúvida quanto a se tratar de um caso patológico de alcoolismo.

Outra questão não comprovada é a de que Poe nunca teria concretizado seu casamento com Virgínia ou mesmo com qualquer outra mulher. Seus amores não passariam de experiências mentais, totalmente platônicas. O

poeta seria um apaixonado pela musa (ou musas) da ocasião, tão somente para alimentar a imaginação criativa. Mulheres frágeis, verdadeiras sílfides que atravessavam sua vida e sua obra de forma quase onírica, sem pulsão sexual. É preciso lembrar que ele sofreu a perda de mulheres lindas desde o começo de sua vida: a mãe, Elizabeth Poe; a primeira inspiração, Jane Stanard; a mãe adotiva, Frances Allan; a esposa idolatrada, Virgínia. O tema mais adequado da poesia, dizia ele, era a morte de uma bela mulher.

Entretanto, se analisarmos sua movimentada vida amorosa, veremos que a história não foi bem essa. Os inúmeros relacionamentos foram públicos e causaram escândalo. Ele chegou a se envolver com mais de uma mulher casada, houve brigas, enfrentamentos, fofocas, cartas anônimas enviadas a Virgínia, que sempre tomou o lado do marido.

As mulheres se engalfinhavam, metaforicamente, por meio de poemas, nos quais trocavam farpas por causa de Poe. Até mesmo a paternidade de uma menina nascida em 1846 foi-lhe atribuída, maculando o nome de uma senhora muito conhecida na sociedade da época. Nada que remeta às heroínas fantasmagóricas de seus contos e poemas.

Será que tanta comoção viria de ligações platônicas? Um homem que, no poema “Para Annie”, destinado a uma mulher casada, dizia sonhar “com seus beijos, suas carícias, seu amor e o céu de seu seio” manteria tanto sentimento apenas na fantasia?

Mais uma indagação interessante diz respeito ao uso de drogas, espalhada principalmente por Rufus Griswold ainda durante a vida do poeta. Ao que se saiba, Poe jamais fez uso delas, a não ser numa tentativa frustrada de suicídio ao ser rejeitado por Sara Helen Whitman. Na ocasião, tomou uma quantidade bem pequena de láudano, insuficiente para matar.

O fato de seus personagens usarem ópio não o torna também um usuário. Sherlock Holmes, adicto de cocaína, não fez de Sir Arthur Conan

Doyle um companheiro de vício. É o velho hábito de misturar criador com criatura, autor com personagem...

Se Baudelaire vislumbrou nas imagens poéticas de Poe semelhanças com as que ele próprio escrevia sob o efeito de drogas, isso pode não passar de mera coincidência criativa.

São muitas as situações que ficariam sem uma resposta categórica. Poe foi uma personalidade conspícua, extravagante, amada e odiada por muitos e muitas e, como tal, alvo de boataria.

Capítulo 27

Uma charada para Dupin

“As circunstâncias e uma certa inclinação de espírito me têm levado a tomar interesse por esses enigmas, e é realmente improvável que o engenho humano possa criar um enigma que ele próprio não possa, com empenho, solucionar. ”

E. A.P., “O escaravelho de ouro”.

Albert Einstein, o criador da teoria da relatividade e Prêmio Nobel em 1921, enviou uma carta datada de 13 de dezembro de 1933 para Richard Gimble, um conhecido colecionador de obras de Edgar Allan Poe.

Nela, Einstein concorda com o pedido de Gimble para que lesse *Eureka*. Três semanas mais tarde, seguiu-se uma segunda carta, na qual o admirável cientista reconhece que muitos dos pensamentos expendidos no poema em prosa “são uma bela realização de uma mente invulgar”. Ele diz ainda que o pensamento cosmogônico de Poe em *Eureka*, tendo em vista o progresso da ciência desde sua publicação, em 1848, é uma prova luminosa de que mesmo uma mente livre tem de ficar presa a seu tempo, independentemente de quanto possa se sentir autônoma. Ou seja, muito do que Poe escreveu em *Eureka* e que se originou de uma palestra, “A cosmogonia do Universo”, acabou por se comprovar anos mais tarde como surpreendentes acertos científicos. Assim como as teorias de Einstein!

Agora, a charada: essas duas cartas, escritas por um gênio sobre a obra de outro gênio, foram leiloadas em 2002, por dez mil dólares. Ninguém

sabe quem é seu dono nem seu atual paradeiro. Estariam perdidas no cosmo?

Por fim, o último grande mistério da vida de Poe: teria sido o explorador Jeremiah Reynolds, admirado pelo escritor e que fez uma expedição ao Polo Sul para verificar se a Terra era oca? Ou um dos cabos eleitorais que deram uísque em quantidade no dia da eleição em Baltimore? Talvez, mesmo, uma personagem forjada pela imaginação de um moribundo?

Fica a pergunta sem resposta: afinal, quem foi Reynolds?

Aperitivos

(para abrir o
apetite do leitor)



Composição gráfica sobre temas de E.A.Poe.

“ *Poe é o escritor dos nervos, e mesmo de algo mais – e o melhor que conheço. Nele toda entrada em assunto é sedutora, sem violência, como turbilhão [...] Nenhum homem, eu repito, jamais contou com mais magia as exceções da vida humana e da natureza [...]* ”

Charles Baudelaire, *Ensaio sobre Edgar Allan Poe*.

“Juro pela minha alma que não posso lembrar-me de como, quando ou mesmo precisamente onde travei conhecimento, pela primeira vez, com lady Ligeia. Desde então, longos anos decorreram, e os muitos sofrimentos por que passei perturbaram-me a memória. Ou talvez não possa recordar-me desses pormenores agora porque, na verdade, o caráter de minha bem-amada, seu raro saber, seu singular embora plácido tipo de beleza, a emocionante e aliciadora eloquência da sua veludosa fala musical, tivessem conquistado meu coração tão furtiva e constantemente que mal me dei conta deles então.”

LIGEIA

“Em Paris, logo ao anoitecer de um dia borrascoso, no outono de 18..., gozava eu a dupla luxúria da meditação e de uma cachimbada em companhia de meu amigo C. Auguste Dupin, em sua pequena biblioteca, *au troisième*, Rue Dûnot, n.º 33, Faubourg St. Germain. Durante uma hora, pelo menos, havíamos mantido profundo silêncio; a um observador casual pareceria estarmos ambos ocupados única e exclusivamente com as volutas de fumaça que enchiam o quarto. No que me diz respeito, todavia, estava eu discutindo mentalmente certos tópicos que haviam constituído o assunto de nossa conversa no período anterior do entardecer. Refiro-me ao caso da Rua Morgue e ao mistério que envolveu o assassinato de Maria Rogêt. Julguei, pois, tratar-se de uma coincidência quando a porta do apartamento abriu-se e por ela entrou nosso velho conhecido, monsieur G., o comissário da polícia parisiense.”

A CARTA ROUBADA

“Para a narrativa muito estranha, embora familiar, que ora começo a escrever, não espero nem peço crédito. Louco, na verdade, seria eu se o esperasse num caso em que meus sentidos rejeitam seu próprio testemunho. Louco, porém, não sou e, com toda a certeza, não estou sonhando. Mas, como amanhã morrerei, quero hoje aliviar minha alma. Meu imediato propósito é o de apresentar ao mundo, de maneira simples, sucinta e sem comentários, uma série de meros acontecimentos que me aterrorizaram, me torturaram e me destruíram. Todavia, não tentarei explicá-los. A mim, outra coisa não representaram senão o horror.”

O GATO PRETO

“É verdade! Sempre fui e sou nervoso, terrivelmente nervoso! Mas por que pretende o senhor que estou louco? A doença aguçou-me os sentidos, não os destruiu nem enfraqueceu. E, antes de tudo, o ouvido apurou-se. Ouço todas as coisas no céu e na terra: ouvi muitas no inferno. Como, então, posso estar louco? Escute! e observe com que lucidez – com que calma eu lhe posso contar a história.

É impossível explicar como a primeira ideia me entrou no cérebro; porém, mal a concebi, ela perseguiu-me dia e noite.”

O CORAÇÃO DELATOR

“Meu caráter ardente, entusiasta e dominador deu-me uma situação preeminente entre meus colegas e, gradualmente, ascendência poderosa sobre todos os que eram mais novos ou da mesma idade que eu; sobre todos, exceto sobre um. Era um aluno que, sem ter comigo qualquer parentesco, tinha o mesmo nome de batismo e o mesmo nome de família, fato este pouco notável, visto que meu nome, apesar de sua nobre origem, era um nome vulgar, um desses nomes que desde tempos imemoriais são também propriedade do povo.”

WILLIAM WILSON

“Não havia criados em casa; tinham ido divertir-se. Eu lhes havia dito que não voltaria senão de manhã e tinha-lhes dado ordens explícitas de não se ausentarem da casa. Tais ordens eram suficientes, sabia-o bem, para fazê-los desaparecer de imediato, tão logo eu lhes voltasse as costas.

Tirando duas tochas de seus suportes e entregando uma a Fortunato, guiei-o através de várias séries de quartos até o arco que levava à adega subterrânea. Desci uma longa e sinuosa escada, pedindo a Fortunato que tivesse cuidado ao acompanhar-me. Chegamos, por fim, ao pé da escada e paramos, por um instante, sobre o chão úmido das catacumbas dos Montresor.”

O BARRIL DE AMONTILLADO

“Durante todo um dia pesado, escuro e úmido de outono, em que nuvens baixas amontoavam-se opressivamente no céu, eu percorri a cavalo um trecho de campo de tristeza singular, e finalmente me encontrei, quando as sombras da noite se avizinhavam, à vista da melancólica Casa de Usher. Não sei como foi – mas, ao primeiro olhar que lancei à construção, uma sensação de insuportável angústia invadiu meu espírito. Digo insuportável porque tal sensação não foi aliviada por nada do que aquele sentimento, quase agradável em sua poesia, com o qual a mente em geral acolhe mesmo as imagens mais cruéis de desolação ou horror. Olhei para a cena que se abria diante de mim – para a casa simples e para a simples paisagem do domínio, para as paredes frias, para as janelas paradas como olhos vidrados, para algumas moitas de junças e para alguns troncos alvacentos de árvores mortas – com uma enorme depressão mental, que só posso comparar com alguma propriedade aos momentos que se sucedem

ao despertar de um fumador de ópio, ao momento amargo de retorno à rotina, ao terrível cair do véu.”

A QUEDA DA CASA DE USHER

N.A.: Os trechos deste capítulo foram tirados de *Histórias Extraordinárias*, seleção, tradução e apresentação de José Paulo Paes. Companhia de Bolso, 2008.



A queda da casa de Usher: lápis e aquarela datada de 1923, de autoria de Harry Clarke.

Nevermore

A poesia mais famosa, no original e em duas traduções.

O corvo

por Fernando Pessoa (1924)

Numa meia-noite agreste, quando eu lia, lento e triste,
Vagos, curiosos tomos de ciências ancestrais,
E já quase adormecia, ouvi o que parecia
O som de alguém que batia levemente a meus umbrais.
“Uma visita”, eu me disse, “está batendo a meus umbrais.
É só isto, e nada mais.”

Ah, que bem disso me lembro! Era no frio dezembro,
E o fogo, morrendo negro, urdia sombras desiguais.
Como eu qu’ria a madrugada, toda a noite aos livros dada
P’ra esquecer (em vão!) a amada, hoje entre hostes celestiais –
Essa cujo nome sabem as hostes celestiais,
Mas sem nome aqui jamais!

Como, a tremer frio e frouxo, cada reposteiro roxo

Me incutia, urdia estranhos terrores nunca antes tais!
Mas, a mim mesmo infundido força, eu ia repetindo,
“É uma visita pedindo entrada aqui em meus umbrais;
Uma visita tardia pede entrada em meus umbrais.
É só isto, e nada mais”.

E, mais forte num instante, já nem tardo ou hesitante,
“Senhor”, eu disse, “ou senhora, decerto me desculpais;
Mas eu ia adormecendo, quando viestes batendo,
Tão levemente batendo, batendo por meus umbrais,
Que mal ouvi...” E abri largos, franqueando-os, meus umbrais.

Noite, noite e nada mais.

A treva enorme fitando, fiquei perdido receando,
Dúbio e tais sonhos sonhando que os ninguém sonhou iguais.
Mas a noite era infinita, a paz profunda e maldita,
E a única palavra dita foi um nome cheio de ais –
Eu o disse, o nome, e o eco disse aos meus ais.

Isso só e nada mais.

Para dentro então volvendo, toda a alma em mim ardendo,
Não tardou que ouvisse novo som batendo mais e mais.
“Por certo”, disse eu, “aquela bulha é na minha janela.
Vamos ver o que está nela, e o que são estes sinais.”
Meu coração se distraía pesquisando estes sinais.

“É o vento, e nada mais.”

Abri então a vidraça, e eis que, com muita negaça,
Entrou grave e nobre um corvo dos bons tempos ancestrais.
Não fez nenhum cumprimento, não parou nem um momento,
Mas com ar solene e lento pousou sobre os meus umbrais,
Num alvo busto de Atena que há por sobre meus umbrais,

Foi, pousou, e nada mais.

E esta ave estranha e escura fez sorrir minha amargura
Com o solene decoro de seus ares rituais.

“Tens o aspecto tosquiado”, disse eu, “mas de nobre e ousado,
Ó velho corvo emigrado lá das trevas infernais!
Dize-me qual o teu nome lá nas trevas infernais.”

Disse o corvo, “Nunca mais”.

Pasmei de ouvir este raro pássaro falar tão claro,
Inda que pouco sentido tivessem palavras tais.
Mas deve ser concedido que ninguém terá havido
Que uma ave tenha tido pousada nos meus umbrais,
Ave ou bicho sobre o busto que há por sobre seus umbrais,

Com o nome “Nunca mais”.

Mas o corvo, sobre o busto, nada mais dissera, Augusto,
Que essa frase, qual se nela a alma lhe ficasse em ais.
Nem mais voz nem movimento fez, e eu, em meu pensamento

Perdido, murmurei lento, “Amigo, sonhos – mortais
Todos – todos já se foram. Amanhã também te vais”.

Disse o corvo, “Nunca mais”.

A alma súbito movida por frase tão bem cabida,
“Por certo”, disse eu, “são estas vozes usuais,
Aprendeu-as de algum dono, que a desgraça e o abandono
Seguiram até que o entono da alma se quebrou em ais,
E o bordão de desp’rança de seu canto cheio de ais

Era este “Nunca mais”.

Mas, fazendo inda a ave escura sorrir a minha amargura,
Sentei-me defronte dela, do alvo busto e meus umbrais;
E, enterrado na cadeira, pensei de muita maneira
Que qu’ria esta ave agoureira dos maus tempos ancestrais,
Esta ave negra e agoureira dos maus tempos ancestrais,

Com aquele “Nunca mais”.

Comigo isto discorrendo, mas nem sílaba dizendo
À ave que na minha alma cravava os olhos fatais,
Isto e mais ia cismando, a cabeça reclinando
No veludo onde a luz punha vagas sobras desiguais,
Naquele veludo onde ela, entre as sobras desiguais,

Reclinar-se-á nunca mais!

Fez-se então o ar mais denso, como cheio dum incenso
Que anjos dessem, cujos leves passos soam musicais.
“Maldito!”, a mim disse, “deu-te Deus, por anjos concedeu-te
O esquecimento; valeu-te. Toma-o, esquece, com teus ais,
O nome da que não esqueces, e que faz esses teus ais!”

Disse o corvo, “Nunca mais”.

“Profeta”, disse eu, “profeta – ou demônio ou ave preta!
Fosse diabo ou tempestade quem te trouxe a meus umbrais,
A este luto e este degredo, a esta noite e este segredo,
A esta casa de ância e medo, dize a esta alma a quem atrais
Se há um bálsamo longínquo para esta alma a quem atrais!

Disse o corvo, “Nunca mais”.

“Profeta”, disse eu, “profeta – ou demônio ou ave preta!
Pelo Deus ante quem ambos somos fracos e mortais.
Dize a esta alma entristecida se no Éden de outra vida
Verá essa hoje perdida entre hostes celestiais,
Essa cujo nome sabem as hostes celestiais!”

Disse o corvo, “Nunca mais”.

“Que esse grito nos aparte, ave ou diabo!”, eu disse. “Parte!
Torna á noite e à tempestade! Torna às trevas infernais!
Não deixes pena que ateste a mentira que disseste!
Minha solidão me reste! Tira-te de meus umbrais!

Tira o vulto de meu peito e a sombra de meus umbrais!”

Disse o corvo, “Nunca mais”.

E o corvo, na noite infinda, está ainda, está ainda

No alvo busto de Atena que há por sobre os meus umbrais.

Seu olhar tem a medonha cor de um demônio que sonha,

E a luz lança-lhe a tristonha sombra no chão há mais e mais,

Libertar-se-á... nunca mais!

O corvo

por Machado de Assis (1883)

Em certo dia, à hora, à hora
Da meia-noite que apavora,
Eu caindo de sono e exausto de fadiga,
Ao pé de muita lauda antiga,
De uma velha doutrina, agora morta,
Ia pensando, quando ouvi à porta
Do meu quarto um soar devagarinho
E disse estas palavras tais:
“É alguém que me bate à porta de mansinho;
Há de ser isso e nada mais”.

Ah! bem me lembro! bem me lembro!
Era no glacial dezembro;
Cada brasa do lar sobre o chão refletia
A sua última agonia.
Eu, ansioso pelo sol, buscava
Sacar daqueles livros que estudava
Repouso (em vão!) à dor esmagadora
Destas saudades imortais
Pela que ora nos céus anjos chamam Lenora,

E que ninguém chamará jamais.

E o rumor triste, vago, brando,
Das cortinas ia acordando
Dentro em meu coração um rumor não sabido
Nunca por ele padecido.
Enfim, por aplacá-lo aqui no peito,
Levantei-me de pronto e: “Com efeito
(Disse) é visita amiga e retardada
Que bate a estas horas tais.
É visita que pede à minha porta entrada:
Há de ser isso e nada mais”.

Minhalma então sentiu-se forte;
Não mais vacilo e desta sorte
Falo: “Imploro de vós – ou senhor ou senhora –
Me desculpeis tanta demora.
Mas como eu, precisando de descanso,
Já cochilava, e tão de manso e manso
Batestes, não fui logo prestemente,
Certificar-me que aí estais”.
Disse: a porta escancarou, acho a noite somente,
Somente a noite, e nada mais.

Com longo olhar escruto a sombra,
Que me amedronta, que me assombra,
E sonho o que nenhum mortal há já sonhado,
Mas o silêncio amplo e calado,

Calado fica; a quietação quieta:
Só tu, palavra única e diletta,
Lenora, tu como um suspiro escasso,
Da minha triste boca sais;
E o eco, que te ouviu, murmurou-te no espaço;
Foi isso apenas, nada mais.

Entro co'a alma incendiada.
Logo depois outra pancada
Soa um pouco mais tarde; eu, voltando-me a ela:
“Seguramente, há na janela
Alguma coisa que sussurra. Abramos.
Ela, fora o temor, eia, vejamos
A explicação do caso misterioso
Dessas duas pancadas tais.
Devolvamos a paz ao coração medroso.
Obra do vento e nada mais”.

Abro a janela e, de repente,
Vejo tumultuosamente
Um nobre Corvo entrar, digno de antigos dias.
Não despendeu em cortesias
Um minuto, um instante. Tinha o aspecto
De um lord ou de uma lady. E pronto e reto
Movendo no ar as suas negras alas.
Acima voa dos portais,
Trepá, no alto da porta, em um busto de Palas;

Trepado fica, e nada mais.

Diante da ave feia e escura,
Naquela rígida postura,
Com o gesto severo – o triste pensamento
Sorriu-me ali por um momento,
E eu disse: “Ó tu que das noturnas plagas
Vens, embora a cabeça nua tragas,
Sem topete, não és ave medrosa,
Dize os teus nomes senhoriais:
Como te chamas tu na grande noite umbrosa?”
E o Corvo disse: “Nunca mais”.

Vendo que o pássaro entendia
A pergunta que lhe eu fazia,
Fico atônito, embora a resposta que dera
Difícilmente lha entendera.
Na verdade, jamais homem há visto
Coisa na terra semelhante a isto:
Uma ave negra, friamente posta,
Num busto, acima dos portais,
Ouvir uma pergunta e dizer em resposta
Que este é o seu nome: “Nunca mais”.

No entanto, o Corvo solitário
Não teve outro vocabulário,
Como se essa palavra escassa que ali disse
Toda sua alma resumisse.

Nenhuma outra proferiu, nenhuma,
Não chegou a mexer uma só pluma,
Até que eu murmurei: “Perdi outrora
Tantos amigos tão leais!
Perderei também este em regressando a aurora”.
E o Corvo disse: “Nunca mais”.

Estremeço. A resposta ouvida
É tão exata! é tão cabida!
“Certamente, digo eu, essa é toda a ciência
Que ele trouxe da convivência
De algum mestre infeliz e acabrunhado
Que o implacável destino há castigado
Tão tenaz, tão sem pausa, nem fadiga,
Que dos seus cantos usuais
Só lhe ficou, na amarga e última cantiga,
Esse estribilho: “Nunca mais”.

Segunda vez, nesse momento,
Sorriu-me o triste pensamento;
Vou sentar-me defronte ao Corvo magro e rudo;
E mergulhando no veludo
Da poltrona que eu mesmo ali trouxera
Achar procuro a lúgubre quimera.
A alma, o sentido, o pávido segredo
Daquelas sílabas fatais,
Entender o que quis dizer a ave do medo

Grasnando a frase: “Nunca mais”.

Assim, posto, devaneando,
Meditando, conjecturando,
Não lhe falava mais; mas se lhe não falava,
Sentia o olhar que me abrasava,
Conjecturando fui, tranquilo, a gosto,
Com a cabeça no macio encosto,
Onde os raios da lâmpada caíam,
Onde as tranças angelicais
De outra cabeça outrora ali se desparziam,
E agora não se esparzem mais.

Supus então que o ar, mais denso,
Todo se enchia de um incenso.
Obra de serafins que, pelo chão roçando
Do quarto, estavam meneando
Um ligeiro turíbulo invisível;
E eu exclamei então: “Um Deus sensível
Manda repouso à dor que te devora
Destas saudades imortais.
Eia, esquece, eia, olvida essa extinta Lenora”.

E o Corvo disse: “Nunca mais”.

“Profeta, ou o que quer que sejas!
Ave ou demônio que negrejas!
Profeta sempre, escuta: Ou venhas tu do inferno

Onde reside o mal eterno,
Ou simplesmente naufrago escapado
Venhas do temporal que te há lançado
Nesta casa onde o Horror, o Horror profundo
Tem os seus lares triunfais,
Dize-me: “Existe acaso um bálsamo no mundo?”
E o Corvo disse: “Nunca mais”.

“Profeta, ou o que quer que sejas!
Ave ou demônio que negrejas!
Profeta sempre, escuta, atende, escuta, atende!
Por esse céu que além se estende,
Pelo Deus que ambos adoramos, fala,
Dize a esta alma se é dado inda escutá-la
No Éden celeste a virgem que ela chora
Nestes retiros sepulcrais.
Essa que ora nos céus anjos chamam Lenora!”
E o Corvo disse: “Nunca mais”.

“Ave ou demônio que negrejas!
Profeta, ou o que quer que sejas!
Cessa, ai, cessa!, clamei, levantando-me, cessa!
Regressa ao temporal, regressa
À tua noite, deixa-me comigo.
Vai-te, não fica no meu casto abrigo
Pluma que lembre essa mentira tua,
Tira-me ao peito essas fatais

Garras que abrindo vão a minha dor já crua.”

E o Corvo disse: “Nunca mais”.

E o Corvo aí fica; ei-lo trepado

No branco mármore lavrado

Da antiga Palas; ei-lo imutável, ferrenho.

Parece, ao ver-lhe o duro cenho,

Um demônio sonhando. A luz caída

Do lampião sobre a ave aborrecida

No chão espraia a triste sombra; e fora

Daquelas linhas funerais

Que flutuam no chão, a minha alma que chora

Não sai mais, nunca, nunca mais!

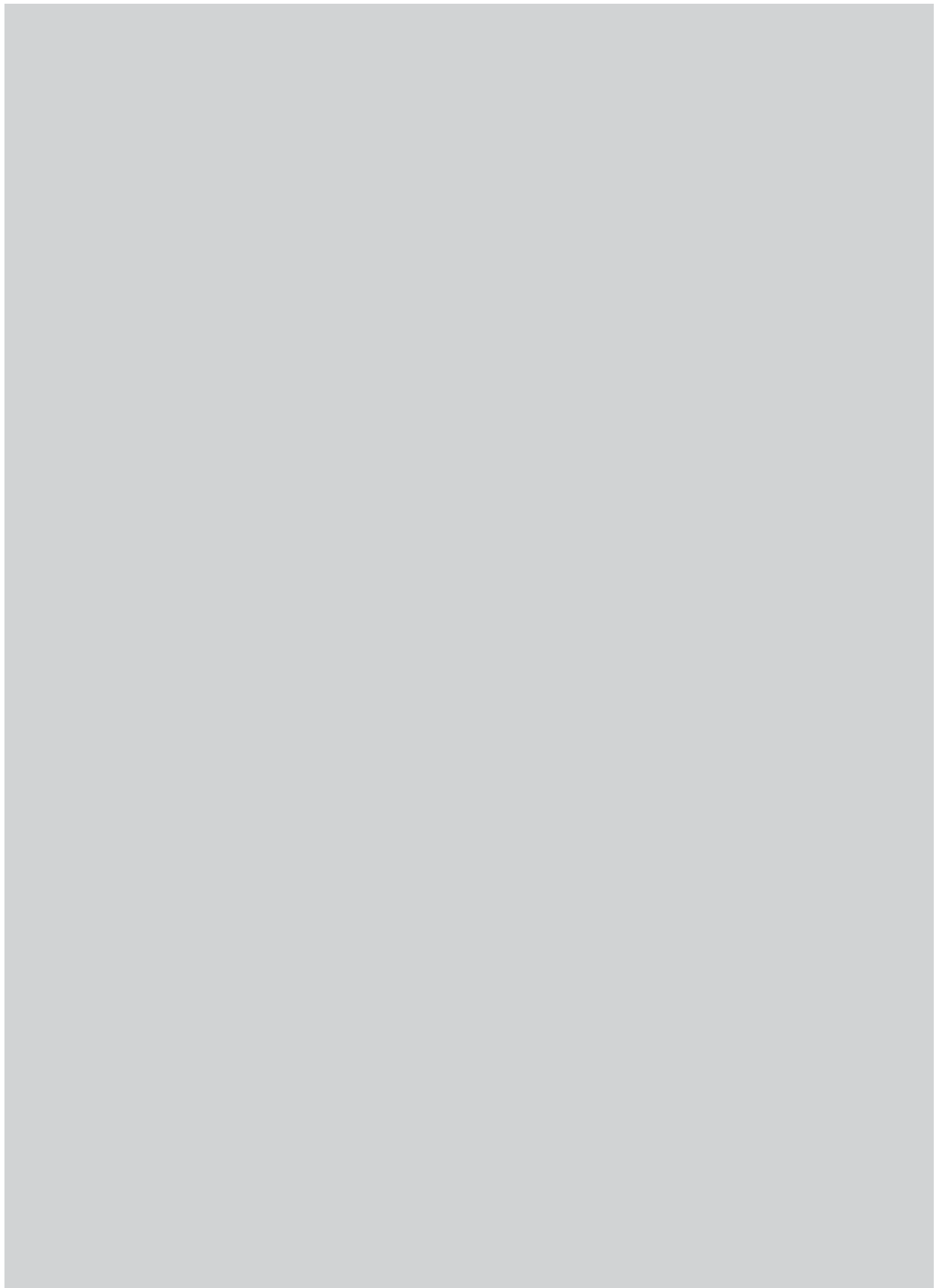
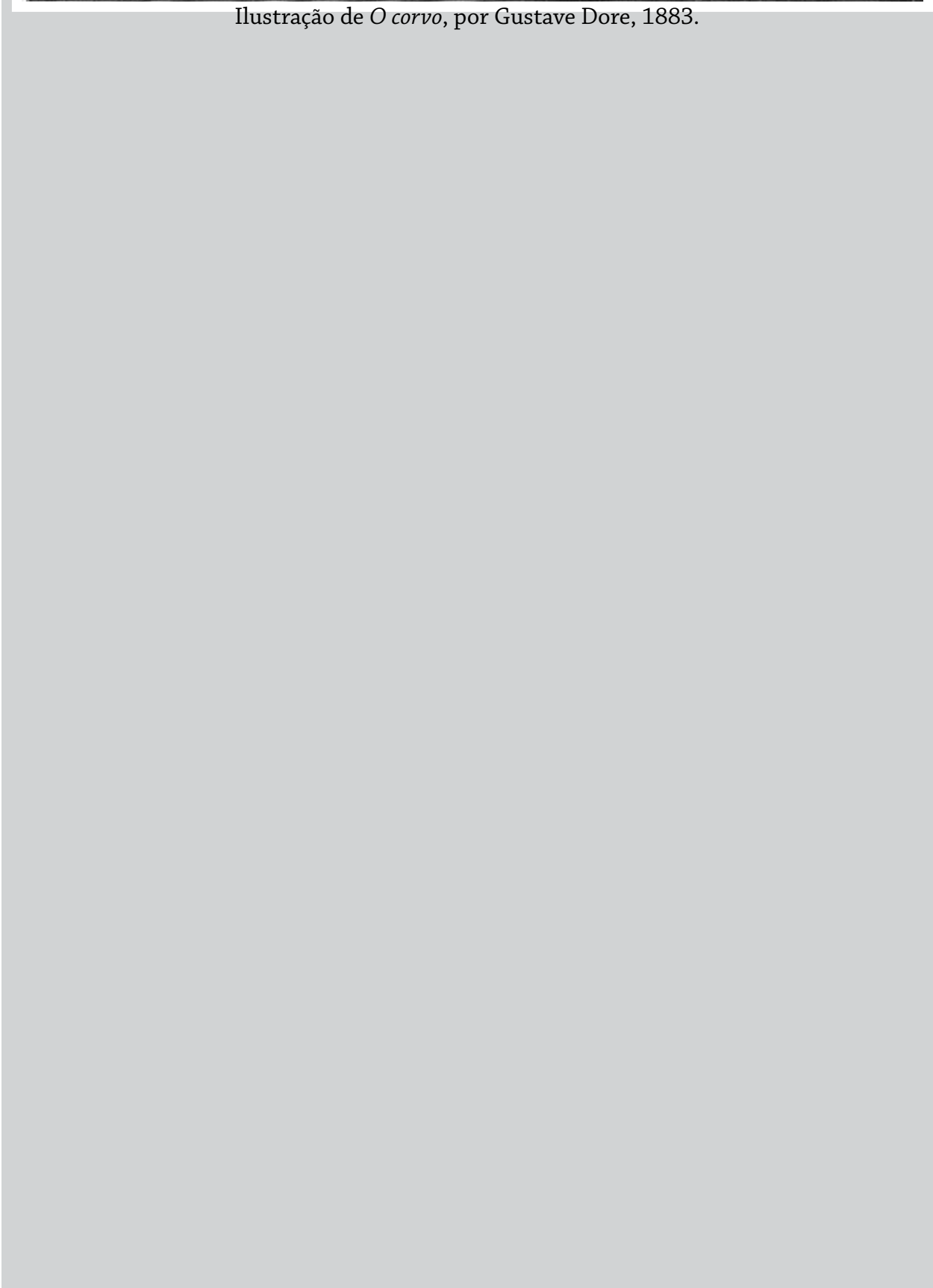




Ilustração de *O corvo*, por Gustave Dore, 1883.



The Raven

Por Edgar Allan Poe (1845)

Once upon a midnight dreary, while I pondered, weak and weary,
Over many a quaint and curious volume of forgotten lore,
While I nodded, nearly napping, suddenly there came a tapping,
As of some one gently rapping, rapping at my chamber door.
“Tis some visitor”, I muttered, “tapping at my chamber door –
– Only this and nothing more.”

Ah, distinctly I remember it was in the bleak December,
And each separate dying ember wrought its ghost upon the floor.
Eagerly I wished the morrow; vainly I had sought to borrow
From my book surcease of sorrow – sorrow for the lost Lenore,
– For the rare and radiant maiden whom the angels name Lenore
– Nameless here for evermore.

And the silken, sad, uncertain rustling of each purple curtain
Thrilled me – filled me with fantastic terrors never felt before;
So that now, to still the beating of my heart, I stood repeating:
“Tis some visitor entreating entrance at my chamber door –
Some late visitor entreating entrance at my chamber door –;
– This it is and nothing more.”

Presently my soul grew stronger: hesitating then no longer,

“Sir”, said I, “or Madam, truly your forgiveness I implore;
But the fact is I was napping, and so gently you came rapping,
And so faintly you came tapping, tapping at my chamber door,
That I scarce was sure I heard you” – here I opened wide the door –
Darkness there and nothing more.

Deep into that darkness peering, long I stood there, wondering, fearing,
Doubting, dreaming dreams no mortals ever dared to dream before;
But the silence was unbroken, and the stillness gave no token
And the only word there spoken was the whispered word, “Lenore!”
This I whispered, and an echo murmured back the word, “Lenore!”
Merely this and nothing more.

Back into the chamber turning, all my soul within me burning,
Soon again I heard a tapping, something louder than before.
“Surely”, said I, “surely that is something at my window lattice;
Let me see, then, what thereat is, and this mystery explore, –
Let my heart be still a moment and this mystery explore –
‘Tis the wind and nothing more.”

Open here I flung the shutter, when, with many a flirt and flutter,
In there stepped a stately Raven of the saintly days of yore.
Not the least obeisance made he, not a minute stopped or stayed he,
But, with mien of lord or lady perched above my chamber door –
Perched upon a bust of Pallas just above my chamber door –
Perched and sat, and nothing more.

Then, this ebony bird beguiling my sad fancy into smiling,

By the grave and stern decorum of the countenance it wore,
“Though thy crest be shorn and shaven, thou”, I said, “art sure no craven,
Ghastly, grim, and ancient Raven, wandering from the nightly shore:
Tell me what thy lordly name is on the Night’s Plutonian shore!”
Quoth the Raven, “Nevermore”

Much I marvelled this ungainly fowl to hear discourse so plainly,
Though its answer little meaning, little relevancy bore;
For we cannot help agreeing that no living human being
Ever yet was blessed with seeing bird above his chamber door –
Bird or beast upon the sculptured bust above his chamber door –
With such name as “Nevermore”.

But the Raven, sitting lonely on that placid bust, spoke only
That one word, as if his soul in that one word he did outpour.
Nothing farther then he uttered, not a feather then he fluttered;
Till I scarcely more than muttered, “Other friends have flown before:
On the morrow he will leave me, as my hopes have flown before.”
Then the bird said, “Nevermore”.

Startled at the stillness broken by reply so aptly spoken,
“Doubtless”, said I, “what it utters is its only stock and store,
Caught from some unhappy master whom unmerciful Disaster
Followed fast and followed faster till his songs one burden bore,
Till the dirges of his Hope that melancholy burden bore
Of “Never- nevermore”.

But the Raven still beguiling all my sad soul into smiling,

Straight I wheeled a cushioned seat in front of bird and bust and door;
Then, upon the velvet sinking, I betook myself to linking
Fancy unto fancy, thinking what this ominous bird of yore,
What this grim, ungainly, ghastly, gaunt, and ominous bird of yore
Meant in croaking, "Nevermore".

This I sat engaged in guessing, but no syllabe expressing
To the fowl, whose fiery eyes now burned into my "bosom's" core;
This and more I sat divining, with my head at ease reclining
On the cushion's velvet lining that the lamplight gloated o'er,
But whose velvet violet lining with the lamplight gloating o'er,
She shall press, ah, nevermore!

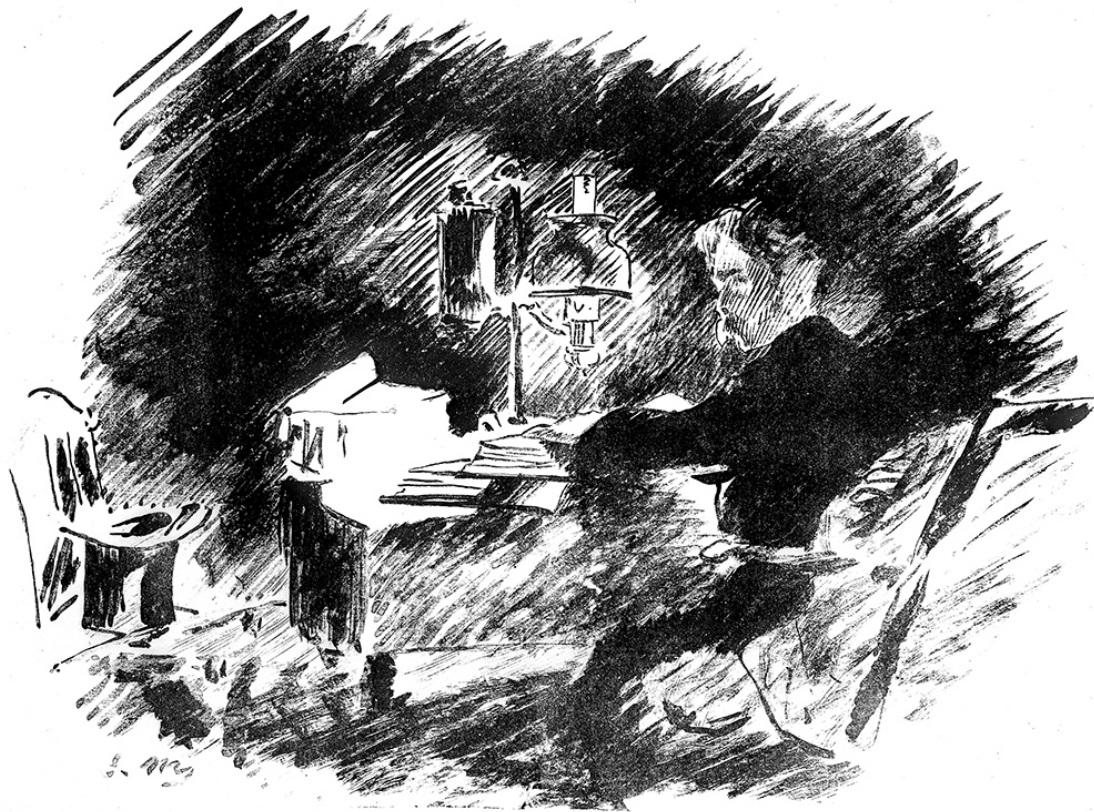
Then, methought, the air grew denser, perfumed from an unseen censer
Swung by seraphim whose foot-falls tinkled on the tufted floor.
"Wretch", I cried, "thy God hath lent thee – by these angels he hath sent
thee
Respite – respite and nepenthe from thy memories of Lenore!
Quaff, oh quaff this kind nepenthe, and forget this lost Lenore!"
Quoth the Raven, "Nevermore".

"Prophet!", said I, "thing of evil! – prophet still, if bird of devil! –
Whether Tempter sent, or whether tempest tossed thee here ashore,
Desolate yet all undaunted, on this desert land enchanted –
On this home by Horror haunted – tell me truly, I implore:
Is there - is there balm in Gilead? – tell me – tell me, I implore!"
Quoth the Raven, "Nevermore".

“Prophet!”, said I, “thing of evil! – prophet still, if bird of devil!
By that Heaven that bends above us, by that God we both adore,
Tell this soul with sorrow laden if, within the distant Aidenn,
It shall clasp a sainted maiden whom the angels name Lenore:
Clasp a rare and radiant maiden whom the angels name Lenore.”
Quoth the Raven, “Nevermore”.

“Be that word our sign of parting, bird or fiend!” I shrieked, upstarting:
“Get thee back into the tempest and the Night’s Plutonian shore!
Leave no black plume as a token of that lie thy soul hath spoken!
Leave my loneliness unbroken! quit the bust above my door!
Take thy beak from out my heart, and take thy form from off my door!”
Quoth the Raven, “Nevermore”.

And the Raven, never flitting, still is sitting, still is sitting
On the pallid bust of Pallas just above my chamber door;
And his eyes have all the seeming of a demon’s that is dreaming,
And the lamplight o’er him streaming throws his shadow on the floor;
And my soul from out that shadow that lies floating on the floor
Shall be lifted – nevermore!



“Sob a lâmpada” (tradução de *O Corvo*, feita por Stéphane Mallarmé, poeta francês, 1842-1898). Ilustração de Edouard Manet (1832-1883).



O ator norte-americano John Cusack no set em Budapeste, Hungria, durante a filmagem de *O Corvo*, no papel de Edgar Allan Poe.

Chegamos ao fim da história do sofrido e multifacetado autor que tantas obras nos legou, visitadas, revisitadas e reeditadas, traduzidas em várias línguas, aplaudidas por séquitos de leitores do mundo todo.

Ler os contos de Poe, encantar-se com seus poemas, recordando as fases da vida em que os escreveu, as circunstâncias que o rodeavam, as esperanças que nutria e a disposição férrea de viver somente da literatura, decerto vão iluminar sua fruição. As duras penas ele conseguiu, o que acrescenta mais um título a sua já extensa biografia: é considerado o primeiro escritor profissional dos Estados Unidos.

Quanto mais lemos Poe, vida e obra, mais surpresas nos aguardam. Por isso, desejo ao leitor uma ótima viagem por um mundo fascinante.

Bibliografia

- ACROYD, Peter. *Poe, a Life Cut Short*. Nova York: The Doubleday Publishing Group, 2008.
- ALLEN, Hervey. *Israfel: The Life and Times of Edgar Allan Poe*. V. 1. 2. ed. Nova York: George H. Doran, 1927.
- _____. *Israfel: Vida e Época de Edgar Allan Poe*. Rio de Janeiro: Livraria do Globo, 1945. v. 1.
- BAUDELAIRE, Charles. *Ensaio sobre Edgar Allan Poe*. São Paulo: Ícone, 2003.
- BLOOMFIELD, Shelley Costa. *Livro Completo de Edgar Allan Poe*. São Paulo: Madras, 2008.
- FISHER, Benjamin F. *Masques, Mysteries and Mastodons: A Poe Miscellany*. Baltimore: The Edgar Allan Poe Society, 2006.
- FUSCO, Richard. *Poe's Legacy for the Detective Story*. Baltimore: Enoch Pratt Free Library and the Edgar Allan Poe Society of Baltimore, 1993.
- KOPLEY, Richard. *Edgar Allan Poe and the Philadelphia Saturday News*. Baltimore: Enoch Pratt Free Library, 1991.
- LJUNGQUIST, Kent. *The Grand and the Fair: Poe in the American Landscape*. Baltimore: Enoch Pratt Free Library, 1983.

LOVECRAFT, Howard Phillips. *O Horror Sobrenatural na Literatura*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987.

POE, Edgar Allan. *Histórias Extraordinárias*. São Paulo: Melhoramentos, 2011.

_____. *Histórias Extraordinárias*. Seleção, tradução e apresentação de José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. *Histórias Extraordinárias de Allan Poe*. Tradução e adaptação de Clarice Lispector. São Paulo: Ediouro, 2003.

_____. *Poemas e Ensaios*. São Paulo: Globo, 2009. (Clássicos Globo, coordenação de Manuel da Costa Pinto.)

_____. *Selected Tales*. Londres: Penguin Books, 1994. (Penguin Popular Classics.)

_____. *The Complete Illustrated Works of Edgar Allan Poe*. Vacaville: Bounty Books, 2004.

_____. *O Escaravelho de Ouro e Outras Histórias*. Coleção L&PM, v. 912, 2011.

SCHMIDT, Ivan. *Edgar Allan Poe: Nunca Estive Realmente Louco*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1998.

PARA SEMPRE POE: Congresso Internacional 200 Anos do Nascimento de Edgar Allan Poe – UFMG, 2009 – Organização: Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras (Pos Lit) e Purdue University, com a

participação especial de G. R. Thompson, professor emérito da Purdue University (English and American Studies – Literature).

Sites

Poe-Eureka, recentemente fundado por Juan Lartigne (México), René van Slooten (Holanda), Hal Poe (Estados Unidos) e Regina Pimentel (Brasil) (www.poe-eureka.com)

The Edgar Allan Poe Society of Baltimore (www.eapoe.org)

The Eureka Project, University of Virginia Library (www.lib.virginia.edu)

Crédito das fotos



Imagem 1

4625-7

©Albert Harlingue / Roger-Viollet/Glowimages



Imagem 2

10371908

©AuthorDEA / G. NIMATALLAH/Glowimages



Imagem 3

0131842

©The Granger Collection, New York/Other Images



Imagem 4

06887u_2

©Library of Congress/Divisão de Impressos e Fotografias, Washington



Imagem 5

3b09963u

©Library of Congress/Divisão de Impressos e Fotografias, Washington



Imagem 6

akg_1038023

©akg-images/Latinstock



Imagem 7

6069

©The Bridgeman Art Library/Grupo Keystone



Imagem 8

16901

©The Bridgeman Art Library/Grupo Keystone



Imagem 9

350236

©The Bridgeman Art Library/Grupo Keystone



Imagem 10

RV1897-13

©Top Foto/Grupo Keystone



Imagem 11

0113636

©The Granger Collection, New York/Other Images



Imagem 12

0368012591

©Mary Evans Picture Library/Other Images



Imagem 13

03789u

©Library of Congress/Divisão de Impressos e Fotografias, Washington



Imagem 14

B368_094779_4862

©Photoshot/Grupo Keystone



Imagem 15

3b36690u

©Library of Congress/Divisão de Impressos e Fotografias, Washington



Imagem 16

ZB1369_1315433

©Photoshot/Grupo Keystone



Imagem 17

AP081204040752

©AP Photo/Rob Carr/Glowimages



Imagem 18

Library of Congress/Divisão de Impressos e Fotografias, Washington



Imagem 19

0023765

©The Granger Collection, New York/Other Images



Imagem 20

B33-591632

©Age fotostock/Grupo Keystone



Imagem 21

3224008

©Hulton Archive/Getty Images



Imagem 22

Southern_lit_mess_poe_1835

©Library of Congress



Imagem 23

83b09971u

©Library of Congress/Divisão de Impressos e Fotografias, Washington



Imagem 24

0050845

©The Granger Collection, New York/Other Images

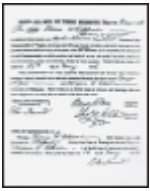


Imagem 25

Akg_21514

©akg-images/Latinstock



Imagem 26

0050846

©The Granger Collection, New York/Other Images



Imagem 27

87932

©The Bridgeman Art Library/Grupo Keystone



Imagem 28

00318291

©Sammlung Rauch/Interfoto/Latinstock



Imagem 29

MBDHOOF_EC113

©Everett Collection/Glowimages



Imagem 30

91860

©The Bridgeman Art Library/Grupo Keystone



Imagem 31

0092063

©The Granger Collection, New York/Other Images



Imagem 32

B368_094779_2754

©The Bridgeman Art Library/Grupo Keystone



Imagem 33

U239293ACME

©Bettmann/Corbis/Latinstock



Imagem 34

IAM-010525

©Age fotostock/Grupo Keystone



Imagem 35

50456646

©Bernard Hoffman/Time Life Pictures/Getty Images



Imagem 36

3g08266u

©Library of Congress/Divisão de Impressos e Fotografias, Washington



Imagem 37

159449

©The Bridgeman Art Library/Grupo Keystone



Imagem 38

196922

©The Bridgeman Art Library/Grupo Keystone



Imagem 39

0070518

©The Granger Collection, New York/Other Images



Imagem 40

00176748

New York Public Library



Imagem 41

20060121_sdr_b09_178

©Zuma Press/Grupo Keystone



Imagem 42

B368_094779_2844

©Age fotostock/Grupo Keystone



Imagem 43

20060121_sdr_b09_175

©Zuma Press/Grupo Keystone



Imagem 44

0400077007

©Lebrecht/Other Images



Imagem 45

50617593

©Peter Stackpole/Time Life Pictures/Getty Images



Imagem 46

20060121_sdr_b09_176

©Zuma Press/Grupo Keystone



Imagem 47

1552-10

©Roger-Viollet/Glowimages



Imagem 48

121771617

©Walter Bibikow/Getty Images



Imagem 49

MMDRAVE_EC005

©Everett Collection/Glowimages



Imagem 50

CIN06347_017

©Photo12/Glowimages



Imagem 51

A7A08A55_100

©Archives du 7e Art/DR/Photo12/Glowimages



Imagem 52

MBDPIAN_EC016

©Everett Collection/Glowimages



Imagem 53

MMDPIAN_EC002

©Everett Collection/Glowimages



Imagem 54

22634-2

©Gid, Raymond / Licenciado por AUTVIS, Brasil, 2012. Foto: ©Pierre Jahan / Roger-Viollet/Glowimages



Imagem 55

76424

©Crawford Municipal Art Gallery, Cork, Ireland / The Bridgeman Art Library
International/Glowimages



Imagem 56

HISL003_EC187

©Everett Collection/Glowimages



Imagem 57

7609-10

©Roger-Viollet/Glowimages



Imagem 58

AP101114028380

©AP Photos/MTI, Bea Kallos/Glowimages



Imagem 59

AP101114029792

©AP Photos/MTI, Bea Kallos/Glowimages

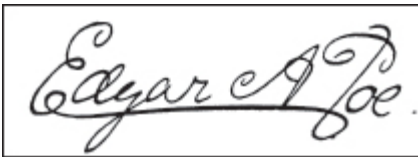


Imagem 60

B33-591633

©Age fotostock/Grupo Keystone

Biografia da autora

Contista e romancista paulistana, Jeanette Rozsas tem trabalhos publicados em jornais e revistas literárias no Brasil e no exterior. Publicou, entre outros, os romances *As Sete Sombras do Gato* (Idea Editora, 2006) e *Morrer em Praga* (Geração Editorial, 2007), cujos direitos de filmagem já foram adquiridos. Seu romance biográfico *Kafka e a Marca do Corvo* (Geração Editorial, 2009) recebeu o prêmio de Melhor Romance Informativo pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ/2010) e foi selecionado pelo Programa Nacional da Biblioteca da Escola (PNBE/2011).

Palestrante convidada em diversas universidades e institutos de pesquisa literária, como a Casa das Rosas (SP), Off Flip (Paraty-RJ), Bienal do Livro, FLIPoços (Poços de Caldas-MG), Fantasticon e Brazilian Endowment for the Arts (NY), Jeanette tem integrado também bancas julgadoras nas categorias conto e romance, junto com Nelson de Oliveira, Marcelino Freire, Anna Maria Martins, Rodolfo Konder, Cláudio Willer, entre outros.

Participa de antologias, dentre as quais destaca *O Zodíaco* (Nova Alexandria, 2005), *O Livro Vermelho dos Vampiros* (Devir/Jacarandá, 2009) e *Antologia de Contos da União Brasileira de Escritores* (Global, 2009), da qual é organizadora, com Fábio Lucas e Levi B. Ferrari.

Está entre as escritoras representativas da contemporaneidade que fazem parte do livro *Mulheres – Prosa de ficção no Brasil*, de autoria de Marcia Cavendish Wanderley (Ibis Libris, 2011).

Edgar Allan Poe – O mago do terror é seu mais recente romance biográfico e foi alicerçado em meticulosa pesquisa, a fim de manter a fidelidade histórica e literária.

Os quatro romances citados acima estão entre os selecionados pelo Projeto de Apoio Cultural da Secretaria de Estado da Cultura – ProAc.



APOIO:



Projeto realizado com o apoio do Governo do Estado de São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura – Programa de Ação Cultural – 2011

Obra conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Projeto gráfico e diagramação: estação design

Pesquisa Iconográfica: Monica de Sousa

Ilustração da capa: Cris Vector

Conversão em ePub: [Simplíssimo Livros](#)

©2011 Jeanette Rozsas

Direitos de publicação:

©2012 Editora Melhoramentos Ltda.

1.ª edição digital, outubro de 2013

ISBN: 978-85-06-00743-3 (digital)

ISBN: 978-85-06-06862-5 (impresso)

Atendimento ao consumidor

Caixa Postal 11541 – CEP 05049-970

São Paulo – SP – Brasil

Tel.: (11) 3874-0880

sac@melhoramentos.com.br

www.editoramelhoramentos.com.br

